UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA

JULIANA SANTANA DOS SANTOS

JUNHO DE 2013 E AS "FRANJAS DA REVERBERAÇÃO" DE UM ACONTECIMENTO NO CONTEXTO SOCIOCULTURAL DE 2018

CUIABÁ – MT
2020

JULIANA SANTANA DOS SANTOS

JUNHO DE 2013 E AS “FRANJAS DA REVERBERAÇÃO” DE UM ACONTECIMENTO NO CONTEXTO SOCIOCULTURAL DE 2018

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso como como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea na Área de Concentração Estudos Interdisciplinares de Cultura, Linha de Pesquisa Cultura e Mediações.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Pinto de Oliveira

Cuiabá-MT
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

S237j Santos, Juliana Santana dos.
JUNHO DE 2013 E AS “FRANJAS DA REVERBERAÇÃO” DE UM ACONTECIMENTO NO CONTEXTO SOCIOCULTURAL DE 2018 / Juliana Santana dos Santos. -- 2020
109 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Pedro Pinto de Oliveira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Cuiabá, 2020.
Inclui bibliografia.

1. Comunicação. 2. Cultura. 3. Acontecimento. 4. Ativismo. 5. Valores. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM [NOME DO PPG]

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO : "Junho de 2013 e as franjas da reverberação de um acontecimento no contexto sociocultural de 2018"

AUTORA : Mestranda Juliana Santana dos Santos

Dissertação defendida e aprovada em 24/03/2020

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

1. Doutor Pedro Pinto de Oliveira (Presidente da Banca / Orientador)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

2. Doutor Benedito Dielcio Moreira (Examinador Interno)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

3. Doutor Ricardo Duarte Gomes da Silva (Examinador Externo)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

CUIABÁ, 24/03/2020.

Documento assinado eletronicamente por **GLAUCOS LUIS FLORES MONTEIRO**, **Técnico Administrativo em Educação do PPG E.C.Contemporânea / FCA - UFMT**, em 24/03/2020, às 11:21,

conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Pedro Pinto de Oliveira**, **Usuário Externo**, em 26/03/2020, às 12:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Benedito Dielcio Moreira**, **Usuário Externo**, em 09/04/2020, às 10:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Ricardo Duarte Gomes da Silva**, **Usuário Externo**, em 09/04/2020, às 10:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2319542** e o código CRC **56633CEC**.

Referência: Processo nº 23108.010412/2020-15 SEI nº 2319542

AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer é muito importante e significativo para mim, mas ao mesmo tempo é um trabalho árduo, é complicado lembrar-se de todos ou mensurar suas devidas importâncias. Relatado essa possibilidade de erro, creio que seja possível começar em uma certa ordem cronológica.

Agradeço primeiramente a Deus pela minha saúde, por me dar forças para continuar e por me guiar sempre pelo melhor caminho.

Ao professor Antônio Sebastião da Silva, meu orientador durante a graduação do curso de Jornalismo, por sempre me incentivar a conhecer o universo da pesquisa e por ter colaborado para o meu ingresso no mestrado com dicas e mensagens de apoio.

A Carolina da Silva Costa, por todas as conversas e trocas de informação durante o processo seletivo para o mestrado.

Ao meu orientador professor Pedro Pinto de Oliveira, pela sua paciência, suas palavras de motivação, por acreditar em mim e no meu trabalho, por ser sempre tão solícito e compreensivo.

Ao corpo docente e servidores técnicos do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, pelos esforços em prol da pesquisa e do crescimento acadêmico da instituição.

A banca examinadora professores Ricardo Duarte Gomes da Silva e Benedito Dielcio Moreira pela disponibilidade e pelas contribuições neste trabalho.

A minha amada mãe Josefa de Melo Santana e a minha irmã Fernanda A. Santana dos Santos, por todo apoio de sempre, por estarem comigo em todos os momentos, e por me ensinar a ser uma mulher forte e corajosa.

Ao meu pai Fernando Luiz Freire dos Santos, por me mostrar desde a infância que a educação e o conhecimento são os melhores caminhos.

Ao Felipe Michelson, por ouvir todas minhas lamentações e choros de desespero, pelos conselhos e apoio, por todo carinho e horas de viagem entre Barra do Garças e Cuiabá.

Aos colegas de trabalho do Câmpus de Várzea Grande, por me receberem tão bem e por vibrarem com minhas conquistas.

Agradeço também aos colegas do mestrado que tornaram a caminhada um pouco mais fácil: Mirian, Ariana, Karla, Jordan, Marcela, Francisval, e Gracielly.

RESUMO

Durante o ano de 2013 ocorreram pelo Brasil diversas manifestações que tiveram início na cidade de São Paulo devido ao aumento da tarifa do transporte público, mas logo as reivindicações foram ampliadas e se espalharam por todo país, desde capitais a cidades de interior. Estas manifestações ficaram conhecidas como "Junho de 2013". A partir deste acontecimento destacamos três grupos/agrupamentos ativistas que protagonizaram os protestos de 2013, são eles: MBL, Mídia Ninja e Black Bloc. Identificamos e analisamos os valores postos em ação por estes grupos a partir das manifestações de 2013 e como estes valores reverberaram ou não no contexto sociocultural de 2018. Como procedimento metodológico, selecionamos nove vídeos para análise, três de cada grupo, de diferentes momentos desde 2013 até 2018, no qual, observamos o que nominamos como as "franjas da reverberação". Tomamos como fundamentação os conceitos operacionais de enquadramento e performance de Erving Goffman. Nosso eixo teórico é a ideia relacional da comunicação de Vera França, na qual, buscamos apreender a globalidade e a circularidade dos processos comunicativos e a inter-relação dos elementos envolvidos em suas dinâmicas: a interlocução entre os sujeitos; a materialidade simbólica (o discurso) e o contexto sociocultural. Incorporamos ainda a noção de acontecimento de Louis Quéré e a noção da teoria crítica de valor do filósofo John Dewey.

Palavras-chave: Comunicação. Cultura. Acontecimento. Ativismo. Valores.

ABSTRACT

During 2013, several demonstrations took place in Brazil that began in the city of São Paulo due to the increase in public transport fare, but soon the demands were expanded and spread throughout the country, from capitals to inland cities. These events were known as "June 2013". From this event, we highlight three activist groups / groups that led the protests of 2013, they are: MBL, Mídia Ninja and Black Bloc. We identified and analyzed the values put into action by these groups from the 2013 demonstrations and how these values reverberated or not in the sociocultural context of 2018. As a methodological procedure, we selected nine videos for analysis, three from each group, from different moments from 2013 to 2018, in which, we observe what we call the “reverb fringes”.We take Erving Goffman's operational concepts of framing and performance as a foundation. Our theoretical axis is Vera França's relational idea of communication, in which we seek to apprehend the globality and circularity of communicative processes and the interrelation of the elements involved in their dynamics: the interlocution between the subjects; symbolic materiality (the discourse) and the sociocultural context.We also incorporate the notion of event by Louis Quéré and the notion of the critical theory of value by the philosopher John Dewey.

Keywords: Communication. Culture. Event. Activism. Values.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Redução das taxas de analfabetismo no Brasil entre 1950 e 1970

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ficha técnica do vídeo Ninja Ruas”

Quadro 2 – Ficha técnica do vídeo “2013 e 2016 – Um pequeno comparativo”

Quadro 3 – Ficha técnica do vídeo “Henrique Vieira – Porque não votar em Bolsonaro”

Quadro 4 – “15 DE MARÇO - A Maior Manifestação da História do Brasil”

Quadro 5 – Ficha técnica do vídeo “A tortura em um protesto do Passe Livre”

Quadro 6 – Ficha técnica do vídeo “O treino acabou, a guerra começa agora! Retrospectiva 2018”.

Quadro 7 – Ficha técnica do vídeo “Vídeo explicativo!”

Quadro 8 – Ficha técnica do vídeo “Nem Dilma, nem Aécio! Abaixo a farsa eleitoral”

Quadro 9 – Ficha técnica do vídeo “Papo Reto!!!”

Quadro 10 – Valores postos em ação grupo Mídia Ninja

Quadro 11 – Valores postos em ação grupo MBL

Quadro 12 – Valores postos em ação grupo Black Bloc

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO p.04

1. BREVE PANORAMA DO PROTAGONISMO DA JUVENTUDE p.05

1.1 Maio de 1968 . . . . . p.09

1.2 Contracultura: Movimento Hippie p.11

1.3 Contracultura e Ativismo Jovem no Brasil p.13

1.4 Movimentos Estudantis contra a Ditadura Militar no Brasil p.15

1.5 Caras Pintadas p.16

1.6 O Ativismo Jovem Na Web . . . . . p. 17

2. MÍDIA NINJA, MBL E BLACK BLOCS p.19

2.1 Surgimento do Mídia Ninja p.19

2.1.1 Mídia Ninja e as Manifestações de Junho de 2013 . . . . . p.23

2.1.2 Mídia Ninja na Tv Aberta – Programa Roda Viva . . . . . p. 26

2.1.3 Mídia Ninja Após o Junho de 2013 . . . . . p. 28

2.2 Surgimento do Movimento Brasil Livre (MBL) p.29

2.2.1 As Bandeiras do MBL p.31

2.2.2 MBL e as "Guerras Culturais". . . . . p. 33

2.2.3 MBL: De Grupo Ativista a Partido Político . . . . . p. 34

2.3 Black Blocs p.36

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA . . . . . p. 41

3.1 A Ideia Relacional da Comunicação p.41

3.2 Acontecimento . . . . . p. 42

3.3 Teoria da Valoração de John Dewey . . . . . p. 45

3.4 Enquadramento e Performance como Conceitos Operadores p.48

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS . . . . . p. 52

5. ANÁLISE p.64

5.1 Ninja Ruas (Publicado em 17 de Julho de 2013) . . . . . .p. 64

5.1.1 2013 e 2016 – Um Pequeno Comparativo (Publicado em 08 de Dezembro de 2016) p.67

5.1.2 Henrique Vieira – Porque Não Votar em Bolsonaro (Publicado em 31 de Julho de 2018) . . . . . p. 69

5.1.3 Considerações Sobre os Valores Postos em Ação Pelo Grupo Mídia Ninja . p.70

5.2 15 de Março – A Maior Manifestação da História do Brasil (Publicado em 18 de Março de 2015) . . . . . p. 74

5.2.1 A Tortura em um Protesto do Passe Livre (Publicado em 12 de Janeiro de 2016) p.75

5.2.2 O Treino Acabou, a Guerra Começa Agora! Retrospectiva 2018 (Publicado em 29 de Novembro de 2018) p.78

5.2.3 Considerações sobre os Valores Postos em Ação pelo Grupo Movimento Brasil Livre . . . . . p. 81

5.3 Vídeo Explicativo! (Publicado em 04 de Agosto de 2013) . . . . . p. 84

5.3.1 Nem Dilma, Nem Aécio! Abaixo a Farsa Eleitoral! (Publicado em 24 de Outubro de 2014) . . . . . p. 86

5.3.2 Papo Reto!!! (Publicado em 19 de Outubro de 2018) p.88

5.3.3 Considerações sobre os Valores Postos em Ação pelo Grupo Black Bloc . . p.90

6. DISTINÇÕES E APROXIMAÇÕES NAS PERFORMANCES MIDIÁTICAS DOS GRUPOS . . . . . p. 94

CONSIDERAÇÕES FINAIS . . . . . p. 99

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS . . . . . .p. 102

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2013, especificamente no mês de junho, o Brasil viveu um acontecimento que faz parte da nossa história recente. Há muito tempo o país não via manifestações de grande porte como as que aconteceram em 2013. A população encontrava-se insatisfeita com os escândalos de corrupção da política nacional, e com as decisões impopulares do governo como, por exemplo, os gastos de milhões de reais para sediar a Copa do Mundo de 2014, colocando em contraponto insatisfações sociais que ia desde muitos hospitais pelo país sucateados, saúde pública em carência cotidiana, profissionais da educação com salários atrasados e o aumento da passagem do transporte público em São Paulo, foram o "estopim" para que a população tomasse as ruas e ecoasse sua voz contra tudo, em especial contra a política e os governos, estaduais e federais. Este acontecimento tomou as ruas e as redes cuja organização tomou força principalmente pelo Facebook.

Junho de 2013 além de afetar tantos brasileiros também foi objeto de muitos estudos e pesquisas científicas. Para efeito de apresentação de um resumo do estado da arte, no Catálogo de teses e dissertações da Capes, encontramos vários trabalhos sobre o acontecimento com diferentes enfoques (a cobertura das mídias tradicionais sobre as manifestações, sobre o midiativismo e as mídias alternativas, o uso das redes sociais para mobilização, a poesia na tomada das ruas em 2013, como é tratado a memória das manifestações na contemporaneidade), no entanto não encontramos nenhuma pesquisa que tenha proposto analisar os valores postos em ação durante as manifestações e suas consequências futuras valores para anos seguintes.

Considerando que uma teoria da valoração é sempre uma crítica aos valores compartilhados em uma sociedade que afetam diretamente a vida de todos, seja nos modos de comportamentos, nas ideologias, nas práticas sociais e culturais e relação das instituições com os diferentes públicos. E que no contexto cultural e político atual no Brasil, o conflito entre os grupos sociais vem assumindo uma escala cada vez mais forte seja nos enfrentamentos pelas redes sociais ou nas ruas, inclusive com o uso de violência. Uma polarização política com

diferentes estratégias comunicativas e de valores em embate. Grupos que brigam entre si e não acreditam mais nas instituições, mas sim em "salvadores da pátria", algum indivíduo que será capaz de tirar o país da crise e fazer diferente de todos os outros. Torna-se imprescindível um estudo que aponte os valores que levam a sociedade a se organizar e a se constituir pelo conflito.

Para isso, destacamos três grupos ativistas que tiveram grande participação nas manifestações de 2013 são eles: *Mídia Ninja* (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), MBL (Movimento Brasil Livre) e *Black Bloc* (Bloco Negro) a fim de apreender as franjas da reverberação[1] desse acontecimento no contexto sociocultural de 2018. Identificar e refletir se os valores postos em ação por estes grupos de ativismo a partir de "Junho de 2013" tiveram ou não continuidade em 2018 e de que forma isso ocorreu.

Adotamos alguns pensadores fundamentais para dialogar com o tema: Vera França que contribui para o nosso trabalho com suas discussões sobre a ideia relacional da comunicação nosso eixo teórico; Louis Quéré com suas noções sobre acontecimento; o filósofo pragmatista clássico John Dewey para a discussão a respeito de valores e Erving Goffman para aplicação dos conceitos operacionais de enquadramento e performance.

Nossa pesquisa segue a seguinte estrutura: no primeiro capítulo temos uma contextualização sobre o protagonismo da juventude nos movimentos sociais; no segundo capítulo discutimos sobre o surgimento dos grupos ativistas selecionados, contando sobre sua trajetória, seus líderes e fundadores; no terceiro capítulo apresentamos nossa fundamentação teórica; no quarto capítulo exibimos os procedimentos metodológicos apresentando os vídeos selecionados para análise e o critério de seleção; no quinto capítulo analisamos os vídeos de cada grupo; no sexto capítulo comparamos a performance midiática dos grupos ativistas; e por fim, nossas considerações finais.

1.1 BREVE PANORAMA DO PROTAGONISMO DA JUVENTUDE

[1] O termo "franjas da reverberação" foi criado pelo Professor Dr. Pedro Pinto de Oliveira trata-se de uma metáfora para nos referirmos aos pontos de um acontecimento que ainda são sentidos numa outra temporalidade, podemos ter vários elementos, estéticos, de valores, de consequências práticas.

No acontecimento “junho de 2013” o jovem foi o grande protagonista das manifestações, a exemplo, dos grupos selecionados para análise da presente pesquisa. São compostos grupos com o perfil de juventude, com suas lideranças pessoas jovens.

A participação do jovem em protestos e na formação de grupos de ativismo assumindo um papel de protagonismo na sociedade não é algo recente. A fim de contextualizar a presença da juventude nos movimentos sociais, resgatamos neste capítulo um breve panorama de acontecimentos a partir da década de sessenta do século passado na Europa e seus reflexos pelo mundo e que foram organizados por estudantes e universitários.

Esse recorte histórico que incorporamos situa-se a partir da Europa no pós-guerra, nos anos de 1960, onde as manifestações sociais ficaram caracterizadas pela transgressão de padrões de valores estabelecidos. Em outras palavras, os jovens manifestantes buscavam definir novos valores, novos modos de se viver. Em seus atos conseguiram transgredir até as formas tradicionais de ação política que caracterizavam a esquerda.

> Os jovens contestadores que realizaram esses movimentos negavam as práticas e as concepções dos partidos tradicionais da esquerda. Ou eram dissidentes desses partidos, formando novas organizações políticas, ou participavam do grande contingente de massa que realizava as manifestações de protesto, recusando qualquer vinculação partidária e posicionando-se de fato fora da esfera de poder de qualquer organização (CARDOSO,2005, p.94).

Esta característica dos protestos dos jovens de 1968 também esteve presente nas manifestações do Junho de 2013, onde os manifestantes se apresentavam como apartidários e negavam bandeiras pré-estabelecidas, a fim de definir e defender seus novos valores.

Na década de 1960 ocorreram diversos protestos entre eles: as manifestações de massa contra a guerra do Vietnã[2], protestos contra a discriminação racial e movimentos estudantis nos EUA, o “maio de 1968” na França, movimentos estudantis em diversos países da Europa, e a Primavera de Praga. Todos estes movimentos sociais obtiveram participação em massa de jovens e romperam com o modo de fazer política tradicional essas manifestações propunham uma “nova definição de revolução”, mantendo o nome herdado da tradição porém redefinindo seu significado e sua prática” (CARDOSO, 2005, p. 95).

---

[2] As manifestações contra a Guerra do Vietnã foram organizadas principalmente pelos movimentos de contracultura tendo a participação de jovens, grupos pacifistas e população em geral que foram as ruas pedir a saída dos Estados Unidos da Guerra do Vietnã e o retorno imediato das tropas. Diante do edifício do Pentágono em Washington, reuniram-se cerca de cem mil pessoas para protestar contra a participação americana no Vietnã. Na Europa a Guerra também era desaprovada e houve mobilização popular em todo continente. Em 1968, a Campanha de Solidariedade ao Vietnã levou às ruas de Londres dezenas de milhares de estudantes, que marcharam até a Embaixada dos EUA, em Grosvenor Square, exigindo o fim da guerra.

As lutas nos anos sessenta tinham em comum o questionamento do presente e o intuito de uma transformação social, no entanto elas não eram homogêneas em questões teóricas e práticas.

> Vários desses movimentos, que mobilizaram temáticas que guardavam uma proximidade maior ou menor com suas tradições de revolta, ainda que tivessem uma dimensão internacional, não foram, de modo algum, homogêneos. Atravessados por divisões e disputas de caráter político e ideológico, não se constituíram como movimentos identitários. Essas divisões e disputas em certos casos significaram orientações dos movimentos ou de parte deles, que não tinham propriamente um conteúdo de revolta, mas expressavam reivindicações direcionadas a uma maior inclusão na sociedade. Os movimentos estudantis, mesmo os de maio de 1968, manifestaram esse tipo de divisão: desde a posição radical de negação da universidade burguesa até posições de modernização da universidade que visavam a uma maior inclusão dos egressos, em um momento em que já era visível a situação de "perda de valor da escola" e de incapacidade de absorção pelo mercado de trabalho de uma qualificação em massa (CARDOSO, 2005, p. 101).

Esta é outra característica que podemos associar aos protestos de Junho de 2013, a população clamava nas ruas por uma transformação, por uma mudança, no entanto os discursos, as ideologias e as performances não eram homogêneas, proporcionando inclusive conflitos entre os próprios manifestantes.

O conflito sempre esteve presente nos movimentos sociais, seja entre a população e o Estado, entre os próprios manifestantes e até mesmo entre as gerações. É importante ressaltar que ao longo da história, os jovens se viam inseridos num mundo repleto de pessoas mais velhas, que ocupavam posições de poder e eram vistas como referência, no entanto isso começou a mudar a partir dos anos sessenta devido ao aumento demográfico de jovens. "Parecia que a Europa estava cheia de jovens — na França, em 1968, o contingente em idade estudantil (pessoas entre 16 e 24 anos) chegava a 8 milhões, constituindo 16,1% do total da população nacional" (JUDT, 2007, p. 416).

Este aumento populacional de jovens fez com que o Estado começasse a se preocupar com a forma que iriam educá-los, pois até a década de 1950 a maioria dos jovens deixava a escola após o ensino fundamental entre os 12 e 14 anos de idade. O ensino médio na época era privilégio das classes média e alta.

De acordo com JUDT (2007), pelo fato da Europa se encontrar num contexto de um ciclo mais abrangente de reformas sociais, os governos no pós-guerra introduziram uma série de importantes mudanças na educação.

> No Reino Unido, a idade mínima permitida para deixar a escola subiu para 15 anos em 1947 (e para 16 em 1972). Na Itália, onde, na prática, a maioria das crianças nos primeiros anos do pós-guerra ainda deixava a escola aos 11 anos, a idade mínima subiu para 14 em 1962. O número de crianças que estudavam em tempo integral na Itália dobrou na década de 1959-1969. Na França, que em 1950 contava com apenas 32 mil bacheliers (graduados do ensino médio), esse número aumentaria quase cinco vezes no decorrer das próximas duas décadas; já em 1970, bacheliers representavam 20% do total da respectiva faixa etária (JUDT, 2007, p. 416).

Essas mudanças no âmbito da Educação fomentaram uma divisão cultural, pois antes tínhamos uma maioria que era limitada apenas aos conhecimentos básicos (ler e escrever) e uma minoria (elite) privilegiada que concluía o ensino médio e recebia o diploma. Com as mudanças na educação, essas instituições de ensino passaram a abrir as portas a um grupo cada vez maior de jovens provenientes de todas as classes sociais. "À medida que um número crescente de alunos passava pelos sistemas de ensino médio, formava-se um hiato entre o mundo desses estudantes e o conhecido por seus pais" (JUDT, 2007, p. 416-417).

Este distanciamento entre as gerações constituiu por si só uma verdadeira revolução social, isso era algo novo, pois até o momento os mais velhos eram vistos como exemplo, mas para a geração dos anos 60 eles eram o exemplo do que não ser. A juventude enxergava os mais velhos como uma geração que relutava em se transformar. Ainda de acordo com Judt:

> Se muito da cultura musical comercial nos anos 60 parecia versar sobre sexo — ao menos até se desviar, brevemente, para drogas e política —, isso também era, em grande medida, questão de estilo. Mais jovens viviam longe dos pais, e o faziam cada vez mais cedo. Os anticoncepcionais se tornavam mais seguros, mais práticos e legais. A exibição pública do corpo desnudo e de demonstrações de incontida devassidão sexual em filmes e na literatura tornaram-se mais comuns, ao menos no noroeste da Europa. Por todos esses motivos, a geração mais velha dizia-se convicta de que o controle sexual havia entrado em colapso total — e os filhos sentiam prazer, ao fomentar o pesadelo dos pais (JUDT, 2007, p. 421).

A geração anos 60 insistia em se parecer diferente e para isso eles enfatizavam o estilo seja em roupas, cabelo, maquiagem e acessórios da moda que acabaram se tornando identificação etária e política.

> O estilo Carnaby Street — clonado por toda a Europa Ocidental (embora de modo menos marcante na Itália) — enfatizava roupas coloridas e justas, sugerindo algo andrógino e propositadamente mal adaptável a pessoas com mais de trinta anos. Nos três anos seguintes, calças justas, de veludo cotelê

> vermelhas, e camisetas pretas colantes da New Man tornaram-se o uniforme dos manifestantes nas ruas de Paris e foram copiadas em toda parte. A exemplo de tudo mais relacionado aos anos 60, essas roupas eram confeccionadas por homens e para homens; mas as mulheres jovens também podiam usá-las, e faziam-no cada vez mais. Até as principais casas de moda de Paris foram afetadas; a partir de 1965, os costureiros da cidade produziram mais calças do que saias (JUDT, 2007, p. 421-422).

Outro estilo que estava na moda na época eram os tecidos drapeados em estilo cigano, usados pelos hippies "a moda hippie — obscura e utópica", com uma ética abertamente assexuada, contrária ao Ocidente e ao consumo e favorável à "contracultura" — era importada dos EUA" (JUDT, 2007, p. 422). A moda, a cultura, música e o sexo as vezes visto como superficialidades hoje em dia, para a geração dos anos 60 representava transformação, era um modo de romper com o tempo das gerações passadas.

E se tratando de transformar a sociedade, a teoria que abraçava o ideal dos movimentos da juventude era o marxismo, isso porque na época era a única teoria capaz de relacionar uma interpretação do mundo a um amplo projeto de mudança. No entanto, o proletariado já não era a única força para o processo de transformação social.

> Na região cada vez mais conhecida como Terceiro Mundo, havia outros candidatos: nacionalistas (anticolonialistas) no norte da África e no Oriente Médio; líderes radicais negros nos EUA (que não pertenciam ao Terceiro Mundo, mas que com ele se identificavam) e camponeses guerrilheiros em toda parte, desde a América Central até o mar do Sul da China. Ao lado dos "estudantes" e dos jovens em geral, esses outros candidatos, no que dizia respeito às esperanças revolucionárias, constituíam um grupo bem maior e mais mobilizado do que às massas de trabalhadores acomodados e satisfeitos no próspero Ocidente (JUDT, 2007, p. 430).

Esses diferentes grupos chegaram a unir forças em certos movimentos, como foi o caso do acontecimento "Maio de 1968" onde estudantes secundaristas, universitários e a classe trabalhadora paralisaram a França.

1.2 MAIO DE 1968

Na década de sessenta devido ao aumento do número de estudantes tanto nas escolas como em universidades francesas, no entanto sem investimentos nas instalações educacionais. Estes ambientes se encontravam em estado de calamidade e se tornavam críticas frequentes

entre os jovens estudantes. Além disso, a universidade era um espaço de regulamentos repressivos e de disseminação de valores arcaicos e conservadores.

No ano de 1968 no campus de Nanterre da Universidade de Paris houve uma determinação que proibia alunos de dividir os dormitórios da residência estudantil com colegas do sexo oposto, este contexto de repressão junto com os outros fatores que o ambiente acadêmico se encontrava fez com que os estudantes entrassem em greve em prol de reformas educacionais. Porém, no início de maio a universidade foi fechada pela direção temendo uma escalada dos protestos.

Diante disso, a revolta só ganhou força, os estudantes contaram com a solidariedade dos alunos da Universidade de Sorbonne, que organizaram marchas por Paris, e deram maior amplitude as manifestações.

No dia 10 de maio de 1968 reuniram-se cerca de 20 mil estudantes para realizar um novo protesto. No entanto, a polícia reagiu com forte repressão com utilização de bombas de gás e agredindo manifestantes. Este episódio ficou conhecido como “Noite das Barricadas”, e diante de tamanha violência autorizada pelo governo a sociedade se solidarizou com os jovens manifestantes e resolveu aderir aos protestos. Os trabalhadores se juntaram à causa o que era uma revolta estudantil deu origem a maior greve geral da história da França.

> Os distúrbios e as invasões estudantis tinham deflagrado uma série de greves e ocupações de locais de trabalho que, em fins de maio, quase paralisaram a França. Alguns dos primeiros protestos — de repórteres da rádio e televisão francesas, por exemplo — voltaram-se contra os líderes políticos que haviam censurado a cobertura do movimento estudantil e, especialmente, contra a brutalidade excessiva de alguns pelotões de choque. Mas à medida que a greve se espalhou pelas fábricas de aviões, em Toulouse, e pelas empresas de energia elétrica, indústrias petroquímicas e, com grande risco, estendeu-se pelas imensas montadoras da Renault na periferia de Paris, ficou patente que a questão ia muito além da indignação de alguns milhares de estudantes (JUDT, 2007, 435).

Embora as pautas e reivindicações fossem muitas e diversas, havia algo que unia os homens e mulheres que aderiram à greve junto aos estudantes: todos se encontravam frustrados com sua condição social. “Não buscavam tanto uma melhor situação profissional, mas uma transformação de estilo de vida; os panfletos, manifestos e discursos explicitavam exatamente isso” (JUDT, 2007, p. 435).

Durante as manifestações alguns líderes estudantis e um pequeno grupo de políticos experientes se deixaram levar pelo calor dos protestos e cometeram alguns equívocos, como

por exemplo, ressaltar que o poder estava disponível aos manifestantes. Os governantes De Gaulle e Pompidou logo se aproveitaram dos erros cometidos pela esquerda e começaram alertar a população para um golpe comunista. De Gaulle logo convocou eleições fazendo com que os franceses escolhessem entre o governo legítimo e a anarquia revolucionária. Após às eleições De Gaulle venceu e se manteve no poder por um ano.

> Os Eventos de Maio, na França, causaram um impacto psicológico desproporcional à sua verdadeira importância. Tratava-se de uma revolução que se desenrolava em tempo real, diante de um público internacional, que a tudo assistia pela televisão. Os líderes eram extraordinariamente fotogênicos: jovens atraentes e articulados que comandavam a juventude francesa através dos históricos bulevares da Rive Gauche, em Paris.180 As reivindicações — um ambiente acadêmico mais democrático, o fim da censura moral ou, simplesmente, um mundo melhor — eram viáveis e, apesar dos punhos cerrados e da retórica revolucionária, em nada ameaçadoras. O movimento grevista nacional, embora estranho e preocupante, apenas fez crescer a aura das ações estudantis: tendo, muito por acaso, detonado a explosão de insatisfação social, os estudantes, no retrospecto histórico, ficaram com os créditos por terem prenunciado e até articulado tal descontentamento (JUDT, 2007, p. 436).

As manifestações de maio de 1968 foram totalmente pacíficas e acabaram entrando para a mitologia popular como objeto de nostalgia, “uma luta estilizada em que as forças da Vida, da Energia e da Liberdade engajaram-se contra a estupidez sombria e entorpecida das figuras do passado” (JUDT, 2007, p. 437). Os líderes do movimento que agradaram a população acabaram por seguir carreira política.

No entanto, este não foi o único movimento pacífico protagonizado pelo jovem durante os anos sessenta. Outra grande manifestação foi o movimento hippie que motivado pela contracultura questionou os valores impostos pelo capitalismo e o conservadorismo.

1.3 CONTRACULTURA: MOVIMENTO HIPPIE

O movimento de contracultura surgiu nos Estados Unidos por volta dos anos 50 com a Geração Beat[3]. Todavia, seu auge foi durante a década de sessenta quando os jovens aderiram

[3] Foi um movimento literário originado em meados dos anos 1950 por um grupo de jovens intelectuais que estava cansado do modelo de ordem e dos valores estabelecidos nos EUA após a Segunda Guerra Mundial. A expressão “geração beat”, segundo um de seus membros mais destacados, Allen Ginsberg, apareceu em uma conversa entre dois outros representantes, Jack Kerouac e John Clellon Holmes, em 1948. Kerouac e Holmes discutiam o termo *gerações* ou a história das gerações de jovens, e Kerouc destacou que toda geração era uma “beat generation”, isto é, uma “geração perdida/batida/malfadada”. A expressão passou a vigorar nos círculos desses jovens escritores a partir do início dos anos 1950. Disponível em: <https://alunosonline.uol.com.br/historia/geracao-beat.html> Acesso em: 29 jan. 2020.

representando a maior parcela do movimento. O intuito do movimento era alcançar a libertação de uma sociedade que, segundo eles, estaria sendo engolida por padrões e valores capitalistas principalmente com o crescimento dos meios de comunicação.

Os movimentos de contracultura questionaram não só os padrões de comportamento social, mas a religião, o sexo, as instituições sociais e os padrões estéticos. A contracultura tinha como objetivo inovar os valores, e promover a liberdade seja nos relacionamentos amorosos ou nas práticas sexuais, propor também novos hábitos como o vegetarianismo e o uso de drogas psicodélicas.

Baseados na contracultura, o movimento hippie surgiu nos anos 1960 com jovens que não estavam dispostos a viver da mesma forma tradicional e conservadora da maioria das famílias naquela época.

Com ideais “paz e amor”, “faça amor, não faça guerra” o movimento hippie propagava a ideia de uma vida comunitária em paz, contrário às guerras que ocorriam no mundo, como por exemplo, a Guerra do Vietnã na época.

O grupo também lutava por igualdade e o fim de injustiças sociais, com isso outros movimentos ganharam força como: o movimento feminista questionando o papel da mulher na sociedade, a questão comportamental feminina e a liberdade sexual da mulher e o movimento negro com lutas contra as segregações raciais que eram frequentes no EUA.

Muitos estudantes norte-americanos, pertencentes ao movimento hippie, denunciaram a existência de milhões de pessoas passando fome no país capitalista mais rico do mundo e repudiavam o dinheiro e a mercantilização da vida humana. Outros jovens acreditavam na não-violência e na vida espiritual.

Em questão de estilo, o movimento hippie ficou caracterizado pelo uso de roupas coloridas, homens de cabelo comprido, mulheres com flores no cabelo, músicas com violão e acampamentos. O estilo musical que marcou o movimento foi o rock, pois o próprio ritmo musical era visto como um movimento de contestação dos padrões estéticos estabelecidos pela sociedade. Vale ressaltar que a contracultura se disseminou por diversos lugares através do som e das letras do rock e também das performances no palco.

Uma grande manifestação da contracultura foi o festival Woodstock. O projeto foi elaborado por quatro jovens: John Roberts, Joel Rosenman, Artie Kornfeld e Michael Lag. A proposta era oferecer ao público hippie um festival de três dias voltado ao rock e às práticas contraculturais adjacentes: sexo e drogas. No entanto, a expectativa era de receber aproximadamente 180 mil pessoas de acordo com os ingressos vendidos, mas para surpresa

dos organizadores o Woodstock contou com um público de cerca de 500 mil pessoas. Participaram do evento, artistas como: Janis Joplin, Santana, Jimi Hendrix, Joe Cocker e The Who.

1.4 CONTRACULTURA E ATIVISMO JOVEM NO BRASIL

A contracultura no Brasil ocorreu num período mais tardio do que nos Estados Unidos, isso porque o contexto e a realidade dos dois países eram bem distintas. A exemplo, os Estados Unidos vivia um período de ascensão econômica e por isso incentivava que os casais tivessem mais filhos, geração que ficou conhecida como *baby boom*. Essa geração viveu às tensões da Guerra Fria. Já no Brasil a situação era diferente, classificado como país de terceiro mundo, ou seja, país subdesenvolvido a taxa de natalidade também estava em ascensão, mas não por incentivo do governo. Em relação às guerras e ao medo do desenvolvimento de armas químicas para o Brasil isto não era visto com gravidade, pois o país não estava diretamente ligado a essas disputas.

Outra questão é que enquanto nos EUA os jovens tinham a oportunidade de estudar, concluir o segundo grau e até mesmo ingressar em universidades, o que proporcionou que o jovem se tornasse mais crítico e rebelde. No Brasil, grande parte da população acima dos 15 anos era analfabeta, como podemos observar na tabela abaixo:

Figura1 – Redução das taxas de analfabetismo no Brasil entre 1950 e 1970

Indicadores	1950	1960	1970
População total	51.944.397	70.119.071	94.501.554
Densidade demográfica	6,14	8,39	11,18
Renda *per capita* em dólares	-	236	-
% população urbana	36	46	56
% de analfabetos (15 anos e mais)	50,0	39,5	33,1

Fontes: Lourenço Filho M. B. Redução das taxas de analfabetismo no Brasil entre 1900 e 1960: descrição e análise., *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 100, p. 250-272, out./dez. 1965; Fundação IBGE, *Séries Estatísticas Retrospectivas*, 1970.

Fonte: retirado de Ribas (2016).

Outro fator é que enquanto nos Estados Unidos a população urbana era de 64 por cento no início da década de 1950. No Brasil, a população ainda era essencialmente rural. A dificuldade de acesso aos meios midiáticos foi outro fator que fez com que a contracultura chegasse mais tarde no Brasil. Mesmo quem morava nos centros urbanos tinha dificuldade de acesso aos veículos, somente em 1960 a televisão começou a se popularizar no Brasil.

No entanto, muitos artistas ligados a contracultura e ao movimento hippie se quer chegaram ao Brasil por meio da mídia, isso porque as vezes o conteúdo era censurado, afinal o país passava pela ditadura militar na época, e as obras estrangeiras eram vistas com maus olhos, pois acreditava-se que o nacional deveria ser valorizado a fim de construir uma identidade para o país. E mais adiante outro fator que dificultou a disseminação da contracultura no país foi a interferência do governo militar com o Ato Institucional Número 5 (AI-5), que proibia a circulação de músicas e obras de artistas brasileiros consideradas de risco ao sistema. Mesmo com todos esses obstáculos a contracultura teve seu momento no Brasil de forma mais tímida se comparada a outros países.

A contracultura chegou ao Brasil por meio de jovens universitários e intelectuais ambos de classe média. O movimento teve inicialmente relação com a arte através de movimentos como, por exemplo, o Tropicalismo com participação de artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Nara Leão, Tom Zé, Gal Costa, Os Mutantes (Rita Lee, Arnaldo Baptista e Sérgio Dias), Torquato Neto, Rogério Duprat, Capinam, Jorge Bem e Maria Bethânia.

O Tropicalismo caracterizado como um movimento libertário e revolucionário buscava se afastar um pouco do intelectualismo da Bossa Nova, ou seja, romper com a tradição, a fim de aproximar a música brasileira dos aspectos da cultura popular. Para isso, mesclavam elementos modernos e arcaicos, guitarras e zabumbas, rock e seresta. Em 1968, os jovens tropicalistas se diferenciavam não só na música, mas também nas roupas coloridas e extravagantes, cabelos exóticos e na performance no palco. O movimento tropicalista influenciou não só pessoas do campo artístico, mas mostrou que era possível dar um passo em direção à liberdade individual.

Na medida em que o movimento passou a servir de motivação para os jovens questionarem sobre a liberdade perdida, os militares começaram a se preocupar com o que era produzido pelos artistas, e decretaram o Ato Institucional Número 5 (AI – 5) que levou ao fim o movimento tropicalista.

Paralelamente ao movimento contracultural havia no Brasil também outra manifestação protagonizada por jovens: os movimentos estudantis. Nas décadas de 1960 e 1970 os movimentos organizados por universitários brasileiros se transformou em um importante foco de mobilização social.

1.5 MOVIMENTOS ESTUDANTIS CONTRA A DITADURA MILITAR NO BRASIL

Os estudantes antes mesmo do regime da ditadura militar se organizavam através de diretórios como a UNE (União Nacional dos Estudantes), a fim de pressionar o governo para realização de reformas sociais. No entanto, por esta razão os militares identificaram estes grupos como comunistas desordeiros e em 1964, logo que tomaram o poder, o governo Castelo Branco fez aprovar uma lei que ficou conhecida como lei "Suplicy de Lacerda", nome do ministro da Educação, que reorganizavam as entidades, proibindo-as de desenvolverem atividades políticas.

Desta forma, organizações como a UNE passaram a atuar através da clandestinidade, realizando reuniões às escondidas e organizando passeatas de protesto. Em 1968, ano marcado internacionalmente pelos protestos estudantis, os jovens brasileiros intensificaram os protestos em razão da política educacional do governo que pretendia privatizar a educação.

Durante uma manifestação estudantil contra a má qualidade do ensino, no dia 28 de março de 1968, realizada no restaurante estudantil Calabouço no Rio de Janeiro, a polícia reagiu com forte repressão o que levou à morte do estudante Edson Luís Lima Souto.

A ação violenta da polícia gerou reação imediata nos estudantes que fizeram do enterro do estudante Edson um dos maiores atos públicos contra a repressão. Foram realizadas missas de sétimo dia em quase todas as capitais do país, seguidas de passeatas que reuniram milhares de pessoas.

> Os estudantes voltaram às ruas na Guanabara em junho de 1968. Povo sim, ditadura não, declaravam cartazes nos protestos. A brutal repressão da PM que se deu naquele dia escandalizou novamente parte da população, que se juntou aos manifestantes. O centro da cidade assistiu ao que foi talvez o maior combate de ruas de sua história. Durante cerca de seis horas, desenrolou-se o confronto que ficou conhecido como "Sexta-Feira Sangrenta", com quatro mortos e muitos feridos, inclusive policiais. Cinco dias depois a população retornou às ruas para realizar a maior manifestação de massas do período, a "Passeata dos Cem Mil", em apoio aos estudantes e contra a repressão policial. A ela se seguiram outras no Brasil todo. Abaixo a repressão, diziam os manifestantes (MEMÓRIAS DA DITADURA, Sem ano informado)[4].

Os movimentos estudantis sofreram grande repressão, principalmente após a criação do AI – 5, muitos estudantes foram presos, torturados e até mortos. Diante deste contexto de

[4]Trecho retirado do dite Memórias da Ditadura. Disponível em <http://memoriasdaditadura.org.br/estudantes/> Acesso em 03 fev. 2020.

repressão, os jovens buscaram novas formas de atuação e sobrevivência. Parte do movimento estudantil foi base de apoio à guerrilha urbana, diversos militantes e líderes das entidades estudantis também faziam parte de grupos de luta armada como a AP, a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e a Aliança Libertadora Nacional (ALN). Enquanto outros estudantes encontravam na arte uma forma mais sutil de protestar. Através de shows e atividades culturais eles estavam reunidos e contestando, ainda que de forma disfarçada e indireta.

Embora os jovens estudantes tenham dado início à luta por liberdade e tenham protagonizado os protestos. Durante a trajetória eles perceberam que era importante a participação das outras classes em sua luta e sua própria participação na luta de diversos outros segmentos da sociedade. A fim de conseguirem transformações profundas na sociedade.

A ditadura militar no Brasil teve fim no ano de 1985, e após 29 anos sem eleições diretas, no ano de 1989 o país pode eleger seu presidente. Concorreram ao cargo mais de 20 candidatos, mas os vencedores do primeiro turno foram: Fernando Collor de Melo, um jovem que se apresentava como condutor do país para a "modernidade" e líder contra o fim da corrupção e pobreza, apresentando-se como "caçador de marajás" e "protetor dos descamisados"; e Luis Inácio Lula da Silva representando os trabalhadores e marginalizados do país. Fernando Collor de Melo venceu as eleições no segundo turno, mas seu governo não correspondeu às expectativas da população que deu início a um novo movimento protagonizado pelos jovens: os caras pintadas.

1.6 CARAS PINTADAS

Durante o governo do então presidente Fernando Collor, no começo dos anos 1990 do século passado, o país encontrava-se em uma crise econômica. Falências, quedas nas vendas e no poder aquisitivo e demissão dos trabalhadores, formando uma legião de desempregados. O presidente teria também tomado como medida bloquear o dinheiro das contas bancárias de quem possuía acima de 50 mil cruzados o que causou grande insatisfação da população.

Paralelo a isso, foi revelado um esquema de corrupção com participação de Collor e seu tesoureiro, onde foram apontadas irregularidades financeiras, tráfico de influências, existência de contas bancárias fantasma. O esquema foi revelado pelo irmão do Presidente Pedro Collor.

Tomados pela insatisfação os jovens saíram às ruas para pedir o impeachment de Fernando Collor de Melo. Na tentativa de acalmar os ânimos, o presidente pediu para aqueles que o apoiassem saíssem às ruas vestidos de verde e amarelo. Então os manifestantes em protesto tomaram as ruas vestidos de preto e com o rosto pintado de verde e amarelo.

Entre os manifestantes, havia um enorme número de estudantes secundaristas e universitários que eram apoiados por entidades representativas da sociedade civil como OAB, ABI, CUT, UNE e UBES. Durante as manifestações os jovens cantavam músicas de protesto que foram compostas durante a ditadura militar. O movimento "Caras Pintadas" teve grande impacto e foi fundamental para o processo de Impeachment de Fernando Collor.

Com o passar dos anos e com a evolução dos meios tecnológicos, o jovem continuou exercendo seu papel de crítico na sociedade, mas com novos modos de fazer política, novas formas comunicativas, e novos meios para se expressar.

1.7 O ATIVISMO JOVEM NA WEB

Atualmente, o jovem ativista têm cada vez mais utilizado a internet e as redes sociais para seus atos políticos, seja para mobilizar a população, divulgar a manifestação, ou até mesmo realizar o protesto no mundo virtual, subindo *hashtags*, com transmissões ao vivo e afins.

De acordo com os autores (SILVA, MAZETTI e MÉDICE, 2017) no artigo "Ativismo antiGlobo na web: explorando o campo discursivo", a propagação da internet nas últimas décadas ofereceu uma ampliação das possibilidades de ação política na esfera midiática. Em outras palavras, a web não é vista mais apenas como uma plataforma para a ação ativista, mas como um lugar que possibilita novos gestos dos movimentos sociais.

Embora os jovens tenham adotado a web para disseminar seus atos e ideologias, isso não fez com que as ações de rua desaparecessem como muitos críticos dizem. Ao contrário, surgiu uma nova relação entre a web e a rua, conforme os autores anteriormente citados:

> O ativismo político em rede se conecta com outras redes de múltiplas formas horizontais e multidirecionais, ampliando os potenciais de mobilização e articulação. Da web, tais movimentos ganham maior dimensão nas ruas (Castells, 2013), sendo impossível de ignorar a estreita relação do que acontece na rua com o que acontece na web (Malini; Antoun, 2013). Piquetes, discursos nos palanques em público, revoltas armadas ou até

> mesmo o movimento de greve seriam ações de rua reguladas pelas redes da web: ações políticas de rua perdem força, mas cedem lugar a essas novas táticas interativas de manifestação "rua-web-rua", que altera o modo como o ativismo e os ativistas são vistos. Para além daquilo que só acontece na web, as comunicações "rua-web-rua" ocorrem apenas entre os indivíduos conectados, de maneira densa, contínua e rápida, sofisticando as formas de engajamento, diversificando as experiências relacionais e reforçando a homofilia (interlocutores anônimos, conhecidos e casuais) (SILVA, MAZETTI e MÉDICE, 2017, p.03).

Ainda de acordo com os autores, se a internet nos possibilita novos modos de manifestação política e não exclui a ação política nas ruas, então surge "uma nova forma de fazer ativismo, que incorpora lógicas do campo discursivo online: busca de visibilidade e fazer pressão pelo poder simbólico"(SILVA, MAZETTI e MÉDICE, 2017, p.04).

A exemplo, durante o acontecimento "Junho de 2013" observamos muitos grupos que se articularam através deste novo modo de ativismo "rua-web-rua", os grupos ativistas objetos de nossa pesquisa são exemplo disso. O grupo Mídia Ninja realizava transmissões ao vivo de dentro do acontecimento através de um celular e internet 3G transformando o modo como os manifestantes e os protestos eram vistos pela população. Se a Grande Mídia apresentava os ativistas como baderneiros, lá estava o Mídia Ninja criando um contraponto através da web exibindo a repressão policial e a violência sofrida pelos jovens ativistas.

O grupo MBL também se articulou através da internet organizando eventos onde as pessoas podiam confirmar presença e saber mais sobre os protestos, disseminando vídeos com as pautas e ideologias do grupo e até criando fóruns de debate.

Essas mesmas ações observamos nos agrupamentos de Black Blocs que além disso utilizaram a web como um meio para se defender dos ataques e estereótipos da Mídia Tradicional, um verdadeiro embate pelo poder simbólico.

Reiteramos, ao fim e ao cabo deste breve panorama, uma característica específica do acontecimento Junho de 2013 em relação aos grupos de jovens ativistas que tomaram a cena pública: a diversidade de matizes ideológicos. Grupos à direita e à esquerda foram às ruas e às redes digitais assumindo o protagonismo das manifestações. Junho de 2013 não foi, portanto, um acontecimento vivido por orientação política ou narrativa únicas.

A fim de conhecermos melhor as diversas narrativas e os grupos que estiveram presentes nas manifestações de 2013, apresentamos a seguir um breve panorama sobre o surgimento e a trajetória dos grupos selecionados para esta pesquisa.

2 *MÍDIA NINJA*, MBL E *BLACK BLOCS*

Neste segmento apresentamos os grupos ativistas *Mídia Ninja*, MBL e *Black Blocs*, objetos de nossa pesquisa. Destacamos nesta breve apresentação a origem dos grupos, seus líderes e fundadores, suas pautas e bandeiras, suas principais características, a relação deles com a mídia especializada e suas performances a partir do acontecimento Junho de 2013.

O presente panorama, é importante destacar, foi construído a partir de fragmentos de distintas narrativas: relatos dos próprios fundadores e membros dos grupos que comentam sobre a trajetória e valores que defendem; narrativas da mídia tradicional sobre os grupos e citações de autores da academia que estudam diferentes aspectos desses grupos ou especificamente os acontecimentos do chamado Junho de 2013.

2.1 SURGIMENTO DO *MÍDIA NINJA*

O Mídia Ninja apresenta-se como uma rede de comunicação livre que busca novas formas de produção e distribuição de informação a partir das novas tecnologias e de uma lógica colaborativa de trabalho. O grupo ganhou notoriedade durante os protestos que ocorreram no Brasil no ano de 2013 quando realizaram diversas transmissões ao vivo de dentro dos acontecimentos. Mas antes de falarmos sobre as ações do Mídia Ninja, consideramos importante apresentar seus fundadores e como o grupo surgiu.

Bruno Torturra aos 37 anos e Pablo Capilé da mesma idade foram os principais fundadores do grupo. Torturra trabalhou por 11 anos para a *Revista Trip*, onde foi diretor de

redação mesmo sem possuir diploma de jornalismo. E Pablo Capilé foi o fundador do coletivo *Circuito Fora do Eixo*[5] (FdE) criado em 2005 na cidade de Cuiabá.

Torturra morava na cidade de São Paulo quando conheceu o coletivo Fora do Eixo através de uma reportagem para a revista Trip, no qual "discutia como eles haviam construído pelo interior do Brasil um circuito musical independente por meio de uma economia comunitária e conscientemente deficitária" (TORTURRA, 2013). De acordo com Lorenzotti (2014) apud Andrade, Bruno Torturra não era vinculado ao Fora do Eixo, o mesmo conheceu a casa paulista do coletivo em 2010 quando passou a frequentá-la e a simpatizar com as ideias disseminadas e debatidas no local. Com sua experiência nas coberturas de rua e com o conhecimento acerca da existência do coletivo que tinha como um de seus objetivos dar visibilidade as vozes que não são transmitidas na mídia convencional, Bruno e Capilé passaram a pensar e a consolidar a Pós-Tv. Segundo Torturra (2013):

> À frente do Fora do Eixo, meu personagem principal: Pablo Capilé. Tornamo-nos amigos e parceiros. Dois meses depois da reportagem, começamos a conspirar juntos em torno da tal PósTV – uma rede de transmissões ao vivo pela internet que colocamos no ar em todo o país através dos coletivos ligados ao FdE. As imagens vinham, sobretudo de São Paulo, mais exatamente de um sofá puído que ficava na edícula de pé-direito alto nos fundos da Casa Fora do Eixo, no bairro do Cambuci. Eram horas e horas, quase todos os dias, consumidas em debates, conversas, experimentações de formato e linguagem sobre temas que não tinham quase nenhum espaço na imprensa tradicional. (TORTURRA, 2013)

A Pós-TV surgiu em 2011 com um conceito de Pós-telespectador, no qual se entende que o público pode interagir no modelo. Segundo Lorenzotti (2014), a Pós-TV passou a cobrir os festivais organizados pelo coletivo cultural. A nova visada tinha um forte diferencial de interatividade via e-mail, Twitter e Skype. Aconteceu até a dar furos jornalísticos, como por exemplo a transmissão da prisão do rapper Emicida – um dos nomes projetados pelo Circuito – num show em Belo Horizonte.

Foi a Pós-TV que possibilitou que dois anos mais tarde surgisse a Mídia Ninja. O grupo entendeu que deveria dar um passo além. Ter mais do que um canal para debates, mas uma rede de jornalismo independente, que desse conta do streaming, de texto, foto, com

---

[5] Circuito Fora do Eixo é uma rede de trabalhos concebida por produtores culturais das regiões centro-oeste, norte e sul no final de 2005. Começou com uma parceria entre produtores das cidades de Cuiabá (MT), Rio Branco (AC), Uberlândia (MG) e Londrina (PR), que queriam estimular a circulação de bandas, o intercâmbio de tecnologia de produção e o escoamento de produtos nesta rota desde então batizada de "Circuito Fora do Eixo" (TRANSPARÊNCIA FORA DO EIXO, 2013).

financiamento específico para jornalismo, e criando uma relação mais aberta e mais clara com o jornalismo que praticavam.

De acordo com Lorenzotti (2014) o nome Ninja teria sido ideia de uma amiga de Bruno para que fosse algo que os "gringos" também entendessem. E então criaram a sigla Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação. Bruno destaca especialmente que "[…] pensamos em ação, porque a gente não apenas cobre, mas também promove, ocupa a rua, faz aula pública, propõem pautas, a gente não se acanha se precisar ser o protagonista da coisa. Ação nesse sentido." (LORENZOTTI, 2014, p. 15).

Importante ressaltarmos que de acordo com o historiador Zoughari (2005), o imaginário coletivo acerca do termo "ninja" remete a guerreiros. Isto porque no Japão durante o feudalismo existiam guerreiros denominados ninjas que desenvolveram técnicas de lutas próprias, denominadas ninjutsu. Essa arte de guerra oriental é vista como uma ferramenta para combate no cotidiano. É centrada em autorreflexão, como meio para o indivíduo conhecer suas próprias forças e limitações; controlar as vaidades individuais, em prol do coletivo e reconhecer os pontos positivos do próprio corpo e saber utilizar essas características a seu favor.

Os significados relacionados aos termos "ninja" e "ninjutsu" correspondem as performances do grupo como a postura de enfrentamento/combate contra as mídias tradicionais, a construção de um trabalho em prol do coletivo, reconhecer as possibilidades que a tecnologia oferece e saber utilizá-las a seu favor. No entanto veremos isso com mais profundidade, no capítulo referente às análises.

A primeira cobertura do grupo, já denominados Ninjas, foi no mês de março do ano de 2013 durante a realização do Fórum Social Mundial na Tunísia, no Brasil no mês de abril, os ninjas cobriram o julgamento dos assassinos do casal de ambientalistas José Cláudio Ribeiro da Silva e Maria do Espírito Santo no Pará, e se dedicaram às transmissões de manifestações.

No mês de junho do ano de 2013, Bruno Torturra considerando que a Mídia Ninja poderia se estabelecer como uma rede de comunicação livre e julgando o alto índice de demissões de jornalistas na época, as mortes recentes de Ruy Mesquita [6]e de Roberto Civita[7],

---

[6] Ruy Mesquita (1925-2013) foi um jornalista brasileiro, comandou o Jornal O Estado de São Paulo desde 1996. Era a terceira geração de tradicional família de jornalistas. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/ruy_mesquita/> Acesso em: 29 ago. 2019.

[7] Roberto Civita (Milão, 9 de agosto de 1936 – São Paulo, 26 de maio de 2013) foi um empresário brasileiro conservador, de origem judaica presidente do Conselho de Administração e diretor editorial do Grupo Abril, além de presidente da Fundação Victor Civita, editor da revista Veja e presidente do Conselho de Administração da Abril Educação. Foi casado com Maria Antônia Civita. Em março de 2013, a revista americana Forbes colocou Roberto Civita como o 258º homem mais rico do mundo, com uma fortuna de US$ 4,9 bilhões. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto_Civita> Acesso em 29 ago. 2019.

a narrativa apocalíptica sobre o futuro do jornalismo, “o clima pesado entre os colegas – e um estranho e pouco comentado alívio entre os demitidos – eram as deixas perfeitas para um convite público, uma carta convocando possíveis interessados em estruturar a tal Mídia Ninja” (TORTURRA, 2013). A convocação de Torturra seguia o seguinte raciocínio:

> A tese da convocação era muito simples: é um erro confundir jornal com jornalismo. A crise era do modelo comercial de produção e difusão de informação. Não poderíamos aceitar a derrocada do ofício, muito menos de sua relevância, como produto inevitável da obsolescência do modelo industrial, vertical, dependente de grandes verbas publicitárias e vasta circulação. Era preciso reconhecer que havia uma crise ainda mais profunda do que a financeira. Uma crise existencial no jornalismo. E que talvez ambas pudessem ser encaradas como uma só. Essa era uma percepção empírica e de baixa amostragem, mas pela primeira vez os que haviam sido poupados pelo passaralho estavam mais deprimidos, mais desencantados do que os que foram parar na rua. De repente, e paradoxalmente, parecia mais espoliado quem sobrou nas redações, sobrecarregado de trabalho e desprovido de motivação. Daí o texto que divulgamos, “Ficaralho”, com a sugestiva provocação do termo. Se fode quem fica. Se das redes e da inteligência coletiva emergisse um modelo capaz de sustentar e arejar a profissão, quem sabe o jornalismo não encontraria uma nova idade de ouro. Para mim, era o mínimo que poderíamos esperar da sociedade hiperconectada. Mas o convite explícito no “Ficaralho” era bem mais modesto: propunha uma reunião no Centro de São Paulo, aberta a qualquer interessado em discutir ideias e formas para viabilizar produção e difusão jornalística fora dos padrões comerciais e convencionais (TORTURRA, 2013).

No entanto, o convite de Bruno obteve uma repercussão negativa entre muitos colegas de profissão que se sentiram ofendidos, havia muitos críticos da proposta que chegavam a acusar a Mídia Ninja de ser “a morte do jornalismo”:

> Jornalistas de todas as idades me trataram com hostilidade. Os mais mansos me chamaram de mal-agradecido, eu estaria cuspindo no prato em que comi. Os menos mansos viam em mim um Judas, um insensível, um oportunista atrás de mão de obra gratuita. Outros tantos, em privado, perguntavam como poderiam participar. Enquanto os protestos do Passe Livre começavam a crescer, a repercutir e a se tornar a pauta mais quente das redes e da própria imprensa, mais de 300 pessoas confirmaram presença na primeira reunião aberta para a expansão da MN (TORTURRA, 2013).

Todavia, esta reunião convocada por Bruno nunca aconteceu, pois no dia 13 de junho de 2013 data em que estava agendada a reunião, as ruas haviam sido tomadas pela população que lutava contra o aumento da tarifa do transporte público na cidade de São Paulo.

> AVISO URGENTE SOBRE A REUNIÃO NINJA*:* Por conta da dimensão do protesto previsto para o final da tarde, muitos confirmados nos procuraram, questionando a segurança ou a viabilidade da reunião. Em virtude da grande proximidade da concentração dos manifestantes e do local marcado para nosso encontro, ambos no Vale do Anhangabaú, estamos cancelando a reunião de hoje. Mas se o encontro era para discutir novos modelos possíveis para um jornalismo independente, ninja convoca todos os jornalistas, fotógrafos, cinegrafistas e comunicadores a participar de uma grande cobertura, em tempo real, direto dos protestos (TORTURRA, 2013).

Desta forma, sem tempo para planejamento e discussão de estratégias, o Mídia Ninja assumiu uma primeira visibilidade pública ao buscar sua forma de dar visibilidade ao acontecimento junho de 2013, se tornando um dos grupos protagonistas dos protestos com suas transmissões ao vivo através de um celular com acesso à internet 3G, apresentando ao país sua narrativa independente.

2.1.1 *Mídia Ninja* e as manifestações de junho de 2013

Bruno conta sobre a experiência como Ninja no meio das manifestações, sobre a repressão da Tropa de Choque da Polícia Militar contra os manifestantes que gritavam em coro “Sem Violência!”.

> Sufocado pelo gás, protegendo a nuca das balas com um casaco, temi pelo pior – corre-corre, descontrole, pisoteio na multidão espremida na Consolação em busca de uma rota de fuga. Quando vi dezenas, talvez centenas de pessoas pedindo calma umas às outras, erguendo gente do chão, suportando o gás e as balas que zuniam, e repetindo o mantra coletivo “Sem violência”, eu me acalmei. E mais: também entendi que havia muito mais consciência e preparo do lado de cá do conflito (TORTURRA, 2013).

Após a violência policial sofrida pelos manifestantes e jornalistas que estavam cobrindo as manifestações, a população e a mídia passaram a perceber os protestos de outro modo. A Folha de S. Paulo teve sua equipe agredida e uma jornalista atingida perto do olho por uma bala de borracha, isso fez com que os meios tradicionais mudassem o enquadramento dado aos protestos. No entanto, vale ressaltar que neste momento a Mídia Ninja já se destacava por suas transmissões dos protestos em tempo real, sem edição e cortes. De acordo com o ninja:

> O cidadão com uma câmera no celular e um perfil no Facebook tomou a hegemonia narrativa dos grandes veículos de comunicação. Muitos jornalistas reportaram, clicaram, filmaram e sofreram muito abuso dos agentes do Estado naquele dia. A *Folha de S. Paulo* teve sua equipe particularmente agredida, com sete jornalistas vítimas de violência policial, uma delas atingida perto do olho por uma bala de borracha. Mas não tenho dúvida de que foram os relatos e as imagens feitas e difundidas por cidadãos, e não pelos profissionais da grande mídia, que mais impactaram, pautaram e indignaram o país a partir daquela noite (TORTURRA, 2013).

A rede *Mídia Ninja* registrou momentos únicos das manifestações, inclusive chegou a pautar a Grande Mídia, por exemplo, o *Jornal Nacional* da Rede Globo chegou a utilizar imagens gravadas e transmitidas pelo grupo. Um registro que se tornou muito importante para a MN foi o momento da prisão do estudante Bruno Ferreira, onde através das imagens captadas pelo grupo foi possível comprovar a inocência do rapaz.

> O Mídia Ninja ganhou pontos no período, notadamente por sua contribuição ao desmentido da versão oficial dada no Rio de Janeiro à prisão de um estudante, Bruno Ferreira, que participava de manifestação contra o governo de Sérgio Cabral Filho no dia da recepção ao papa Francisco no Palácio Guanabara (segunda-feira, 22/7). A Polícia Militar disse que ele atirou um coquetel molotov sobre um soldado. Filmagens mostraram que não era verdade. Elas foram exibidas no dia seguinte no *Jornal Nacional* da Rede Globo, a mais influente mídia jornalística do país (LORENZOTTI, 2013).

O grupo não só pautou a mídia nacional como também foi assunto no *New York Times*, *Wall Street Journal*, *Al Jazeera*, e *The Guardian*. O crescimento súbito fez com que os fundadores perdessem o controle do que era registrado e compartilhado com o nome da *Mídia Ninja*.

> Perdemos o controle sobre quem falava em nome da Mídia Ninja. E, longe de nos incomodar, abraçamos o carma com um slogan: "Somos todos Ninjas." A essa altura, nossa página de Facebook, que havia começado em junho com menos de 10 mil seguidores, já carregava potentes 200 mil. Em março deste ano, havíamos feito nossa primeira cobertura como Mídia Ninja. Felipe Altenfelder e eu transmitimos ao vivo uma passeata pró-Palestina no encerramento do Fórum Social Mundial na Tunísia. Pico de audiência de trinta pessoas. Agora, nosso conteúdo era produzido em mais de cinquenta cidades, ancorado por dezenas de jovens, e chegava a atingir no auge, segundo as estatísticas da rede social, cerca de 11 milhões de *timelines* por semana (TORTURRA, 2013).

No entanto, em meio ao crescimento e entusiasmo a *Mídia Ninja* também cometeu alguns erros, um deles durante uma entrevista com Prefeito do Rio de Janeiro Eduardo Paes,

onde os ninjas não estavam preparados para conduzir a entrevista, acostumados com transmissões feitas no calor dos protestos os ninjas foram dominados pela lábia do representante político.

> Foi só no dia da entrevista que soubemos da disponibilidade do prefeito. […] Dispúnhamos de poucas horas para chegar à prefeitura. Como não dava tempo de levar nosso time até o Rio, começamos a alistar as tropas cariocas pelo telefone. [...] A pressa, o improviso, a incapacidade de elaborar uma pauta com tanta gente em trânsito e sob o efeito de muita adrenalina transformaram a primeira grande entrevista política da Mídia Ninja num desastre diante da opinião pública. [...] A altíssima expectativa por uma matéria combativa, impactante como as tomadas de rua, e a performance de um prefeito famoso pela lábia fizeram da hora e meia de transmissão uma experiência decepcionante para quase todos os que assistiram (TORTURRA, 2013).

Outro acontecimento importante na história da *Mídia Ninja* foi a prisão do ativista Filipe Peçanha. O fato ocorreu durante a cobertura da Jornada Mundial da Juventude onde jovens do Brasil e do mundo aguardavam a visita do Papa Francisco. A cobertura ocorria pacificamente, havia também no local protestos do Movimento LGBT, feministas, ativistas pelo Estado laico e pedidos de Fora Cabral quando estourou uma bomba de gás lacrimogêneo e começou grande tumulto com repressão policial.

> Ao vivo pelo *twitcasting*, vejo a audiência disparar. Dos 900 em média que estavam lá pelo papa, agora tínhamos 5 mil e o número continuava a subir. Filipe reaparece, assume o celular e, sempre mais kamikaze que eu, vai atrás da caminhonete do Choque para tomar satisfações. Com escopetas voltadas para sua cabeça, aponta de volta o celular e diz seu bordão: "Imprensa, amigo! Têm 5 mil pessoas vendo você nesse momento. Cadê a identificação?" Não recebe resposta. A caminhonete segue em frente e vamos atrás dos manifestantes que começam a se reagrupar nas escadarias da igreja do Largo do Machado. Filipe prossegue seu inquérito com os policiais que se colocam em formação diante da escadaria. Um estranho o puxa pelo braço para trás do cerco da polícia, tentando tomar seu celular. Era um policial à paisana, um P2. Filipe grita e pede que o filmem. Nem era preciso. Enxames de câmeras surgem, não vão embora nem com o spray de pimenta borrifado como inseticida. Em menos de um minuto ele está dentro do camburão, transmitindo ao vivo sua prisão, sob gritos de apoio de uma multidão cada vez maior (TORTURRA, 2013).

Este fato fez com que as pessoas se reunissem em frente à delegacia pedindo "Ei, polícia, libera a Mídia Ninja!". O grupo MN virou *Trend topic* mundial, um dos assuntos mais comentados do Twitter no mundo. Duas horas depois o ninja foi solto. Segundo o ninja Felipe

Altenfelder apud Andrade (2016) foi neste momento que começaram a perceber a importância da *Mídia Ninja* "Então a gente percebeu que o negócio tá forte na rede e na rua".

2.1.2 *Mídia Ninja* na Tv aberta – Programa *Roda Viva*

Em agosto de 2013, os fundadores do grupo Bruno Torturra e Pablo Capilé foram convidados para uma entrevista no programa *Roda Viva*, entrevistados por seis especialistas em comunicação, pela primeira vez em rede aberta de televisão no Brasil. A entrevista teve como enfoque principal o "modelo de negócio" do grupo, como eles se mantinham financeiramente. Pablo Capilé disse que o grupo se mantinha no momento com o financiamento do coletivo Fora do Eixo e que apenas 3 a 7% da renda do *Mídia Ninja* seriam referente a editais públicos. Informou também que os ninjas não recebiam salários, e que o coletivo *Fora do Eixo* custeava moradia, alimentação, equipamentos e viagens para coberturas de eventos. Torturra reforçou dizendo que o grupo não pretende ser patrocinado por empresas privadas e que, além dos recursos públicos, há o objetivo de obter financiamento dos próprios usuários que se informam via *Mídia Ninja*.

De acordo com Torturra, a mudança dos jornais para a internet já deveria pressupor uma nova lógica econômica e não a mesma analógica de um jornal. Para ele as pessoas ainda enxergam o jornalismo como algo caro, quando na verdade, o que se torna caro é manter um prédio de 20 andares, e a lógica de rede que a internet representa vem justamente para mudar essa lógica econômica.

Dando continuidade na entrevista os ninjas foram questionados sobre a relação com partidos políticos, Capilé e Torturra disseram ter afinidade com políticas e valores de esquerda, mas que estão abertos a todos os partidos. Pressionados pelos entrevistadores disseram ter contato com partidos como PT, com Marina Silva (Bruno Torturra é um dos fundadores do Rede), Jean Willys, deputado federal do PSOL, e Jandira Feghali, deputada federal do PCdoB. Questionados por um dos entrevistadores sobre o PSDB, Capilé respondeu prontamente que não é a *Mídia Ninja* que não tem relação com o PSDB é o próprio PSDB que tem como política não dialogar com os movimentos sociais.

Durante a entrevista os fundadores foram questionados por Suzana Singer[8] sobre a parcialidade do grupo, considerando que a Mídia Ninja participa das ações tomando partido

[8] Suzana Singer atualmente é jornalista da Folha de S. Paulo. Disponivel em <https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/suzana-singer/> Acesso em 29 de abr. de 2020 as 16h27min.

dos manifestantes. Em resposta Bruno diz que a *Mídia Ninja* não toma partido dos manifestantes, o grupo defende a democracia, o direito do cidadão se expressar e se manifestar. E complementou dizendo que a TV Cultura não tratou com transparência a demissão do jornalista Heródoto Barbeiro.

> Mesmo o Roda Viva, em outros momentos, tem coisas sérias que acontecem quando ferem interesses do governo do Estado. A demissão do Heródoto foi muito falada e ficou constrangedor para uma TV pública. Nossa objetividade vem da transparência, do que pensa e como essa informação é produzida, a gente não esconde, transmite nossas entrevistas ao vivo radicalmente (ENTREVISTA NO RODA VIVA, 2013).

As perguntas continuaram sobre a relação da *Mídia Ninja* com o grupo *Black Bloc*, se a mídia ninja condenava o grupo e seus atos de vandalismo. Torturra respondeu que a MN conversava sim com o *Black Bloc* nas manifestações e que sempre foram recebidos muito bem, e que como uma mídia independente é preciso mostrar as ações do *Black* e dar visibilidade às vozes do grupo já que a mídia tradicional não faz, mas que a *Mídia Ninja* não apoia as ações de vandalismo. Torturra e Capilé ainda fizeram uma crítica à abordagem da maniqueísta que se faz quando se trata da ação do *Black Bloc*, tanto na mídia como na sociedade, eles complementam dizendo que a questão deve ser problematizada, discutida, analisada com parcimônia e que este em geral tem sido o papel da *Mídia Ninja* mostrar uma nova visão de determinados grupos sociais para a sociedade.

Após o encerramento do programa o grupo *Mídia Ninja* foi alvo de inúmeras críticas na internet por sua ligação com o coletivo *Fora do Eixo*:

> Enquanto alguns recriminavam o modo de condução do coletivo, que teria diversas dívidas (dos mais diversos tipos) no mercado cultural (e era cobrado também por isso), uma ex-integrante do circuito, antiga moradora de uma das casas coletivas, veio a público, por meio de uma rede social on-line, afirmar que Pablo Capilé era "controlador de mentes, com atitudes monárquicas" e segue denunciando o "sexismo no coletivo, escravismo mental e financeiro" e que as pessoas seriam "submetidas a um 'choque pesadelo' quando se rebelam" (ANDRADE, 2016, p. 125-126).

Uma das críticas que obteve maior repercussão foi o texto publicado no Facebook pela cineasta Beatriz Seigner, que acusava a *Mídia Ninja* de plágio tendo em vista que ao utilizar os vídeos feitos por centenas de pessoas não ligadas ao Fora do Eixo, editá-los, subi-los no canal sob seu selo, e querer capitalizar em cima disso – sem repassar os recursos para as

pessoas que realmente filmaram estes vídeos/fizeram estas fotos e textos seriam discutíveis em termos éticos.

As polêmicas envolvendo o nome do grupo Mídia Ninja foram muitas, entre elas a de que o fundador Bruno Torturra teria interesse de se promover para a vida política, o mesmo negou tal intenção e no final do ano de 2013 deixou o grupo Mídia Ninja para se dedicar ao novo projeto "Fluxo". O site o apresenta como uma "redação, um estúdio, um lugar (…) onde repórteres, cinegrafistas, fotógrafos, editores e artistas podem explorar novas possibilidades para o jornalismo".

2.1.3 Mídia Ninja após o junho de 2013

No ano de 2014 a *Mídia Ninja* seguiu com suas atividades cobrindo a greve dos funcionários da limpeza pública da cidade do Rio de Janeiro e ainda em 2014 houve o lançamento do site do grupo. Segundo o ninja Rafael Vilela, o grupo *Mídia Ninja* teve que superar as ruas com o fim das manifestações, e se aprofundar e mostrar capacidade a partir de outras ferramentas do jornalismo como a pesquisa e investigação. O grupo se adaptou também a mudanças de temas, passaram a dar destaque a questões ambientais e comportamentais.

Em entrevista a *GaúchaZH* Pablo Capilé afirma "mais importante do que o que vai ser a *Mídia Ninja* é o que *Mídia Ninja* já foi", o fundador diz que a *Mídia Ninja* reforçou a ideia de que "é possível" nos dias atuais com um celular e uma internet em mãos difundir informações com uma força que antes não acreditava ser possível. Quando questionado sobre a saída de Bruno Torturra do grupo:

> A Mídia Ninja está em todo mundo que participou daquele processo. O Bruno vai levar a Mídia Ninja eternamente, onde estiver. Ele está montando uma redação independente, com vários Ninjas, com outros parceiros. É um processo. Um monte de gente que viveu aquilo conseguiu a partir dali ter segurança suficiente para puxar novas iniciativas. E aí, em vez de ser só o Bruno, só o Rafael Vilella, só o Carioca, cada um está montando uma nova rede, uma nova coisa, e essas redes vão se juntar. Em vez de continuar todo mundo junto em uma única rede, cada um vai montar uma nova rede que fortalece aquela em que eles estavam. Então daquela Mídia Ninja surgiram 10, que cada um está montando com outros 10, 15, 20 parceiros. Independente de qual vai ser o novo nome, a ideia é que várias redações independentes vão surgir no Brasil e a soma delas continua levando o que foi **o espírito da Mídia Ninja, que não era o espírito de um veículo, e sim o da perda de controle**. Esse sempre foi o meu debate com o Bruno. Ele tinha

> a visão de um veículo, e eu tinha a visão de uma rede que ia perder o controle. Só que não eram antagônicas (CAPILÉ, 2014, grifo nosso).

Atualmente, o grupo MN mantém um site onde reúne matérias, vídeos e fotos produzidas por uma lista de novos colaboradores como: Caetano Veloso, Jean Wyllys, Tico Santa Cruz e outros[9]. Marielle Franco, vereadora da Câmara Legislativa do Rio de Janeiro, também era uma das colaboradoras da rede. Ela produziu textos sobre a violência contra as mulheres, machismo, racismo e representatividade feminina na política. Uma estratégia de dialogar com artistas e políticos ligados ao campo da esquerda na qual ambos ganham com a visibilidade e a reverberação das suas ações para além das suas redes.

2.2 SURGIMENTO DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL)

Assim como o grupo Mídia Ninja, outro grupo ativista que se destacou e ganhou visibilidade a partir das manifestações de junho de 2013 foi o Movimento Brasil Livre (MBL). O MBL tem como pauta a defesa de uma economia liberal sem a intervenção do Estado. O grupo foi criado durante as manifestações de 2013 por membros da organização Estudantes Pela Liberdade (EPL).

A organização Estudantes Pela Liberdade surgiu no Brasil no ano de 2012, fundada por Fábio Ostermann, Juliano Torres e Anthony Ling. Este grupo trata-se de uma versão local do *Students for Liberty*, uma organização que possui parceria com *think tanks*[10].

O *Students for Liberty* é sediado em Washington, capital dos Estados Unidos, e se identifica como "a maior organização estudantil libertária do mundo" (SFL, 2018). Com abrangência internacional, o Estudantes Pela Liberdade (EPL) é o ramal da SFL no Brasil e se dedica, sobretudo a cursos para formação política de jovens.

Estas organizações recebem apoio financeiro de *think tanks* como a *Atlas Network* registrada oficialmente como *Atlas Economic Research Foundation*, A *Atlas Network* atua, desde 1981, na defesa e propagação de concepções da direita ultraliberal, tendo parceiros em todos os continentes. Em entrevista concedida à *Agência Pública* na 28ª edição do *Fórum da*

---

[9] Lista completa de colaboradores da Mídia Ninja está disponível em:<http://midianinja.org/capa/>.

[10] *Think tank* é um termo criado nos EUA, para denominar organizações que se dedicam a produzir e difundir pesquisas, ideias e projetos de políticas públicas, a fim de influenciar governos e conformar certa opinião pública.

Liberdade no ano de 2015, na cidade de Porto Alegre, Alejandro Chafuen, Presidente da Atlas fala sobre o financiamento:

> Nosso papel [em relação aos Estudantes pela Liberdade] é o do poder da nutrição. Esses seres humanos, nós o chamamos de empreendedores intelectuais, pessoas com novas ideias, que enxergam soluções e decidem investir seu capital nisso. É como nos negócios. Então, damos a eles programas de treinamento, tentamos apoiá-los financeiramente, encorajá-los a serem muito sérios, não muito festeiros. Mas a Atlas não apoia partidos. Nós retiramos nosso apoio se houver intenção partidária. Não aceitamos nenhum recurso do governo, mas podemos oferecer algumas diretrizes, novas ideias sobre a sociedade livre, do liberalismo clássico ao libertarismo, de religiosos a ateus, mas cabe a cada pessoa escolher. Muitos na nossa organização acham muito negativo ter uma aproximação de cima para baixo. Nós tentamos encorajá-los, facilitar os encontros entre eles (CHAFUEN, 2015).

Conforme o relato de Chafuen, pelo fato da *Atlas Network* não financiar partidos políticos e movimentos ativistas. Durante as manifestações de 2013 membros do EPL sentiram a necessidade de criar uma marca para que pudessem participar dos protestos. Assim, explica Juliano Torres, um dos fundadores do grupo *Estudantes Pela Liberdade*:

> Quando teve os protestos em 2013 pelo Passe Livre, vários membros do Estudantes Pela Liberdade queriam participar, só que, como a gente recebe recursos de organizações como a Atlas e a Students for Liberty, por uma questão de imposto de renda lá, eles não podem desenvolver atividades políticas. Então a gente falou: 'Os membros do EPL podem participar como pessoas físicas, mas não como organização para evitar problemas. Aí a gente resolveu criar uma marca, não era uma organização, era só uma marca para a gente se vender nas manifestações como Movimento Brasil Livre. Então juntou eu, Fábio [Ostermann], juntou o Felipe França, que é de Recife e São Paulo, mais umas quatro, cinco pessoas, criamos o logo, a campanha de Facebook. E aí acabaram as manifestações, acabou o projeto. E a gente estava procurando alguém para assumir, já tinha mais de 10 mil likes na página, panfletos. E aí a gente encontrou o Kim [Kataguiri] e o Renan [Haas], que afinal deram uma guinada incrível no movimento com as passeatas contra a Dilma e coisas do tipo. Inclusive, o Kim é membro da EPL, então ele foi treinado pela EPL também. E boa parte dos organizadores locais são membros do EPL. Eles atuam como integrantes do Movimento Brasil Livre, mas foram treinados pela gente, em cursos de liderança (TORRES, 2015).

No entanto, há especulações na mídia e na oposição de que o grupo MBL recebe apoio financeiro da *Atlas Network*, principalmente após a publicação feita por Alejandro Chafuen (presidente da *Atlas Network*), de uma foto no Facebook durante os protestos de 12 de abril de 2015, a favor do impeachment de Dilma em Porto Alegre. Na qual, Chafuen aparece vestido

com a camisa da Seleção brasileira de futebol junto de Fábio Ostermann, um dos líderes do *Movimento Brasil Livre*. Essa relação foi jogada algum tempo em um "buraco da memória". Consta que em maio de 2016, verificou-se que o Movimento Brasil Livre (MBL) constava na lista de parceiros (*partners*) da Atlas Network, mas no mês de julho do mesmo ano já não constava mais. Acredita-se que houve, provavelmente, uma deliberada decisão por ocultar o MBL da lista de *partners* no período de votação do impeachment da presidente Dilma no Congresso.

Todavia, o MBL negou qualquer apoio financeiro e diz ter somente suporte ideológico. O grupo também diz ter como principal fonte de arrecadação a venda de produtos como bonés, camisetas, livros e souvenirs, além dos planos de assinatura mensal existentes no site do movimento.

2.2.1 As bandeiras do MBL

Como um grupo organizado por jovens na era digital, o MBL divulga suas pautas e bandeiras pelas mais diversas plataformas na internet. Em 2014, o grupo divulgou um manifesto no Facebook que convocava a população para a manifestação de 15 de novembro de 2014, no qual reivindicava:

> Imprensa livre e independente, sem verbas ou regulamentações governamentais que influenciam seus posicionamentos; Transparência e lisura nas investigações de todos os crimes contra a Petrobrás, patrimônio de todos os brasileiros; Auditoria externa das urnas eletrônicas utilizadas nas eleições; Investigação sobre a atuação dos correios nas eleições presidenciais; Respeito à separação dos poderes e à Ordem Constitucional; Fim dos Subsídios diretos e indiretos a ditaduras. (MBL, 2014) [11]

No entanto, no ano de 2015 o MBL assumiu o impeachment da presidente Dilma Rousseff como principal pauta do movimento, organizando diversas manifestações. Ainda no final do ano de 2015, o grupo realizou o seu primeiro congresso nacional na cidade de São Paulo e definiu um conjunto de propostas[12] para as áreas de educação, saúde, sustentabilidade, reforma política, economia, justiça, transporte e urbanismo, tendo como base

---

[11] Disponível em: <https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856.1073741829.204223673035117/272030822921068/?type=3&theater> Acesso em 08 ago. 2019.

[12] Disponível em <http://mbl.org.br/propostas/> Acesso em 08 ago. 2019.

princípios neoliberais, que requerem a menor intervenção e/ou ausência do Estado nessas áreas. Entre as propostas estão:

> O projeto de lei "Escola sem Partido", gestão privada nas escolas públicas através de Parcerias Público Privadas (PPPs), militarização das escolas onde a iniciativa privada não tenha condições de atuar, ou seja, em "áreas de risco"; saúde: substituição do Sistema Único de Saúde (SUS) pela obrigatoriedade da contratação de plano de saúde ou o fornecimento de plano gratuito para aqueles que não tiverem condições de pagar; sustentabilidade: privatizar ou mudar para PPPs os serviços de saneamento básico dos municípios; reforma política: a revogação do incentivo à cultura através da extinção da Lei Rouanet e a promoção de candidaturas independentes (sem necessidade de partido político) para concorrer aos cargos do Legislativo e Executivo; privatização dos bancos públicos; economia: realização de alterações na Lei Trabalhista que permitam que os acordos bilaterais entre patrão e empregado se sobreponham aos direitos previstos na lei; justiça: o fim da função social da propriedade privada, pois esta não pode ser relativizada, privatização dos presídios, priorização do aumento de vagas para o sistema prisional (10% ao ano) e mudanças na legislação para evitar o retrabalho, o "prende solta" etc. (MBL, 2015) [13].

Com suas pautas e atos o MBL foi apresentando sua orientação de cunho liberal e conservadora. Com o discurso apoiado no aspecto nacionalista, anticorrupção, e em defesa da moral e "bons costumes" o grupo passou a atuar em outra frente que ficou conhecida como "guerras culturais". O MBL passou a entrar em embate com bandeiras levantadas por grupos como: movimentos LGBT, Feministas, Negro etc. Desta forma o grupo se fortaleceu e atraiu setores conservadores conquistando vários apoiadores e simpatizantes. De acordo com Kataguiri líder do MBL:

> Foi muito inteligente da parte deles [esquerda] tomar essas pautas comportamentais, porque são elas que empolgam. Eles tomaram as artes, eles tomaram a cultura, eles tomaram as partes que faz com que as pessoas se emocionem. Porque política, querendo ou não, é muito mais emoção do que razão. Se política fosse razão, se política fosse simplesmente um debate nobre, aristotélico, ali, de ideias: se você tem os mesmos pressupostos, você vai chegar às mesmas conclusões. A esquerda, desde a época de Rousseau, não teria nenhum voto. Então, a emoção é a base do debate político, não é a razão. É claro que a razão tem a sua função e a gente tem que fazer o uso dela, mesmo porque é o que é certo. Mas a gente também tem que aprender os meios corretos de espalhar nossas ideias. Eu acho que esse é um dos principais papéis do Movimento Brasil Livre agora: passar as ideias corretas, explicar para a população como é que funcionam as ideias liberais, mas não de uma maneira técnica, não de uma maneira chata (KATAGUIRI, 2016, apud, OLIVEIRA, 2018, p. 66-67).

---

[13] Disponivel em: <https://mbl.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2017/05/propostas-mbl.pdf> Acesso em 29/04/2020 as 15h27min.

A partir desta concepção do líder do MBL, o grupo passou a atuar em cima de questões culturais e comportamentais, na tentativa de legitimar suas pautas liberais sempre amparadas no conservadorismo, como veremos em dois exemplos adiante.

2.2.2 MBL e as "guerras culturais"

Dois casos geraram grande repercussão e impacto na população, um deles foi a exposição "Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira", realizada no espaço Santander Cultural, na cidade de Porto Alegre. A exposição abordava a diversidade sexual e a diferença a partir de obras que datam de meados do século XX até a contemporaneidade, exibindo trabalhos de Adriana Varejão, Lygia Clark, Portinari, entre outros.

No entanto, esta exposição foi acusada por grupos conservadores de promover a perversão, pedofilia e zoofilia. A partir disso, o MBL passou a criticar a exibição a partir do fato de esta ter sido financiada pela Lei de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet), também alvo das críticas do movimento. De acordo com Oliveira (2018):

> A tática utilizada pelo MBL consiste na publicação de vídeos na página do Facebook e matérias sensacionalistas no Jornalivre, dando início aos "ataques coordenados" através do compartilhamento virtual massivo. Segundo levantamento realizado pelo "Monitor do debate político no meio digital", o vídeo publicado na página do movimento, intitulado: "Esquerda tenta promover pedofilia e zoofilia para crianças – e com dinheiro público", teve 70 mil visualizações, enquanto que a matéria publicada pelo Jornalivre: "Santander Cultural promove pornografia e até pedofilia com base na Lei de Incentivo à Cultura"67, tiveram mais 12 mil compartilhamentos (OLIVEIRA, 2018, p. 67-68).

O segundo caso trata-se da 35º Panorama da Arte Brasileira, realizado no Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo, no qual, o coreógrafo Wagner Schwartz apresentou a performance *La Betê*, releitura de uma obra da artista Lygia Clark, o artista se exibia nu e era manipulado pelo público.

No entanto, foi divulgado nas redes sociais um vídeo, no qual uma criança acompanhada da mãe, interagia com o artista. A partir disso o MBL criou uma campanha contrária a exposição com o post na página do Facebook intitulado "Será que a extrema

esquerda vai ter coragem de dizer que ninguém pode criticar o fato de uma menina de 5 anos ter ido tocar um homem nu em uma encenação?" [14].

A publicação obteve 14 mil reações, 6,3 mil compartilhamentos e 3,2 mil comentários, após toda repercussão na época o senador Magno Malta, Partido da República (PR-ES), presidente da Comissão Parlamentar de Investigação (CPI) dos Maus-Tratos, que tem por finalidade averiguar irregularidades e crimes relacionados aos maus-tratos em crianças e adolescentes no país, foi autor de pedidos de condução coercitiva para o curador do *Queermuseu*, Gaudêncio Fidélis, e o coreógrafo, Wagner Schwartz.

De acordo com Oliveira (2018, p. 70), "ações como essas colocam o movimento em evidência, como o "defensor da moral" e dos "bons costumes", e conjugam questões morais do conservadorismo as suas bandeiras liberais, ampliando seu público-alvo, e, consequentemente, sua "base" de apoio".

2.2.3 MBL: de grupo ativista a partido político

Passado as manifestações e com aprovação do impeachment da presidente Dilma, o MBL passou a se dedicar a formação de lideranças políticas municipais e a formulação de projetos de leis liberais.

Para isso, o grupo se aproximou de partidos de centro-direita, como o DEM, para eleger algumas de suas lideranças para legislativos municipais nas eleições de 2016. Foram eleitos com indicações do MBL[15]: José Pocai Junior, do PPS, com 43,28% dos votos para prefeito de Monte Sião (MG), e as vagas no parlamento de Fernando Holiday (DEM), com 48.055 votos na Câmara Municipal de São Paulo (SP), e de Ramiro Rosário (PSDB), com 4.676 votos na Câmara Municipal de Porto Alegre (RS). Em Maringá (PR), Homero Marchese (PV) foi o vereador mais votado.

No entanto, o MBL se definia e se apresentava como um movimento apartidário, mas após perceber sua expressividade nos protestos contra corrupção e contra o governo federal, o grupo mudou sua relação com os partidos de direita. Esses partidos se tornaram aliados do grupo ativista e juntos passaram a rechaçar todos os partidos de esquerda. Se posicionando de forma suprapartidária.

---

[14] Disponível em <https://www.facebook.com/mblivre/posts/695945400529606> Acesso em 09 ago. 2019.

[15] Disponível em <https://veja.abril.com.br/brasil/mbl-nao-consegue-eleger-82-de-seus-candidatos/> Acesso em 09 ago. 2019.

No ano de 2018 o grupo MBL participou das eleições federais elegendo um de seus principais líderes Kim Kataguiri a deputado federal através da legenda do (DEM). O grupo contabilizou ao todo 04 deputados e 02 senadores.

> Com as urnas apuradas, o grupo liderado por homens na casa dos 20 ou 30 anos contabilizou sua bancada, quase toda de apoiadores do MBL. No Senado, Marcos Rogério (DEM-RO) e Eduardo Girão (Pros-CE). Na Câmara, além de Kim, Zé Mário (DEM-GO), Jerônimo Goergen (PP-RS) e Sóstenes Cavalcante (DEM-RJ) (FOLHA DE S. PAULO, 2018) [16].

Em entrevista à Gazeta do Povo, Kim Kataguiri diz que o Movimento Brasil Livre atua como um partido político liberal, embora não seja um oficialmente. "No sentido burqueano da palavra, eu acho que hoje o MBL é um partido político. O MBL tem quadros, tem pessoas que se unem em torno de um mesmo ideal, de um mesmo projeto de país, para disputar o poder" (KATAGUIRI, 2017).

Atualmente o grupo se articula para a criação de uma legenda própria. Segundo Fernando Holiday, em entrevista à Folha de S. Paulo a ideia inicial do grupo era ser uma nuvem além dos partidos, mas hoje o grupo estuda a necessidade de uma legenda própria, pois, "as pessoas gostam de identificar seus ideais com um número, do 17 de Jair Bolsonaro ao 13 do PT" [17].

Outra intenção do grupo é se inserir no movimento estudantil em oposição a (UNE) União Nacional dos Estudantes. O projeto é chamado de MBL Estudantil e é organizado por Pedro Deyrot, já conta com a adesão de 10 mil inscritos. O objetivo do projeto é "capacitar e auxiliar os alunos a combater a pregação ideológica em sala de aula" diz Deyrot[18]. Entre os planos do MBL também está "dar um ar menos moleque para o portal, fornecendo a fonte da informação de materiais publicados" diz Holiday a Folha de S. Paulo. O mesmo ainda reforça que o foco na internet guiará a atividade parlamentar, abraçando pautas que geram engajamento.

---

[16] Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/apos-eleger-uma-bancada-mbl-rediscute-atuacao-e-cogita-partido.shtml> Acesso em: 09 ago. 2019.

[17] Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/apos-eleger-uma-bancada-mbl-rediscute-atuacao-e-cogita-partido.shtml> Acesso em 09ago. 2019.

[18] Disponível em <https://www.poder360.com.br/partidos-politicos/mbl-em-2018-quer-fundar-1-partido-e-ganhou-braco-estudantil/> Acesso em: 09 ago. 2019.

2.3 *Black Blocs*

Durante as manifestações de Junho de 2013, entre as inúmeras pautas e reivindicações de diversos grupos que participaram do acontecimento, outro protagonista que esteve em debate na mídia conservadora foi o "grupo" *Black Blocs*. O *Black Blocs* já havia atuado em manifestações anteriores a do ano de 2013 no Brasil, no entanto, a tática ganhou notoriedade no país no ano de 2013 devido à intensa adesão dos manifestantes.

Vale registrar a diferença conceitual que marca a caracterização dos *Black Blocs* enquanto tática e não como grupo. De acordo com Dupuis-Déri (2014), os *Black Blocs* são formados por agrupamentos pontuais de indivíduos durante uma manifestação, ou seja, esses agrupamentos são compostos de forma espontânea, não se trata de um grupo organizado com líderes e hierarquias. Esses agrupamentos têm como intuito formar um bloco em movimento, no qual as pessoas preservam seu anonimato, com uso de máscaras e roupas pretas. Embora o *Black Bloc* faça uso de violência como performance na maioria de suas ações, o grupo também tem seus momentos de passeatas pacíficas. O principal objetivo do *Black Bloc* é indicar a presença de uma crítica radical ao sistema econômico e político.

Os *Black Blocs* ao contrário dos grupos apresentados anteriormente como o *Mídia Ninja* e MBL, não seriam um grupo organizado com lideranças e hierarquias, mas sim uma tática, uma estratégia de defesa utilizada por agrupamentos pontuais durante os protestos. No entanto, embora esses agrupamentos se desfaçam após as manifestações e surjam novos agrupamentos em protestos seguintes, a performance realizada por estes indivíduos tornam-se tão influentes e interventoras para o acontecimento quanto as performances realizadas por grupos organizados. Por esta razão, analisamos os *Black Blocs* sob a visada de um agrupamento.

Os *Black Blocs*, embora seja assunto muito recente no Brasil, existem e atuam pelo mundo desde o ano de 1980. A tática foi inspirada na tradição *anarcopunk* e teve sua primeira aparição no movimento "autonomista" em Berlim ocidental, onde manifestantes de diversos segmentos buscaram criar uma forma de protesto que refletisse a demanda de autonomia pela qual lutavam. Por isso, organizaram-se a partir de um modo relativamente igualitário e horizontal, sem líderes ou representantes. Também devido ao enfrentamento com grupos neonazistas os adeptos da tática passaram a utilizar instrumentos de defesa, entre eles: capacetes, escudos improvisados e bastões. Consta que pelo uso recorrente de máscaras e roupas pretas, os manifestantes adeptos à tática ficaram conhecidos como *Black Blocs*.

A tática inicialmente utilizada na Alemanha ganhou projeção através da contracultura punk e de extrema-esquerda ou ultra-esquerda, via fanzines, turnês de bandas punks, e contatos pessoais entre ativistas em viagens. E desta forma chega em 1991 a América do Norte com manifestantes utilizando a tática em protestos contra a Guerra do Golfo de 1991 e a Convenção Nacional Democrata de 1996.

De acordo com Grote (2018), o uso da tática em solo norte-americano obteve maior notoriedade durante os protestos contra a Conferência Ministerial da Organização Mundial do Comércio (WTO) de 1999, que ficaram conhecidos como the *Battle of Seattle* [a Batalha de Seattle] e causou mundialmente um aumento do interesse pela tática.

No ano seguinte em 2000, houve o primeiro caso de uma ação *Black Bloc* no Brasil. A mídia brasileira noticiou o ataque a um prédio da Bovespa na Ação Global dos Povos[19], em setembro de 2000 como uma ação de *Black Blocs*. No entanto, apenas no ano de 2013 o *Black Bloc* aparece de forma mais marcante. Os agrupamentos de *Black Blocs* no Brasil possuem várias de suas diretrizes básicas como: violência teatral contra corporações econômicas e políticos, uso de máscaras e roupas pretas, no entanto, em razão ao contexto local acentua-se a defesa dos manifestantes em relação à polícia mal preparada e violenta.

Em relação ao uso de mídia independente, notamos uma proliferação de páginas dos *Black Blocs* em redes sociais como o Facebook, a exemplo: *Black Bloc* RJ, *Black Bloc* São Paulo, *Black Bloc* Curitiba, *Black Bloc* Brasil, praticamente cada capital do país possuía uma página sobre a ação *Black Bloc*, tanto para fins de informação como data e horários dos protestos como para veiculação de vídeos e registros das performances do grupo durante os protestos de 2013.

Porém, da mesma forma que surgiram muitas páginas elas também foram ao decorrer dos protestos sendo desativadas ou excluídas, não há um canal oficial como dos demais grupos (MBL e Mídia Ninja).

Ainda sobre a postura dos *Black Blocs* de defesa dos manifestantes em relação à polícia, torna-se necessário dizer que a polícia brasileira ainda carrega resquícios do período de ditadura militar, com muitos profissionais mal preparados para realizar a abordagem,

---

[19] Ação Global dos Povos (também conhecido pela sigla AGP) é um movimento radical e social, campanhas populares e ações diretas em resistência ao capitalismo e para justiça ambiental e social. A AGP é importante na internet pela sua comunicação e solidariedade entre o movimento antiglobalização. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/A%C3%A7%C3%A3o_Global_dos_Povos#targetText=A%C3%A7%C3%A3o%20Global%20dos%20Povos&targetText=A%C3%A7%C3%A3o%20Global%20dos%20Povos%20(tamb%C3%A9m,para%20justi%C3%A7a%20ambiental%20e%20social.&targetText=Entre%20os%20dias%203%20e,movimentos%20de%20todos%20os%20continentes.> Acesso em: 13 ago. 2019.

profissionais mal remunerados e submetidos a situações de extremo estresse, o que resulta em ações de truculência e autoritarismo.

Desta forma, os adeptos à tática acabam entrando em conflito com a polícia que acaba por "representar um monopólio da violência do Estado considerado ilegítimo e abusivo para os Black Blocs" (SOLANO, 2014 apud VASCONCELOS, 2016, p.66). A respeito do uso da violência pelo *Black Bloc*, Solano diz que se trata de "uma violência performática com a intenção de provocar uma reação social e institucional. A violência é considerada por eles uma forma de expressão, de diálogo, com um poder silencioso e alheio, que não atende as reivindicações feitas de forma pacífica" (Idem).

Assim, a violência performática dos *Black Blocs* consiste na destruição de símbolos de grandes corporações e do capitalismo com um propósito simbólico e não apenas mera violência motivada pela raiva. Outra característica dos adeptos da tática *Black Bloc* que vai de encontro ao simbólico é o uso das máscaras negras. Afinal o uso das máscaras está associado a um processo de homogeneização e de proteção individual. A máscara faz com que a individualidade do manifestante desapareça e se dilua na coletividade do grupo.

A violência em forma de espetáculo na visão dos participantes dos *Black Blocs* é uma forma mais eficiente de dialogar com os poderes. Nas palavras de um manifestante citado por Solano

> Se não se faz violência, não se chama a atenção. Eles não enxergam nossa revolta. É só com violência que o governo escuta. Não sei, é como se fosse um espetáculo. Se a gente quer ser ouvido, vai ter que jogar para o espetáculo. É a única forma de provocar uma reação. Por isso fazemos a ação direta no centro da cidade, na Avenida Paulista. Se fôssemos para a periferia ninguém escutaria, nenhum jornal ia junto. Aqui, assim, a gente chama a atenção (SOLANO, 2014, p.78).

Com o objetivo de atrair à atenção das instituições, nos *Black Blocs* há uma divisão voluntária das tarefas para que a performance possa ser executada, conforme Grote

> De acordo com as disposições individuais, caberiam a alguns dos participantes afazeres mais ofensivos, como o de armarem-se com tacos, estilingues, bolas de bilhar ou mesmo Cocktails Molotov; enquanto outros se protegem com escudos improvisados, capacetes ou máscaras de gás. Outras tarefas importantes incluem, por exemplo, a exploração da área, a comunicação com outros grupos de afinidade dentro do Bloc, agir como street medic [médico de rua] para aliviar os efeitos do gás lacrimogêneo ou do spray de pimenta ou oferecer primeiros socorros aos feridos, e até a elevação dos espíritos com instrumentos musicais. Uma vertente dessa

> última opção seria, por exemplo, voluntariar-se para dirigir – ou oferecer o próprio veículo para –, o "Lauti" [Barulhentozinho]: carro de som improvisado, que é usado para tocar músicas ou transmitir as falas do microfone aberto, geralmente usado para declarações de solidariedade. Nota-se que ambas as opções significam quase que automaticamente ofertar-se como vítima à repressão policial (GROTE, 2018, p.70):

No entanto, os adeptos à tática acabam por oferecer seus corpos à violência estatal não apenas para defender os demais manifestantes, mas também para causar choque e horror. O uso de instrumentos como: balaclavas, tampas de lixo e tacos de beisebol, pelos membros do *Black Bloc* oferecem uma paródia da polícia e desta forma ameaçam, a legitimidade do monopólio das formas estatais e corporativas sobre o uso da força violenta para atingir seus fins.

Quando estas instituições (Estado e grandes corporações) se sentem ameaçadas elas recorrem a doutrinação através da educação, mídia e propaganda. Assim, a mídia acaba por criar uma série de estereótipos e preconceitos em relação aos *Black Blocs*, numa tentativa de deslegitimar as ações e reivindicações do mesmo, causando medo na população e também numa tentativa de justificar as ações violentas do Estado.

No Brasil, houve uma hipercriminalização do *Black Bloc* por parte da mídia após a morte do cinegrafista Santiago Andrade atingido na cabeça por um rojão enquanto cobria uma manifestação no Centro do Rio em 2013. Para exemplo segue um trecho veiculado pela Revista *Veja* na época:

> No dia em que é declarada a morte cerebral de Santiago Andrade, de 49 anos, cinegrafista da Band atingido por um rojão enquanto cobria as "manifestações", convém lembrar o nome de alguns "pensadores" que legitimaram moralmente os atos dos "vândalos" – a rigor, terroristas – ou aliviaram a barra deles (as "vítimas do Estado") o quanto puderam, até o ponto tragicômico de chamá-los de "presos políticos" (VEJA, 2014) [20][21].

Acusados de "vândalos", "terroristas" e "criminosos" os *Black Blocs* passaram a receber uma abordagem ainda mais truculenta da força policial. De acordo com Vasconcelos (2016, p. 68), o *Black Bloc* poderia "nos ajudar a despertar do sonho/fantasia ideológica na qual estamos embrenhados, ajudando-nos, no mínimo, a pensar em outros modos de socialização possível", no entanto, no Brasil os usuários da prática são apreendidos apenas

---

[20] Disponível em: https://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/os-8220-pensadores-8221-que-deveriam-ir-ao-velorio-do-cinegrafista-da-band-a-carta-de-sua-filha-e-as-declaracoes-da-viuva/. Acesso em: 14 ago. 2019.

como baderneiros “tendo suas ações utilizadas não como substrato reflexão, mas apenas como pretexto para o endurecimento penal e manutenção do universo simbólico” (VASCONCELOS, 2016, p. 68). Passamos a seguir para as discussões teóricas que fundamentam nosso trabalho.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo apresentamos os principais conceitos que norteiam nossa pesquisa. O primeiro segmento trata-se da discussão do nosso eixo teórico: a ideia relacional da comunicação, proposta por Vera França. O segundo segmento é referente à discussão da noção de "acontecimento" de Louis Quéré. No terceiro tópico apresentamos à teoria da valorização de John Dewey. E por fim, trazemos à noção de enquadramento de Goffman e performance de Schechner como conceitos operacionais de análise dos vídeos dos respectivos grupos. Os autores e conceitos escolhidos possuem em comum o olhar atento para a interação e o contexto social.

3.1 A IDEIA RELACIONAL DA COMUNICAÇÃO

Nesta seção, trabalhamos com a apresentação do eixo teórico da ideia relacional da comunicação, que nos permite um olhar para a globalidade e a complexidade do processo comunicativo no contexto cultural que buscamos analisar. Na ideia relacional a comunicação é apreendida como um processo de troca, de ação partilhada e não apenas uma transmissão de mensagens; existe também uma atenção à presença de interlocutores que intervém na ação desempenhando papéis, envolvidos em processos de produção e interpretação de sentidos – mais do que simples emissores e receptores. O discurso é visto como formas simbólicas que trazem as marcas de sua produção, dos sujeitos envolvidos, de seu contexto. E por falar em contexto, na ideia relacional da comunicação os processos são apreendidos situacionalmente, ou seja, o panorama sociocultural de uma sociedade é considerado como um elemento importante do processo comunicativo.

Nesse sentido, "a comunicação compreende um processo de produção e compartilhamento de sentidos entre sujeitos interlocutores, realizado através de uma

materialidade simbólica (da produção de discursos) e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe os reflexos". (FRANÇA, 2001, online).

Ainda de acordo com França (2001), embora esta concepção utilize os mesmos elementos dos paradigmas apresentados anteriormente, na ideia relacional eles são vistos e dispostos de forma diferente.

> A novidade e riqueza é que esta outra descrição do processo comunicativo – esta concepção, este esquema teórico de apreensão – busca resgatar a circularidade e globalidade do processo, a interrelação entre os elementos que, por sua vez, se constituem, ganham uma nova existência no quadro relacional estabelecido. A especificidade do olhar da comunicação é alcançar a interseção de três dinâmicas básicas: o quadro relacional (relação dos interlocutores); a produção de sentidos (as práticas discursivas); a situação sociocultural (o contexto) (FRANÇA, 2001, online).

Portanto, ao utilizarmos à ideia relacional da comunicação como eixo teórico de nossa pesquisa, nos atentamos não apenas aos discursos proferidos pelos grupos em análise, mas também para a performance destes grupos, como interagem e intervém nas ações desempenhando papéis, e com atenção também para o contexto sociocultural em que estão inseridos. Afinal, o processo comunicativo trata-se "de algo vivo, dinâmico, instituidor – instituidor de sentidos e de relações; lugar não apenas onde os sujeitos dizem, mas também assumem papéis e se constroem socialmente; espaço de realização e renovação da cultura" (FRANÇA, 2001, online).

Considerando que o contexto onde surgiram os grupos aqui estudados trata-se de um acontecimento, passamos então às discussões do sociólogo francês Louis Quéré.

3.2 ACONTECIMENTO

Em suas discussões a respeito do conceito de acontecimento Louis Quéré diz que a partir do viés pragmatista os acontecimentos são coisas concretas, coisas reais, antes de serem colocadas no discurso. "São coisas que ocorrem, que se passam. Tal abordagem é mais sensível, a essa dimensão que chamo real ou existencial, como coisas que existem" (QUÉRÉ, 2011).

Dito de outra forma, a partir do viés pragmatista o acontecimento é visto num primeiro momento como algo concreto, a exemplo, tremores de terra, uma catástrofe nuclear, esses

acontecimentos são antes sentidos, experienciados não são acontecimentos do domínio do discurso.

Quéré nos apresenta o acontecimento em diferentes formas, são elas: o acontecimento existencial e o acontecimento-objeto. Podemos entender por acontecimento existencial "os acontecimentos como mudanças contingentes que se produzem concretamente em nosso entorno" (QUÉRÉ, 2012, p.24). Ainda de acordo com o autor:

> Existem mudanças e emergências que enfrentamos em suas qualidades imediatas e sua força brutal – elas são abordadas pela experiência direta. Estamos submetidos a suas condicionantes, à sua insistência e resistência; vamos "avaliá-las" positiva ou negativamente; e vamos adaptar-nos a elas. Trata-se, então, de reações espontâneas, baseada nos hábitos, na percepção direta e na emoção. Em regime de experiência imediata, elas não estão isoladas do entorno, nem observadas por si mesmas, ou seja, não constituídas como objeto a conhecer (QUÉRÉ, 2012, p.24)

De acordo com Peirce apud Quéré (2012, p.28) na experiência imediata dos acontecimentos, existe uma mistura de três dimensões: primeiridade, secundidade e terceiridade. A primeiridade corresponde ao momento em que o acontecimento ocorre, ao imediato, perceptível sem a possibilidade de reflexão.

> A primeira corresponde à qualidade única e distintiva, pregnante, perceptível imediatamente, sentida diretamente e de maneira não refletida, das coisas e dos acontecimentos que não são "objetos no discurso": "Eis o que é primeiro: presente, imediato, viçoso, novo, inicial, original, espontâneo, livre, natural, consciente e evanescente" (PEIRCE, 1997, p. 1357). Essa qualidade imediata e inefável é independente de qualquer referência cognitiva ou reflexiva (PEIRCE apud QUÉRÉ, 2012, p.28).

Já a secundidade, está relacionada ao impacto do acontecimento que pode nos afetar de forma positiva ou negativa a "dureza" e à insistência do fato ao caráter percuciente "do que se impõe em sua inteireza" em uma situação que não está sob controle, à colisão com ele, portanto, "o choque externo", à pressão oriunda do exterior" (QUÉRÉ, 2012, p. 29).

Enquanto na terceiridade há um grau de racionalidade e simbolização do acontecimento em nível diferente do acontecimento-objeto que veremos adiante, mas há uma "identificabilidade mínima possível (e possivelmente errônea) do que é e do que acontece – o que se apresenta aparece-nos, de certa maneira, sob um aspecto (à percepção é aspectual) –, com um mínimo de forma, sem que essa forma seja dada por um conceito ou por uma

proposição" (QUÉRÉ, 2012, p.29). Esta categoria corresponde à generalidade, da mediação por signos e símbolos.

Ao contrário da terceiridade, onde há um raciocínio mínimo a respeito do ocorrido, na segunda vida do acontecimento trata-se do momento em que o transformamos em objeto de pensamento e de julgamento. "Ao proceder assim, transformamos à qualidade intrínseca e à pressão externa – ou seja, às características de um acontecimento existencial – em um objeto propriamente dito, acrescentando-lhe a determinação e estabelecendo seu significado" (QUÉRÉ, 2012, p. 30).

Na segunda vida do acontecimento, ele deixa de ser simplesmente existencial e passa a ser objeto do consciente. De acordo com o autor:

> Ele se torna não só um objeto e uma fonte de inferências e de raciocínios, mas também um meio de ação controlada. Com efeito, servimo-nos deste tipo de objeto cognitivo-discursivo para intervir no curso dos acontecimentos, a fim de canalizá-lo ou atenuar sua brutalidade. Os acontecimentos-objetos tornam-se assim, agentes da história que se faz (QUÉRÉ, 2012, p. 31).

Essa intervenção no curso dos acontecimentos serve tanto para nível da experiência individual como coletiva. A exemplo no Japão, após catástrofes naturais e terremotos, os habitantes tomaram medidas para construção de casas mais seguras, a fim de amenizar o impacto dos acontecimentos. Outra forma de intervenção no impacto dos acontecimentos e de percepção é a comunicação que transforma às qualidades imediatas do fato em objeto de julgamento.

> Quando Dewey diz julgamento, ele pensa em julgamento de valor e julgamento de prática, respaldados em um conhecimento produzido pela investigação. Em particular, podemos apreender às condições e consequências desses julgamentos – ao mesmo tempo, o que os havia condicionado ou provocado e, sobretudo, suas consequências possíveis ou prováveis no âmbito de interações diversas e variadas (QUÉRÉ, 2012, p. 31).

De acordo com o autor quando um acontecimento possui uma significação, suas consequências e seus potenciais se tornam sua característica integral e consolidada. "Quando as consequências potenciais são importantes e repetidas, elas formam à verdadeira natureza ou essência de uma coisa, à forma que define, a identifica e a distingue. Reconhecer a coisa é apreender sua definição" (QUÉRÉ, 2012, p.31-32). Desta forma, passamos a perceber as coisas, em vez de apenas senti-las. "Perceber é reconhecer possibilidades não atingidas; é

relacionar o presente às consequências, a aparição ao desfecho, e, por conseguinte, conduzir-se tomando como regra às conexões dos acontecimentos" (DEWEY apud QUÉRÉ, 2012, p. 32). Ainda de acordo com Quéré, a investigação é uma forma de transformação de um acontecimento existencial em "uma coisa de significados".

Sendo assim, nossa pesquisa transforma o que foi em dado momento um acontecimento existencial, as manifestações de junho de 2013, em acontecimento-objeto quando passamos a investigar a relação do presente (contexto sociocultural de 2018) com as consequências e potencialidades do acontecimento. Além de estabelecer conexões com outros acontecimentos como: protestos contra a Copa do Mundo (2014), manifestações pró-impeachment de Dilma (2015) e eleição do Presidente Jair Bolsonaro (2018).

Após apresentar o conceito de acontecimento discutido por Louis Quéré, na sequência discutimos sobre valores a partir da concepção de John Dewey, o qual defende que os valores se aplicam a todo campo da experiência real e possível, própria a algum interesse humano.

3.3 TEORIA DA VALORAÇÃO DE JOHN DEWEY

Os acontecimentos do Junho de 2013 em sua concretude, a maneira como "os fatos" aconteceram e nos afetaram reverberaram, marcaram uma disputa de valores entre os diferentes grupos que participaram dos seus eventos. Vimos públicos diferenciados, com uma predominância e protagonismo dos jovens, levar suas palavras de ordem na disputa de pautas de lutas. Um embate de valores em ação. Assim, incorporamos a teoria de valores do filósofo pragmatista clássico John Dewey como parte da nossa base analítica da performance dos grupos de ativismo a partir dos seus vídeos de engajamento e interpelação.

Para Dewey os valores são históricos e sociais. Sua teoria é, portanto, uma crítica dos valores em dado contexto, de como os homens atribuem e cultivam os valores compartilhados. Os valores se aplicam a todo campo da experiência real e possível na vida associada. Tratamos de fenômenos sociais nos quais a ideia de "social" significa que há uma forma de comportamento cuja natureza é uma interação ou transação entre duas ou mais pessoas.

Para o filósofo do pragmatismo a atividade interpessoal é mais evidente quando ocorre com a finalidade de evocar um determinado tipo de resposta em outras pessoas, ou seja, o gesto de interpelar.

Tomados como indícios (e, posteriormente quando usados como indícios), gestos, posturas e palavras são símbolos linguísticos, conforme essa visada. Esse conjunto conforma os conteúdos dos valores dos seus interlocutores no processo da comunicação. É por meio de observações do comportamento que a existência e a descrição crítica de valorações devem ser determinadas. “Sempre que uma pessoa tem interesse por alguma coisa, ela toma posição perante o curso dos acontecimentos e seus resultados finais – uma posição que move a empreender uma ação que leve a um resultado particular, e não outro” (DEWEY, 2009, p. 68).

Dewey afirma que é importante destacar o papel das condições e instituições culturais na formação de desejos e fins e, portanto, das valorações. Ou seja, não se pode avaliar o comportamento humano, em especial relacionado a desejos e propósitos, separando os indivíduos do arranjo cultural em que vivem, atuam e fazem a sua existência.

> A alegada separação entre o “mundo dos fatos” e o “domínio dos valores” só desaparecerá das crenças humanas quando os fenômenos valorativos forem vistos como tendo sua fonte imediata em modalidades biológicas de comportamento e seu conteúdo concreto sob a influência de condições culturais (DEWEY, 2009, p. 115 e 116).

Convocamos ainda, nesta apreensão da ideia de valor enquanto conceito operador, a leitura referente à teoria do valor de Dewey feita por Jane Erny de Castro Graciano (2012). De acordo com ela, a distinção metaética fundamental na filosofia de John Dewey é aquela entre valorizar e avaliar. Para Dewey valorizar se refere a atitudes afetivo-motoras. Graciano cita um exemplo dado por Dewey, no qual, uma criança encontra uma pedra brilhante.

> O senso de toque e de visão da criança é gratificante. Mas não há valorização, porque não há desejo e nenhum fim em vista, até que surja a questão sobre o que deverá ser feito com a pedra, ou seja, até que à criança preze o que ela acidentalmente encontrou. No momento em que a criança começa a valorizar e se importar com a pedra, ela lhe atribui algum uso e, deste modo, a pedra é empregada como um meio para algum fim e, dependendo da maturidade da criança, ela estima ou valoriza a pedra dentro daquela relação ou como um meio para um fim (DEWEY, 2012, p. 85).

No entanto, à valorização primitiva se distingue do desejo e da fruição. Conforme essa visada *deweyana*, o desejo possui um conteúdo proposicional, pois inclui um fim-em-vista. O desejo surge como resultado da reflexão sobre os nossos atos, revelando-se mais sofisticados que as valorizações primitivas. Já a fruição não deve ser entendida como experiência passiva

de prazer, sem ligação com a conduta, pois participamos ativamente dos processos envolvidos, a exemplo, quando apreciamos uma bebida colocamos o copo com a bebida contra a luz para ver sua cor, sentimos o seu odor, apreciamos o seu gosto em nossa boca, porém, esse tipo de valorização ainda não expressa um juízo de valor.

Graciano (2012) destaca esse aspecto do juízo de valor aparece quando submetemos a valorização à avaliação.

> Os juízos de valor possuem conteúdo prático e servem para guiar nossas futuras valorizações. Essas surgem quando as nossas ações com base em valorizações ou não são possíveis ou produzem consequências indesejáveis. Nessa perspectiva, as próprias consequências das nossas ações são objetos de valorizações que determinam a formação de novos fins e de novas valorizações. Assim, nossos juízos de valor podem produzir novas valorizações. Tal fato tem duas consequências, uma ligada à natureza da valorização, outra à avaliação dos juízos de valor. No primeiro caso, quando os nossos valores mudam em resposta a nossos juízos de valor, esses valores se transformam em desejos, interesses ou gostos. No segundo caso, os juízos de valor podem ser avaliados instrumentalmente, porque a sua função é constituir novas valorizações capazes de resolver os nossos problemas (GRACIANO, 2012, p. 86).

A respeito das relações entre valorações, desejos, interesses e gostos, podemos pensar na seguinte situação. Uma pessoa tem como objetivo passar num concurso público que acontecerá no domingo, no entanto, no sábado ela tem um evento importante para ir, esta situação gera um problema que a faz avaliar as consequências das ações. Essas consequências são objetos de valoração e determinam a formação de uma nova valoração. O juízo de valor resultante poderia ser: posso ir ao evento desde que retorne cedo para casa e assim não prejudique o desempenho na prova. Esse juízo de valor tem como função guiar a conduta no sentido de fornecer a melhor solução ao problema com um fim-em-vista. Graciano (2012, p.88) entende que “os juízos de valor são ferramentas para descobrir como viver uma vida melhor, da mesma forma que as hipóteses científicas são ferramentas para descobrir novas informações sobre o mundo”.

Dando sequência, Dewey irá nos dizer que o juízo de valor de um fim está diretamente ligado com os julgamentos dos meios para alcançá-lo. “Cada elemento que deve servir de meio é um objeto de desejo e um fim em vista. E o fim efetivamente atingido é um meio não só para futuros fins, mas também para o teste de valorações feitas previamente” (GRACIANO, 2012, p. 89).

A abordagem de Dewey sobre valores nos leva a entender que os juízos de valor são provisórios e são modificados dependendo do momento histórico e contexto em que se encontram os indivíduos envolvidos. Sua teoria do valor é explicada a partir da noção da experiência, "entendida como o conjunto de interações dos seres humanos com outros seres humanos e com o ambiente, gerando situações problemáticas e motivando o aparecimento de soluções testáveis experimentalmente". (GRACIANO, 2012, p. 93).

Na noção de acontecimento vemos os movimentos, os gestos, as ações organizadas pela e na interação comunicativa. A relação entre meios e fins da experiência dos grupos de ativismos, que estudamos a partir dos seus vídeos, aponta para os valores postos na interação. Acreditamos que a noção de valor contribui, portanto, para a análise da globalidade do processo comunicativo, ver como os grupos interpelam entre seus componentes e com o Outro; como acionam seus valores e as relações de formas e conteúdos das respectivas atuações e dos atores sociais em seus papéis de ativistas.

Essa possibilidade de analisar como propomos os valores pela experiência no caráter singular de cada grupo de ativismo e em comparação entre si, a partir dos vídeos, pode ser sustentada pela argumentação de John:

> Se, na experiência, os casos individuais nunca nos apresentassem qualquer dificuldade quanto à identificação, se nunca colocassem qualquer problema, os universais simplesmente não existiriam, além de não servirem para nada. O universal é precisamente aquele enunciado relativo à experiência que vira facilitar e garantir a valoração das experiências individualizadas. O universal não possui existência, não pode ter sua validade examinada fora dessa função (DEWEY, 2009, p.22).

3.4 ENQUADRAMENTO E PERFORMANCE COMO CONCEITOS OPERADORES

De acordo com Hangai (2012) em sua leitura sobre o *frame*, os quadros de Goffman são "uma limitada estrutura cognitiva empregada subjetivamente pelo indivíduo a fim de que este possa atribuir significados aos objetos e aos acontecimentos físicos e abstratos que o cercam". Em outras palavras, os quadros são nossa capacidade de perceber o que se passa em determinada situação, nossos pontos de vista, que ordenam as peças e os sujeitos envolvidos a fim de dar sentido e significado para ação.

Goffman denomina o ato de dar significado a algo que antes não possuía significação de esquema primário. No cotidiano, os esquemas primários são frequentes eles tornam-se

visíveis a cada vez que a consciência ativa significados para objetos e os enquadra em uma faixa de atividade sem que com isso seja preciso resgatar uma faixa de atividade antecedente (HANGAI, 2012).

De acordo com Goffman (2012), o esquema primário pode ser transformado de acordo com duas lógicas: tonalização e a maquinação. A tonalização trata-se da adição de um novo significado ao esquema primário, a exemplo, duas pessoas brigando na rua este é o esquema primário, no entanto se este conflito for na verdade uma brincadeira então se adiciona ao esquema primário uma nova rede significante que permite o reconhecimento da briga como não verdadeira. Já na maquinação, o objetivo é induzir uma falsa convicção do que está realmente acontecendo, ou seja, manipular o enquadramento para que o sujeito não identifique a realidade.

> Como foi sugerido, as maquinações, assim como as tonalizações, requerem o uso de um modelo, o uso de algo já significativo em termos de esquemas primários. Mas, enquanto a tonalização leva intencionalmente todos os participantes a terem a mesma visão daquilo que está ocorrendo, a maquinação requer diferenças. (Às sátiras e as paródias pretendem ser vistas como cópias e não fazem qualquer sentido sem este reconhecimento comum; e Beethoven quis certamente confessar sua fonte quando introduziu modificações em "God Save the King". Os plagiários, por outro lado, estão necessariamente empenhados em manter oculta sua atividade de copiadores.) (GOFFMAN, 2012, p.119).

Portanto, o sentido de uma ação é apreendido a partir do enquadramento, no entanto esse processo é subjetivo, ou seja, as coisas são reais de acordo com uma perspectiva adotada. Este quadro de percepção subjetiva está localizado em um universo de acontecimentos laterais e simultâneos que se constituem como pistas paralelas a atividade enquadrada.

> A faixa de atividade sobre a qual o indivíduo dedica-se a enquadrar decorre de uma confluência de recursos materiais e sociais que possibilitam o seu próprio enquadramento. O correto quadro de um debate político precisa, primeiramente, que os candidatos envolvidos se desloquem para um determinado espaço a fim de que possam discutir suas propostas governamentais entre si. A borda do quadro refere-se, então, a fronteira imaginária que separa a faixa de atividade enquadrada do mundo ao seu redor, não se constituindo nem como parte do cenário nem como parte do mundo, mas reguladora de ambas. No caso exemplificado, os políticos referidos exercem seus papéis de candidatos durante o enquadramento do debate político, mas não abandonam a essência que trouxeram do mundo exterior, isto é, o seu "si mesmo" (self) (HANGAI, 2012, p.3).

Diante de diferentes quadros desempenhamos diferentes papéis, ou seja, diferentes performances. Quando os indivíduos são postos em um enquadramento de debate político, eles exercem a performance de candidatos políticos, respeitando tempo de fala, adotando a postura de uma pessoa democrática a fim de se adequar à atividade enquadrada. Deste modo os quadros definem qual performance deve ser adotada pelo indivíduo.

> Goffman recorre a um conceito-chave do interacionismo simbólico para elucidar esta fórmula pessoa-papel anteriormente mencionada. O autor, assim como George H. Mead, afirma que cada indivíduo é dotado de um eu (self), uma essência de personalidade que antecede a todos os papéis que ele venha a desempenhar. Este "eu" resulta da história biográfica do indivíduo e é sempre levado adiante, mesmo quando ele se deixa absorver por um papel social. A sua biologia e o seu estilo de agir e pensar são indissociáveis de seu ser, mesmo quando está desempenhando um papel. Com isso, Goffman se aproxima de uma sociologia cujo foco reside no indivíduo capaz de exercer múltiplos papéis, refutando, em contrapartida, a corrente intelectual que prioriza estruturas sociais e sua determinação na personalidade humana (HANGAI, 2012, p.4).

De acordo com Schechner (2006), toda e qualquer das atividades da vida humana podem ser estudadas enquanto performance, pois, cada ação, desde a mais secundária até a mais complicada é feita de comportamentos duas vezes vivenciados. As performances são constituídas por comportamentos restaurados[22], no entanto, nenhuma performance é igual à outra, pois, os comportamentos restaurados podem ser recombinados em um número sem fim de variações e também porque o contexto faz com que cada performance seja única.

> Uma performance acontece enquanto ação, interação, e relação. Deste modo, uma pintura ou um romance podem ser performativos ou serem analisados "enquanto" performances. A performance não está "em" nada, mas "entre". Tratar qualquer objeto, trabalho, ou produto "enquanto" performance – uma pintura, um livro, um sapato, ou qualquer coisa que seja – quer dizer investigar o que faz o objeto, como interage com outros objetos e seres, e como se relaciona com outros objetos e seres. Performances existem apenas enquanto ações, interações e relações (SCHECHNER, 2006).

Deste modo, nos propomos a analisar a performance midiática dos grupos Mídia Ninja, MBL e Black Blocs, a fim de identificar como interagem, como nos interpelam, como se comportam, quais são suas ações, figurinos, e discursos. Também analisaremos quais são os enquadramentos onde ocorrem suas performances, a fim de identificar os valores postos

---

[22] Quando falamos em comportamentos restaurados estamos nos referindo a todo comportamento que consiste de porções recombinadas de comportamentos previamente vivenciados.

em ação e sua reverberação, afinal segundo França (2012, p.13) “a leitura de um quadro nos permite apreender os valores sobre os quais ele se apoia e as forças que ele articula”.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Apresentamos aqui os procedimentos metodológicos que adotamos para organizar a nossa empiria e a grade analítica. Os vídeos foram selecionados em acordo com a possibilidade de ver em que medida como se desenvolveram, ou não, as *franjas da reverberação* do primeiro acontecimento em desdobramento com outros momentos seguintes. O próprio termo que trabalhamos já é, em si, um procedimento metodológico. Acreditamos que esse olhar abre a possibilidade de analisar os valores que atravessam os acontecimentos, seja numa linha do tempo; em movimento ou entrelaçados – a memória de um acontecimento rearticulada na e pela *franja*.

Realizamos um levantamento nas plataformas e redes sociais dos grupos MBL, *Mídia Ninja* e *Black Bloc* de vídeos que se refere às manifestações de junho de 2013 ou que consideramos um desdobramento deste acontecimento como: os protestos contra copa do mundo, manifestações pedindo impeachment de Dilma e eleições presidenciais de 2014 e 2018. Nosso objetivo foi de analisar a performance dos grupos e os valores postos em ação, observando se houve ou não reverberação e, também importante, como os valores reverberaram em diferentes momentos.

Definimos que o recorte seria de três vídeos por grupo, nove vídeos ao total de diferentes momentos para que pudéssemos analisar a reverberação dos valores postos em ação em 2013.

Do grupo Mídia Ninja foram selecionados os seguintes vídeos: “Ninja Ruas” publicado em 17 de julho de 2013 na plataforma *Youtube*, este vídeo foi selecionado, pois, exibe os ninjas em ação durante as manifestações de junho de 2013, transmitindo os protestos e embate com a polícia e com outros personagens do acontecimento. Também foi selecionado o vídeo “2013 e 2016 – Um pequeno comparativo” publicado em 08 de dezembro de 2016, onde o Mídia Ninja compara as manifestações de junho de 2013 e o tratamento da Presidenta Dilma com os manifestantes com os protestos de 2016 e a forma como o governo Temer lidou com os ativistas, entendemos este momento como um desdobramento do acontecimento

“junho de 2013” e o selecionamos pelo fato do grupo resgatar a memória das manifestações. O terceiro vídeo selecionado do grupo foi o “Henrique Vieira – Porque não votar em Bolsonaro” publicado em 31 de julho de 2018, no qual um pastor argumenta razões a partir dos ensinamentos do cristianismo para não votar em Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018. Este vídeo foi escolhido, pois ele trata diretamente de valores e por mais que não seja um ninja em ação, é um vídeo produzido e publicado pelo Mídia Ninja que compartilha dos valores expostos na narrativa do pastor.

Organizamos uma Ficha Técnica dos vídeos, com uma descrição mais geral, duração e data da publicação, entre outros pontos que consideramos importante para o contexto do trabalho.

Quadro 1 – Ficha técnica do vídeo Ninja Ruas”

Título: NINJA RUAS
Duração: 04 minutos e 45 segundos.
Link do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=pMu8vF5X4sI
Data de veiculação: Publicado em 17 de julho de 2013
Descrição: O vídeo traz uma sequência de imagens do acontecimento junho de 2013 entre elas a fala do ex-jogador de futebol Pelé com sons de tiros e gritos ao fundo, onde ele pede para que a população esqueça o que está acontecendo no país e focalize as atenções no futebol. Dando continuidade é exibido o caos nas ruas: com a narração do Galvão Bueno ao fundo em comemoração a um gol de futebol, um ajuntamento de manifestantes é atropelado e as ruas estão em chamas com ônibus incendiados. Com esta montagem o grupo (Mídia Ninja) faz uma crítica a Copa do Mundo que estava perto de acontecer no país, enquanto as pessoas nas ruas enfrentam o caos. Durante a narrativa da Mídia Ninja é feita uma comparação entre o vandalismo dos manifestantes e o do Estado. No qual, através da fala de um especialista é dito que o dano de uma vidraça quebrada é muito menor do que o vandalismo que se faz contra a vida dos brasileiros. Os Ninjas fazem crítica durante grande parte do vídeo a violência policial contra os manifestantes e a tentativa de censura aos jornalistas e midiativistas nas ruas. O vídeo exibe também a mudança de enquadramento da mídia tradicional, entre elas a Rede Globo, que após a forte repressão policial contra os manifestantes passam a não mais classificar os ativistas como baderneiros sem causa. Em uma das cenas o vídeo exibe um senhor que diz não lutar pelos 0,20 centavos porque não precisa. Na sequência uma mulher branca, trajada de verde e amarelo diz que se deve chegar num protesto com felicidade, com sorriso no rosto, sem protestar, com um corte passa para o Jornal Nacional onde William Bonner diz que ocorrem manifestações pacíficas pelo Brasil. Logo em seguida, o vídeo mostra um grupo intitulado “Os nacionalistas” todos de verde e amarelo em conflito com grupos de esquerda e partidos políticos arrancando suas bandeiras e expulsando-os do protesto. Dando prosseguimento são exibidas imagens de

Adolf Hitler no qual ele diz ser intolerante e que expulsaria 30 partidos políticos da Alemanha. Esta montagem da Mídia Ninja é feita com o intuito de comparar as ações dos grupos de extrema-direita que também ocuparam as ruas com as atitudes intolerantes do nazismo. Ao som animado de Stayin'alive música do Bee Gees traduzido para o português "Mantenha-se vivo" o vídeo é encerrado com um Ninja que dança e se esquiva ao mesmo tempo, dos explosivos lançados pela polícia.

Imagem: retirada do *YouTube*

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Quadro 2 – Ficha técnica do vídeo "2013 e 2016 – Um pequeno comparativo"

Título: 2013 e 2016 – Um pequeno comparativo
Duração: 03 minutos e 28 segundos
Link do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=drPeQp1Nr6I
Data de veiculação: Publicado em 08 de dezembro de 2016
Descrição: O vídeo exibe cenas das manifestações de 2013 onde a Presidente à época, Dilma Rousseff, atende os grupos ativistas para uma conversa e para elaboração de medidas para melhoria do serviço público, a exemplo, foram encaminhados para o congresso medidas como: criminalização do Caixa 2 com pena de prisão e multa; confisco de bens frutos de atividades criminosas, improbidade administrativa e enriquecimento ilícito; ficha limpa para servidores do executivo, legislativo e judiciário; e inclusão no código penal do crime de enriquecimento ilícito de servidores públicos. No entanto, o vídeo mostra que após um ano o pacote anticorrupção de Dilma continua parado na Câmara. Na

sequência, são exibidos os protestos que ocorreram em 2016 contra a PEC 55 que congelava os investimentos na saúde e na educação por 20 anos, já sob a presidência de Michel Temer. As cenas são de repressão policial e o vídeo é encerrado com a mensagem "Não houve diálogo entre manifestantes e governo".

Imagem: retirada do *YouTube*

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Quadro 3 – Ficha técnica do vídeo "Henrique Vieira – Porque não votar em Bolsonaro"

Título: Henrique Vieira – Porque não votar em Bolsonaro
Duração: 06 minutos e 48 segundos
Link do vídeo: http://youtube.com/watch?v=3jIZVadlMYk
Data de veiculação: Publicado em 31 de julho de 2018
Descrição: O vídeo é um depoimento do pastor Henrique Vieira que utiliza os ensinamentos religiosos do cristianismo como argumentos para não votar em Jair Bolsonaro, e apresentando o candidato como uma pessoa que não respeita a diversidade e a

democracia.

Imagem: retirada do *YouTube*

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Do grupo MBL foram selecionados os seguintes vídeos: “15 DE MARÇO - A Maior Manifestação da História do Brasil” publicado em 18 de março de 2015, o vídeo trata da manifestação organizada pelo MBL pró-impeachment de Dilma, selecionamos este vídeo, pois, exibe a performance do grupo e trata-se de um desdobramento do acontecimento “junho de 2013” onde a gestão de Dilma ficou fragilizada com a forte pressão popular. O segundo vídeo “A tortura em um protesto do Passe Livre” publicado em 12 de janeiro de 2016 mostra um homem acusado de ser P2 (policial infiltrado) sendo agredido por manifestantes, em seguida Kim Kataguiri líder do MBL, relaciona os agressores ao Movimento Passe Livre e a Esquerda numa tentativa de deslegitimar as manifestações dos grupos de Esquerda, este vídeo foi selecionado, pois acreditamos tratar da reverberação de um dos valores postos em ação pelo MBL o sentimento “anti-esquerda”. O terceiro vídeo “O treino acabou, a guerra começa agora! Retrospectiva 2018” publicado em 29 de novembro de 2018, narra toda trajetória do MBL, desde as lutas pelo impeachment de Dilma até as eleições de 2018 quando o PT é derrotado nas eleições presidenciais e o Movimento Brasil Livre consegue eleger alguns de seus líderes a cargos políticos, selecionamos este vídeo, pois além de ser um desdobramento dos protestos que se iniciaram em 2013, ele exibe a performance do grupo e seus valores.

Quadro 4 – "15 DE MARÇO - A Maior Manifestação da História do Brasil"

Título: 15 DE MARÇO - A Maior Manifestação da História do Brasil
Duração: 06 minutos e 19 segundos
Link do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=qem_0OGZEjk
Data de veiculação: Publicado em 18 de março de 2015
Descrição: O vídeo narra o dia em que o grupo MBL ocupou as ruas de São Paulo com uma multidão de brasileiros. De acordo com a descrição do vídeo mais de 1,5 milhão de pessoas ocuparam a Av. Paulista pedindo o impeachment de Dilma Rousseff, conforme descrição do vídeo publicado pelo MBL "não queremos mais o governo corrupto e golpista do (PT), personificado na triste figura de Dilma Rousseff". As cenas iniciam com a câmera passando entre a população, na sequência, vários cortes que exibem as ruas cheias passando a ideia de multidão. As cores utilizadas no vídeo para as letras e números referir-se a bandeira do Brasil, os apoiadores do protesto estão todos trajados de verde e amarelo, alguns com camisa da CBF e bandeiras do país exaltando o sentimento nacionalista. Os enquadramentos do vídeo focam em cartazes com pedido "Fora Dilma", "Partido do Trambique", e em um homem com nariz de palhaço. Estas imagens são acompanhadas do som de fundo de um coração pulsando e gritos "o (PT) rodou" a narrativa do MBL deixa claro sua oposição ao partido. Os integrantes do MBL são jovens que se apresentam a população do alto de um trio elétrico com tom de voz elevado e com palavras de ordem chegam a incitar a revolta da população "Vocês querem sangrar com a Dilma?". A música Knights of Cydonia utilizada como trilha sonora do vídeo traduzido para o português "Cavaleiros de *Cydonia*" possui melodia contagiante e a tradução de sua letra convoca as pessoas para a luta com trechos "como nós podemos vencer quando tolos podem ser reis […] você e eu temos que lutar pelos nossos direitos, você e eu temos que lutar para sobreviver". Fernando Holiday um dos principais líderes do grupo discursa "O (PT) há anos vem dividindo a sociedade: dividiu a gente entre ricos e pobres, entre negros e brancos, mas a partir de hoje suas divisões inúteis não vão mais separar o povo brasileiro. Isto porque estamos demonstrando que somos um só povo, uma só nação".

Imagem: retirada do *YouTube*

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Quadro 5 – Ficha técnica do vídeo "A tortura em um protesto do Passe Livre"

Título: A tortura em um protesto do Passe Livre
Duração: 03 minutos e 17 segundos
Link do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=3vXqDGN3_pA
Data de veiculação: Publicado em 12 de janeiro de 2016
Descrição: O vídeo exibe um homem sendo espancado por outros que questionam se ele é um P2 (policial infiltrado no protesto). Na sequência aparece Kim Kataguiri, um dos principais líderes do MBL, explicando o evento relacionando os agressores com o Movimento Passe Livre. Kataguiri também faz crítica à mídia, pois, havia vários jornalistas fotografando a cena de violência e ninguém interveio ou noticiou nos meios de comunicação.

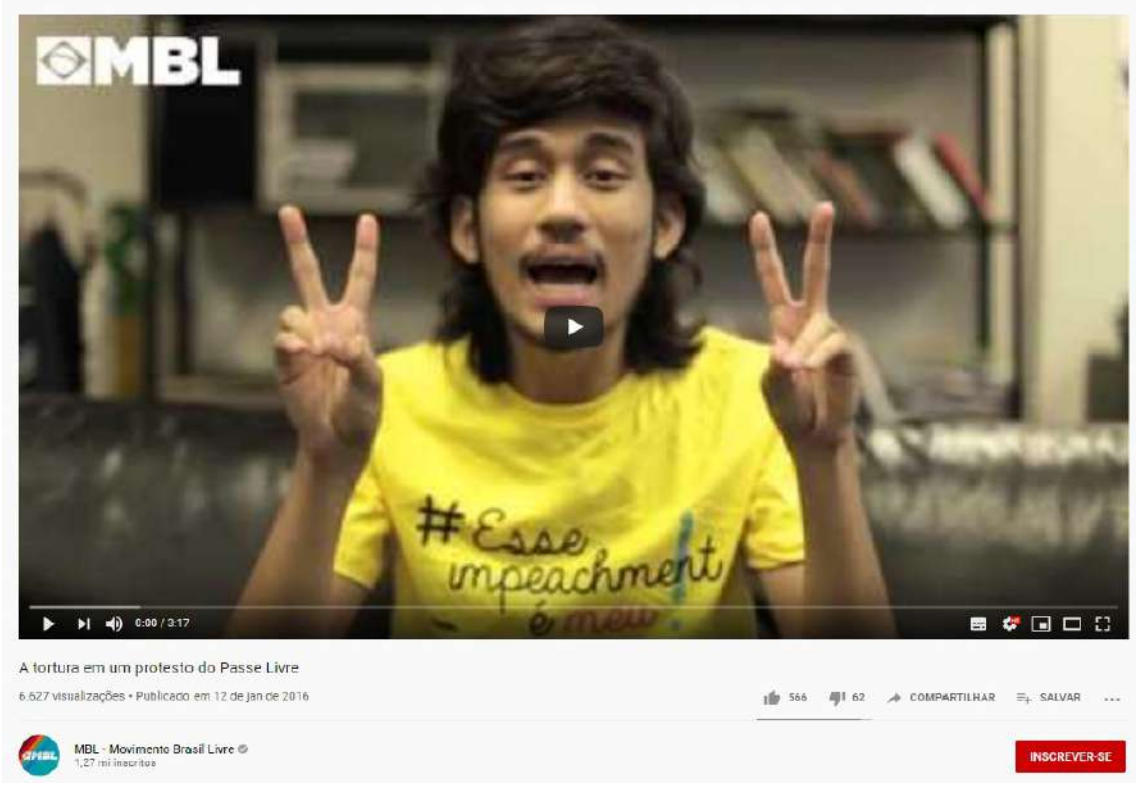

Imagem: retirada do *YouTube*

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Quadro 6 – Ficha técnica do vídeo "O treino acabou, a guerra começa agora! Retrospectiva 2018".

Título: O treino acabou, a guerra começa agora! Retrospectiva 2018
Duração: 05 minutos e 01 segundo
Link do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=46kLDlius5M
Data de veiculação: Publicado em 29 de novembro de 2018
Descrição: O vídeo narra toda trajetória do MBL, desde as lutas pelo impeachment da presidente Dilma até as eleições de 2018 quando o PT é derrotado nas eleições presidenciais e o Movimento Brasil Livre consegue eleger alguns de seus líderes a cargos políticos. O vídeo também exibe as críticas que o grupo recebeu durante sua atuação e os embates tanto com a mídia institucionalizada, como com figuras públicas, a exemplo, Caetano Veloso, grandes empresas como o Facebook e outros postos como adversários.

Imagem: retirada do *YouTube*

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Por fim apresentamos os vídeos que foram selecionados do grupo Black Bloc RJ: "Vídeo explicativo!" publicado em 04 de agosto de 2013 selecionamos este vídeo porque ele explica o que é o Black Bloc, seu objetivo, suas ações e sua performance nos protestos do Brasil numa tentativa de se defender dos ataques da mídia apresentando seus valores. O segundo vídeo "Nem Dilma, nem Aécio! Abaixo a farsa eleitoral!" publicado em 24 de outubro de 2014 foi selecionado, pois apresenta os valores do Black Bloc que deseja uma reforma política e não a escolha de mais um representante independente de ser de esquerda ou direita. O terceiro vídeo "Papo Reto!!!" publicado em 19 de outubro de 2018 foi selecionado porque apresenta uma mudança de valor do grupo Black Bloc que diante do contexto sociocultural de 2018 apoia a ideia de que é preciso se posicionar e não votar nulo.

Quadro 7 – Ficha técnica do vídeo "Vídeo explicativo!"

Título: Vídeo explicativo!
Duração: 06 minutos e 24 segundos
Link do vídeo: https://www.facebook.com/BlackBlocRJ/videos/554494614598706/?v=554494614598706
Data de veiculação: Publicado em 04 de agosto de 2013

Descrição:

O vídeo apresenta um mascarado, cuja voz, não é possível ser identificada devido ao uso de edição de áudio, mantendo assim o anonimato. Este indivíduo em seu depoimento explica o que é o Black Bloc, seu objetivo e suas ações. Também ressalta que não é líder do grupo, pois se trata de um grupo horizontal sem hierarquias. A montagem do vídeo também exibe cenas dos protestos de junho de 2013, com repressão da polícia e atuação do Black Bloc que diz contra-atacar as grandes corporações opressoras e não a comerciantes pequenos que são trabalhadores vítimas também do sistema. O Black Bloc também se defende das acusações da mídia que os denomina "baderneiros" nas manchetes dos jornais.

Imagem: retirada do *Facebook.*

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Quadro 8 – Ficha técnica do vídeo "Nem Dilma, nem Aécio! Abaixo a farsa eleitoral"

Título: Nem Dilma, nem Aécio! Abaixo a farsa eleitoral!
Duração: 03 minutos e 52 segundos

Link do vídeo: https://www.facebook.com/BlackBlocRJ/videos/755001617881337/?v=755001617881337
Data de veiculação: Publicado em 24 de outubro de 2014.
Descrição: O vídeo não exibe a performance dos Black Blocs e é produzido pelo jornal A Nova Democracia, no entanto, o grupo Black Bloc RJ compartilhou o vídeo com o seguinte título "Nem Dilma, nem Aécio! Abaixo a farsa eleitoral!" concordando com o conteúdo do vídeo que exibe uma manifestação em defesa ao boicote às eleições, pedindo para a população votar nulo e pedindo por uma reforma política, pois, independente do representante ser de direita ou de esquerda o sistema continua falho.
 Imagem: retirada do *Facebook*

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Quadro 9 – Ficha técnica do vídeo "Papo Reto!!!"

Título: Papo Reto!!!
Duração: 03 minutos e 20 segundos
Link do vídeo: https://www.facebook.com/BlackBlocRJ/videos/566028390487278/?v=566028390487278

Data de veiculação: Publicado em 19 de outubro de 2018

Descrição:

O vídeo rap pela democracia exibe vários cantores de rap e hip-hop pedindo para a população se conscientizar nas eleições de 2018, pois, a democracia está sob ameaça com a possibilidade de um candidato (Jair Bolsonaro) que defende maior repressão policial ganhar as eleições. Durante o vídeo alguns pedem para que a população tome cuidado com o voto nulo neste momento dizendo que é hora de se posicionar politicamente. Embora o vídeo não mostre os Black Blocs em ação e nem tenha sido produzido por eles, a página Black Bloc RJ compartilha com o título "papo reto", mostrando uma mudança de valor devido ao contexto sociocultural.

Imagem: retirada do *Facebook.*

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

No capítulo a seguir, analisamos os vídeos mencionados acima. A fim de identificarmos quais são os valores postos em ação e como estes reverberam ou não em diferentes acontecimentos até o contexto sociocultural de 2018 durante as eleições presidenciais.

5. ANÁLISE

Apresentamos neste capítulo o desenvolvimento de nossas análises, onde buscamos observar a performance midiática dos três grupos com atenção a relação entre as formas (enquadramento, trilha sonora, cores, ritmo de edição, iluminação, composição do cenário, planos e etc), e o conteúdo do discurso dos membros dos grupos. Nossa análise partiu das perguntas condutoras: como eles se apresentam? Como nos interpelam? Quais valores acionam? Em qual contexto se dá a performance?

Iniciamos as análises com três vídeos do grupo Mídia Ninja: "Ninja Ruas", "2013 e 2016 – Um pequeno comparativo", e "Henrique Vieira – Porque não votar em Bolsonaro". Passamos para análise dos vídeos do grupo MBL: "15 DE MARÇO – A Maior Manifestação da História do Brasil", "A tortura em um protesto do Passe Livre" e "O treino acabou, a guerra começa agora! Retrospectiva 2018". Por fim, analisamos os vídeos do agrupamento *Black Bloc RJ*: "Vídeo explicativo!", "Nem Dilma, nem Aécio! Abaixo a farsa eleitoral!" e "Papo Reto!!!".

5.1 NINJA RUAS (Publicado em 17 de julho de 2013)[23]

O ritmo de edição do vídeo produzido pelo *Mídia Ninja* é dinâmico, a passagem de um quadro para outro é rápida, mas suficiente para transmitir a ideia de energia da ação. Há sempre uma trilha de fundo que dá ritmo ao vídeo.

Os símbolos tradicionais do futebol, prática da cultura brasileira, são articulados no vídeo cenário predominante são as ruas. Traz em destaque a figura de Pelé ex-jogador de futebol que pede para que a população brasileira esqueça o que está acontecendo nas ruas e volte suas atenções para o futebol, enquanto o ex-jogador fala ao fundo é possível ouvir som de tiros.

---

[23] As citações e os exemplos neste item foram extraídos do site:<https://www.youtube.com/watch?v=pMu8vF5X4sI&t=2s> Acesso em 29 de abr. de 2020 as 16h39min.

Na sequência, o enquadramento passa para as ruas em chamas, exibindo os protestos e manifestantes sendo atropelados pela polícia, ao fundo a narração de um gol feita por Galvão Bueno. O próximo plano exibe um comediante com a bandeira do Brasil ao fundo dizendo que daria umas "porradas" em Pelé.

A montagem das cenas é uma crítica do *Mídia Ninja* aos investimentos para a realização da Copa do Mundo que estava para acontecer no Brasil em 2014, enquanto o povo estava na rua cobrando por transporte público de qualidade, saúde e educação e sofrendo repressão policial por isso.

Logo depois, temos a fala do comandante do Policiamento de Choque que diz que os manifestantes são estudantes, pessoas ligadas ao sindicato e o presidente do sindicato e que estão todos presos. Com um corte, o vídeo passa para o enquadramento da mídia tradicional exibindo uma fala de Arnaldo Jabor que chama os manifestantes de "revoltosos de classe média que não valem nem 0,20 centavos".

Na sequência, uma repórter da TV Globo tenta transmitir as manifestações e os ativistas em coro hostilizam a emissora. O plano seguinte apresenta o programa Cidade Alerta que exibe as imagens de vandalismo dos protestos, em seguida uma criança ao ser questionada sobre o que era os protestos relata apenas as cenas de vandalismo, reproduzindo o senso comum criado pela mídia tradicional a respeito dos protestos.

A fim de contrapor a mídia tradicional, os ninjas exibem imagens dos protestos onde um mascarado recolhe latas do chão e ao fundo uma fala que diz que o "vandalismo de quebrar uma vidraça, que não devemos aceitar e nem recomendar é muito menor do que o vandalismo que se faz contra a vida do brasileiro". Na sequência é apresentado um remix de imagens da repressão policial e também uma animação onde o policial se transforma num gorila enraivecido. Os Ninjas fazem crítica durante grande parte do vídeo a violência policial contra os manifestantes e a tentativa de censura aos jornalistas e midiativistas nas ruas.

A escritura audiovisual apresenta a mudança de enquadramento da mídia tradicional em relação aos protestos, falando sobre a forte repressão policial, outro quadro do vídeo que vale ser ressaltado é o programa apresentado por Datena que estava ao vivo com a seguinte enquete "Você é a favor de protesto com Baderna?" e a maioria dos telespectadores votaram sim, logo Datena pede para que a enquete seja retirada do ar, pois, as pessoas apoiariam o protesto porque são contra o aumento de passagem segundo o apresentador.

Cenas explícitas de tentativa de censura são apresentadas com policiais apreendendo as câmeras de fotógrafos e jornalistas. Na sequência, Geraldo Alckmin ao lado de Fernando

Haddad diz que querem tranquilidade na cidade para que a cidade funcione, com um corte o vídeo passa para imagem de Collor pedindo que as pessoas saiam às ruas com as cores da bandeira do país.

A estratégia comunicativa apela para o "testemunho", que dá a noção de veracidade, de real, apresentando também um senhor que diz "não luto pelos 0,20 centavos porque não preciso, sou um homem resolvido". Na sequência surge uma mulher trajada de verde e amarelo diz que se deve chegar num protesto "com sorriso, com felicidade, sem protestar" com um corte o vídeo passa para William Bonner no Jornal Nacional relatando protestos pacíficos.

Em seguida, as imagens exibem conflitos entre os manifestantes onde grupos da direita expulsam grupos da esquerda dos protestos como o PT (Partido dos Trabalhadores) e a UNE (União Nacional dos Estudantes). Após essas imagens, aparece um vídeo em preto e branco onde Hitler diz aos alemães que seriam intolerantes e expulsaram os demais partidos políticos da Alemanha. Esta montagem do *Mídia Ninja* é feita com o intuito de comparar as ações dos grupos de extrema-direita que também ocuparam as ruas com as atitudes intolerantes do nazismo.

Adiante o vídeo exibe o pronunciamento da Presidenta Dilma, no qual, ela diz que é preciso saber escutar as vozes democráticas das ruas e as imagens exibidas são de repressão policial. Por fim, com a trilha sonora animada de *Stayin'Alive* música do Bee Gees traduzido para o português "Mantenha-se vivo" o vídeo é encerrado com um Ninja que dança e se esquiva ao mesmo tempo, dos explosivos lançados pela polícia.

A narrativa possui um tom sarcástico e debochado em determinados trechos como quando o Ninja em meio ao confronto com a polícia começa dançar, quando usa animação em que transforma o policial em gorila, quando introduz cenas de um comediante no meio do vídeo.

Os Ninjas se apresentam em meio ao acontecimento como um observador participante. Observador pelo fato de estar sempre com câmeras ou celulares em mãos registrando toda a manifestação em tempo real, de dentro do acontecimento. Participante no sentido em que ele não só assiste, mas faz interferências nas ações da trama que narra. Por exemplo, quando exibe em suas cenas Ninjas em embates com a polícia ao ter seu equipamento apreendido ou ao presenciar um colega de profissão ser censurado. O grupo (Mídia Ninja) performa em favor da liberdade de expressão.

Em nossa leitura desse vídeo, observamos que o grupo *Mídia Ninja* expressa como valor a liberdade de expressão. A montagem constrói uma sucessão de ideias relacionadas: a população tem o direito de ocupar as ruas e se manifestar; a liberdade de ir e vir; de vir para as ruas, a liberdade de ocupá-las.

O valor da liberdade é assentado em outra ideia. A liberdade de imprensa, quando o grupo entra em confronto com policiais diante da censura e apreensão de câmeras de profissionais nos protestos. O *Mídia Ninja* também valoriza um jornalismo independente e que apresente a multiplicidade de vozes e diferentes perspectivas do mesmo fato chegando até a criticar a mídia tradicional. Expondo coberturas tendenciosas da grande mídia que só exibia os atos de vandalismo dos protestos sem questionar o motivo das pessoas estarem nas ruas.

O grupo também defende como valor o respeito à integridade humana quando em sua narrativa denuncia a violência praticada pelo Estado.

5.1.1 2013 e 2016 – Um pequeno comparativo (Publicado em 08 de dezembro de 2016)[24]

O vídeo inicia com uma tela preta e letras grandes brancas dizendo que em junho de 2013 as pessoas saíram às ruas contra o aumento da passagem, melhoria nos serviços públicos e combate à corrupção. Na sequência, é exibida no ar a bandeira do Movimento Passe Livre e os manifestantes ocupando as ruas e o Congresso Nacional. Nas cenas selecionadas de 2013 as pessoas cantam o hino, ocupam o Congresso Nacional e a polícia transita pacificamente entre os manifestantes. O quadro seguinte apresenta uma reportagem que mostra que a Presidenta Dilma convidou o MPL (Movimento Passe Livre) e outros grupos ativistas para conversar e discutir medidas para melhoria dos serviços públicos.

Novamente com a tela preta e letras grandes e brancas e trilha de suspense em BG, o vídeo informa que Dilma enviou ao Congresso um pacote anticorrupção com as seguintes medidas: criminalização do caixa dois com pena de prisão e multa; confisco de bens frutos de atividades criminosas, improbidade administrativa e enriquecimento ilícito; ficha limpa para servidores do executivo, legislativo e judiciário; inclusão no código penal do crime de

[24] As citações e os exemplos neste item foram extraídos do site: <https://www.youtube.com/watch?v=drPeQp1Nr6I&t=1s> Acesso em 29 de abr. de 2020 as 16h34min.

enriquecimento ilícito de servidores públicos. Em seguida, o vídeo exibe uma manchete que diz “Um ano depois, pacote anticorrupção de Dilma continua travado na Câmara”.

Com a trilha de suspense ao fundo e tela preta, a narrativa agora destaca que em novembro de 2016 manifestantes foram ao Congresso Nacional protestar contra a PEC 55 que congela os investimentos em saúde e educação por 20 anos. As cenas seguintes são de repressão policial sob a narração de um ninja que diz que os policiais soltaram gás de pimenta em estudantes que estavam manifestando, que havia muita gente machucada, muita menina machucada.

O enquadramento é de um campo de guerra no gramado do Congresso Nacional, onde os policiais batem com cassetete nos manifestantes e lançam bombas de gás, o som no fundo dramatiza a situação, são enquadrados cartazes com pedidos “FORA TEMER” e a violência policial.

Na sequência, é exibida uma manchete do jornal “PEC 55 é aprovada no senado em primeiro turno”, com som dramático ao fundo novamente surge uma tela preta com os dizeres “Não houve diálogo entre governo e manifestantes”.

O Mídia Ninja ao resgatar as manifestações de junho de 2013 omite os confrontos entre policiais e manifestantes, exibindo apenas os pontos positivos em sua narrativa, legitimando desta forma a gestão do Governo de Dilma. Em contraponto, a gestão de Michel Temer é deslegitimada apresentando os governantes como autoritários, sem diálogo com a população. Além disso, na narrativa dos ninjas o Congresso ocupa papel de antagonista ao travar o andamento do pacote anticorrupção.

Observamos neste vídeo que o grupo busca reverberar o valor de liberdade de expressão, a luta pelo direito de manifestar e ocupar os espaços públicos. Reverbera também o valor defendido pelo grupo que é o respeito à integridade humana quando caracteriza o governo de Michel Temer como autoritário e intolerante devido às repressões policiais.

Notamos também que houve uma mudança no tratamento do grupo com a gestão do Governo de Dilma do vídeo selecionado de 2013 para este do ano de 2016, se antes o governo era criticado por descaso com a população e pela violência dos policiais durante os protestos de 2013, neste momento isso é apagado e o que se leva em consideração é o fato da ex-presidenta ter convidado alguns grupos ativistas para conversar e discutir medidas anticorrupção, valorizando assim a gestão de Dilma.

Ou seja, o governo federal e a presidenta Dilma passam a ter um valor só na medida em que eles são chamados para serem interlocutores nas negociações.

5.1.2 Henrique Vieira – Porque não votar em Bolsonaro (Publicado em 31 de julho de 2018)[25]

Com este vídeo o Mídia Ninja tenta dialogar com um grupo ao qual ele não está acostumado, os religiosos, os mais conservadores. O campo imagético é do Outro, do próprio eleitor religioso e tenta através da figura do pastor utilizar a mesma linguagem que estão acostumados na sua crença: o evangelho.

Neste vídeo, é evidente que o Mídia Ninja propõe um embate de valores, eles aproximam seus valores como democracia, diversidade, liberdade de expressão de valores do evangelho como respeito, perdão e amor. Reforçando essa estratégia de falar a partir do lugar e dos valores do Outro, comparam estes valores do evangelho com atitudes do candidato Bolsonaro, deslegitimando-o.

Com um fundo preto, um homem também trajado de preto se apresenta como pastor e discípulo de Jesus para tratar de razões para não votar em Bolsonaro. Com tom de voz sereno e de maneira didática o pastor apresenta Bolsonaro como um homem intolerante que odeia quem diverge dele e que destila palavras de ódio a quem possui ideias contrárias às dele, inferiorizando as pessoas.

O pastor também afirma que Bolsonaro não tem compromisso com a democracia, afinal segundo o pastor "democracia não é só maioria popular, democracia também é respeito à diversidade, respeito a princípios básicos da preservação da integridade humana".

Outro ponto ressaltado pelo pastor para não se votar em Bolsonaro é o fato dele apoiar a ditadura militar, período da história recente da política brasileira que o pastor caracteriza como:

> Um regime pautado na violência que prendeu e matou sumariamente milhares de pessoas. Possivelmente, um dos governos mais corruptos da nossa história, uma vez que não existiam mecanismos de fiscalização, de controle real dos atos do governo e a própria imprensa era permanentemente censurada (VIEIRA, 2018).

O pastor também ressalta como ponto negativo o fato de Bolsonaro ter elogiado torturadores, definindo tortura como "um ato perverso, um ato desumano, um ato que impõe

---

[25] As citações e os exemplos neste item foram extraídos do site: <https://www.youtube.com/watch?v=3jIZVadlMYk&t=1s> Acesso em 29 de abr. de 2020 as 16h41min.

um sofrimento profundo a um indivíduo muitas vezes levando a morte ou a traumas insuperáveis".

Vieira também afirma que Bolsonaro ataca constantemente as mulheres e traz a tona o acontecimento onde Bolsonaro no Congresso Nacional entrou em embate com Maria do Rosário e disse que não a estupraria porque ela não merecia. Neste momento do vídeo, pela primeira vez sai do enquadramento do pastor e são exibidas cenas de Bolsonaro com tom de voz elevado e irado ameaçando bater em Maria do Rosário fazendo gestos com a mão.

O enquadramento retorna para o pastor que diz que Bolsonaro despreza os LGBTs e também a luta do movimento negro e que em determinada ocasião o candidato chegou a comparar Quilombolas com animais.

Dando continuidade, o pastor diz que Bolsonaro vive elogiando a violência "Quando Bolsonaro diz que bandido bom, é bandido morto. Qual a coerência que isso tem com a mensagem do evangelho, não foi Jesus que ensinou a perdoar? Não foi Jesus que impediu processos de execução?".

O pastor utiliza mensagens e ensinamentos do evangelho na tentativa de convencer o público mais conservador e cristão de que Bolsonaro não compartilha dos ensinamentos do cristianismo como diz, afinal no contexto sociocultural de 2018, o candidato estava recebendo apoio de eleitores religiosos, devido seus discursos em defesa da família e seu slogan "Brasil acima de tudo! Deus acima de todos!".

O pastor continua dizendo que Bolsonaro se faz "mito" se coloca num altar, se faz "semideus", enquanto Jesus preferiu ser menos chefe e mais irmão, preferiu servir e andar em grupo, impedindo execuções, dizendo não a violência e a vingança.

Nesta montagem do grupo Mídia Ninja observamos como valores fortes e que reverberam desde 2013: a liberdade de expressão quando o pastor critica a postura de Bolsonaro que é intolerante a ideias contrárias a dele; liberdade de imprensa quando o pastor caracteriza a ditadura militar como um período negativo dentre um dos motivos pela censura aos meios de comunicação, o respeito à integridade humana quando o pastor julga de maneira negativa a atitude de Bolsonaro com Maria do Rosário e seus discursos contra LGBTs, Quilombolas e presidiários.

5.1.3 Considerações sobre os valores postos em ação pelo Grupo Mídia Ninja

No ano de 2013 o grupo Mídia Ninja se posiciona de forma crítica as atuações do governo de Dilma como os investimentos para sediar a Copa do Mundo, a violência policial durante os protestos de junho de 2013, e o descaso com a população que clamava por melhorias nos serviços públicos, chegando até nomear tal descaso como "Vandalismo do Estado".

O grupo também defende a liberdade de expressão, o direito de cada indivíduo se manifestar e ocupar os espaços públicos, a liberdade dos colegas de profissão de registrarem e transmitirem os acontecimentos sem censura do Estado e o respeito à integridade humana denunciando constantemente as atitudes arbitrárias e violentas da polícia.

Já no ano de 2016 pós-impeachment de Dilma, esses valores reverberam, no entanto, há uma mudança no tratamento da memória da gestão de Dilma. A violência do Estado durante os protestos de 2013 é apagada e o que é resgatado de 2013 é a tentativa de diálogo da Presidenta com alguns grupos ativistas. Enquanto o governo de Michel Temer é desvalorizado pelo grupo devido às repressões policiais e nenhum esforço por parte do Presidente de diálogo com os manifestantes.

No contexto sociocultural de 2018, ano de eleições presidenciais com o surgimento de um novo candidato, Jair Bolsonaro, se destacando nas pesquisas de intenções de votos com seus discursos conservadores. O grupo Mídia Ninja muda sua linguagem para tentar atingir o público eleitoral de Bolsonaro através da figura de um pastor. São postos em ação valores como: democracia, liberdade de expressão, respeito à diversidade e a integridade humana, tais valores estão presentes na narrativa do grupo desde o ano de 2013, no entanto, em 2018 a diferença é que o grupo tenta associar tais valores aos ensinamentos do Evangelho, numa tentativa de atrair os cristãos para as ideias que são interpretadas como possíveis de serem compartilhadas com o grupo.

Quadro 10 – Valores postos em ação grupo Mídia Ninja

GRUPO MÍDIA NINJA	
Matiz ideológico:	Esquerda
2013	
Valores e Interpelação:	O grupo performa em favor a **liberdade de expressão** com uma montagem que nos apresenta ideias como: a população tem o direito de ocupar as ruas e se manifestar; a liberdade de ir e vir; de vir para as ruas, a liberdade de ocupá-las. Também é apresentado o valor de **liberdade de imprensa** quando o grupo entra em confronto com policiais diante

	da censura e apreensão de câmeras de profissionais nos protestos. O grupo também defende como valor o **respeito à integridade humana** quando em sua narrativa denuncia a violência praticada pelo Estado. O Mídia Ninja também valoriza um **jornalismo independente** que apresente a multiplicidade de vozes e diferentes perspectivas do mesmo fato chegando até a criticar a mídia tradicional. Expondo coberturas tendenciosas da grande mídia que só exibia os atos de vandalismo dos protestos sem questionar o motivo das pessoas estarem nas ruas.
Eixos da Performance	O ritmo de edição do vídeo produzido pelo Mídia Ninja é dinâmico, a passagem de um quadro para outro é rápida, mas suficiente para transmitir a ideia de energia da ação. Há sempre uma trilha de fundo que dá ritmo ao vídeo. Os símbolos tradicionais do futebol, prática da cultura brasileira, são articulados no vídeo que faz critica a Copa do Mundo de 2014 que estava para acontecer no Brasil. O cenário predominante são as ruas onde ocorrem as manifestações e o confronto entre a população e o Estado.
2016	
Valores e Interpelação:	Observamos que no ano de 2016 reverbera o valor de **liberdade de expressão**, a luta pelo direito de manifestar e ocupar os espaços públicos. Reverbera também o valor defendido pelo grupo que é o **respeito à integridade humana** quando o MN caracteriza o governo de Michel Temer como autoritário e intolerante devido às repressões policiais.
Eixos da Performance	Nos primeiros quadros do vídeo o grupo apresenta a manifestação ocorrida em 2013. Nas cenas selecionadas de 2013 as pessoas cantam o hino, ocupam o Congresso Nacional e a polícia transita pacificamente entre os manifestantes.Também é exibida uma reportagem que mostra que a Presidenta Dilma convidou o MPL (Movimento Passe Livre) e outros grupos ativistas para conversar e discutir medidas para melhoria dos serviços públicos. Em contraponto, os quadros seguintes exibem as manifestações ocorridas no ano de 2016, já sob Gestão de Michel Temer. O enquadramento é de um campo de guerra no gramado do Congresso Nacional, onde os policiais batem

	com cassetete nos manifestantes e lançam bombas de gás, o som no fundo dramatiza a situação, são enquadrados cartazes com pedidos "FORA TEMER". Notamos que houve uma mudança no tratamento do grupo com a gestão do Governo de Dilma do vídeo selecionado de 2013 para este do ano de 2016, se antes o governo era criticado por descaso com a população e pela violência dos policiais durante os protestos de 2013, neste momento isso é apagado e o que se leva em consideração é o fato da ex-presidenta ter convidado alguns grupos ativistas para conversar e discutir medidas anticorrupção, valorizando assim a gestão de Dilma.
2018	
Valores e Interpelação:	Nesta montagem do grupo Mídia Ninja observamos como valores fortes e que reverberam desde 2013: a **liberdade de expressão** quando o pastor critica a postura de Bolsonaro que é intolerante a ideias contrárias a dele; **liberdade de imprensa** quando o pastor caracteriza a ditadura militar como um período negativo dentre um dos motivos pela censura aos meios de comunicação, o **respeito à integridade humana** quando o pastor julga de maneira negativa a atitude de Bolsonaro com Maria do Rosário e seus discursos contra LGBTs, Quilombolas e presidiários.
Eixos da Performance	Com este vídeo o Mídia Ninja tenta dialogar com um grupo ao qual ele não está acostumado, os religiosos, os mais conservadores. O campo imagético é do Outro, do próprio eleitor religioso e tenta através da figura do pastor utilizar a mesma linguagem que estão acostumados na sua crença: o evangelho. Neste vídeo, é evidente que o Mídia Ninja propõe um embate de valores, eles aproximam seus valores como democracia, diversidade, liberdade de expressão de valores do evangelho como respeito, perdão e amor. Reforçando essa estratégia de falar a partir do lugar e dos valores do Outro, comparam estes valores do evangelho com atitudes do candidato Bolsonaro, deslegitimando-o.

5.2 15 DE MARÇO – A Maior Manifestação da História do Brasil (Publicado em 18 de março de 2015)[26]

O vídeo inicia ao som de um coração pulsando com a câmera passando em meio às pessoas presentes nas manifestações todas trajadas de verde e amarelo, desta forma é transmitido à ideia de multidão. Aos poucos o som da pulsação de um coração vai sumindo e dando lugar ao coro "O PT rodou". Logo após, temos uma trilha contagiante de fundo e vários cortes em sequência que exibem as ruas cheias de manifestantes com cartazes pedindo "FORA PT", "PARTIDO DO TRAMBIQUE", "FORA DILMA", "POBRES E RICOS PEDEM IMPEACHMENT".

Com imagens aéreas o vídeo exibe a Avenida Paulista tomada por pessoas de verde e amarelo que seguram bandeiras do país e cartazes. Ao som de apitos e com a mesma trilha contagiante de fundo um dos líderes do MBL, Fernando Holiday, o único negro do grupo, discursa com tom de voz elevado "O PT há anos vem dividindo a sociedade: dividiu a gente entre ricos e pobres, entre negros e brancos, mas a partir de hoje suas divisões inúteis não vão mais separar o povo brasileiro". O enquadramento do vídeo passa para Holiday que está em cima de um trio elétrico discursando contra o PT apontando o dedo para a multidão abaixo.

Na sequência, temos outro líder do MBL que discursa ainda no trio elétrico incitando a população também com tom de voz elevado "Vocês querem esperar?", a população responde em coro "Não", o membro do MBL continua "Vocês querem sangrar com a Dilma?", a população novamente responde em coro "Não", "Vocês querem mais três anos de mentira? Querem perder seus empregos?" a multidão grita "Não!", assim o líder do MBL apresenta a solução, "Então é impeachment JÁ!".

Logo após com a música *Knights of Cydonia* utilizada como trilha sonora do vídeo, traduzido para o português "Cavaleiros de *Cydonia*", cuja letra convoca as pessoas para a luta com trechos, "como nós podemos vencer quando tolos podem ser reis […] você e eu temos que lutar pelos nossos direitos, você e eu temos que lutar para sobreviver", são exibidas imagens das pessoas no protesto de rosto pintado de verde e amarelo, com bandeiras do país, cantando e pedindo impeachment, um grande cartaz amarelo é exibido com a seguinte mensagem "Menos Estado, menos impostos".

Adiante, os líderes do MBL junto à população fazem a leitura de uma carta aos congressistas, onde eles pedem por impeachment acusando o atual governo de roubar a

[26] As citações e os exemplos neste item foram extraídos do site:
<https://www.youtube.com/watch?v=qem_0OGZEjk> Acesso em 02 de dez de 2019 as 16h48min.

esperança e liberdade do povo brasileiro. Após a leitura, temos o enquadramento de um dos principais líderes do MBL, Kim Kataguiri, que aos gritos se defende das acusações que o MBL sofre,

> O PT diz que a gente é fascista, o PT diz que a gente é golpista, mas os fascistas são eles, os golpistas são eles. Se impeachment é golpe, porque o PT pediu impeachment de Collor? Se impeachment é golpe, porque o PT pediu impeachment do FHC? Os golpistas são eles! Eles são a elite! O que o Lula e a Dilma fizeram, não é motivo só para cassação não, é motivo pra cadeia! Eles só não foram presos até agora porque a oposição de verdade não estava nas ruas! E porque o povo não estava na rua! O PT pode mandar o MST, o PT pode mandar a CUT, mas eles nunca vão conseguir acabar com a maior oposição do Brasil que é o povo brasileiro! (KATAGUIRI, 2015).

Kataguiri é ovacionado, sob muita vibração dos manifestantes a montagem é encerrada com uma tela com fundo preto e com letras verdes, amarelas e azuis é exibida a seguinte mensagem "A moderação na defesa da liberdade não é uma virtude, seja oposição!".

Inicialmente o MBL apresenta como valor a honestidade, o combate à corrupção quando repudia o PT acusando-o de corrupto. No decorrer da narrativa percebemos também a exaltação do sentimento "antipetismo", quando o MBL passa a acusar o partido de ser o responsável por divisões raciais e sociais, negligenciando todo o processo histórico do país que fez com que ocorressem desigualdades entre raças e classes econômicas.

Outro valor defendido pelo grupo é a liberdade de mercado, a exemplo, quando exibe a faixa "Menos Estado, menos impostos". O grupo também se apresenta como a "oposição de verdade" através da fala de Kataguiri valorizando e exaltando o MBL como o único grupo que tem a coragem e a disposição para liderar a população nas ruas contra o governo do Partido dos Trabalhadores caracterizado como corrupto pelo grupo.

5.2.1 A tortura em um protesto do Passe Livre (Publicado em 12 de janeiro de 2016)[27]

Com o fundo preto e letras garrafais brancas dando destaque a mensagem "Atenção: cenas de violência explícita" o enquadramento passa rapidamente para uma cena onde um homem está no chão sendo puxado e com a fisionomia assustada pede "me solta". A pessoa que está filmando pede calma e logo soltam o rapaz que está no chão. O cinegrafista diz ao rapaz caído "corre mano, vai pra lá" e o caos se instaura.

---

[27] As citações e os exemplos neste item foram extraídos do site: <https://www.youtube.com/watch?v=3vXqDGN3_pA> Acesso em 29 de abr. de 2020 as 16h51min.

Pessoas correndo atrás de outro indivíduo, o cercam e o agridem com chutes, enquanto muitas pessoas filmam o ato violento sem intervir na situação. Uma das pessoas que filmam a situação diz “P2 que apanha? Bem feito!”.

O rapaz já com o rosto sangrando é questionado pelos agressores se ele é “polícia”, logo liberam o sujeito e começam a correr novamente atrás dele gritando “corre P2” utilizando a perseguição como uma forma de tortura. Na sequência, o enquadramento passa para Kim Kataguiri, um dos principais líderes do MBL, que em frente a uma estante de livros em plano fechado *close-up* analisa a situação.

> Essa covardia aconteceu na recente manifestação do Passe Livre, eles cercaram um homem que eles acreditavam ser um P2, ou seja, um policial sem farda e espancaram ele. Logo a esquerda que diz defender tanto os direitos humanos, torturou uma pessoa absolutamente inocente, mas isso não é nenhuma novidade. As brigadas na Venezuela já torturaram e até mataram opositores simplesmente por discordarem do governo. O Passe Livre só está sendo a vanguarda do fascismo bolivariano no Brasil e a imprensa não soltou nenhuma notinha de rodapé sobre o assunto, ficou absolutamente calada disse que quem estava fazendo baderna era um bando de “infiltrados” que estavam dentro de uma manifestação absolutamente pacífica, mas o engraçado é que dentro da manifestação ninguém reclamou desses ditos infiltrados. Que tipo de infiltrado é esse que não se esconde? Que tipo de infiltrado é esse que fica na linha de frente da manifestação? O mais absurdo é que claramente havia mais jornalistas do que manifestantes ali e os jornalistas filmaram, assistiram, tiraram fotos e ficaram ali vendo uma pessoa sendo torturada e não fizeram absolutamente nada (KATAGUIRI, 2016).

Enquanto Kataguiri se refere aos jornalistas em sua fala, o vídeo exibe o homem sendo agredido no chão e vários jornalistas em volta fotografando, filmando sem intervir. O enquadramento do vídeo retorna para Kataguiri que manda um recado para os jornalistas “Vocês estavam fotografando outro ser humano, igual vocês, sendo torturado, se isso não é indicador de falta de caráter eu não sei o que é, mas quem a imprensa chama de intolerante, radical, fascista é o MBL”.

Kataguiri continua expondo as acusações que fazem ao MBL “Já chegaram a dizer que membros do MBL possuem suásticas tatuadas”, neste momento do vídeo, vários símbolos de pontos de interrogação surgem na tela. O líder do MBL continua “Mas veja só que engraçado nos protestos do MBL o único caso de uma pessoa que saiu ferida, foi quando um drone da Folha caiu e atingiu duas pessoas”.

Na tentativa de mostrar como o MBL é pacífico e contrariar as acusações que os denominam intolerantes, Kataguiri relembra o conflito de membros do MBL com membros

do MST numa manifestação no Congresso Nacional. O líder do MBL conta que a mídia caracterizou como um conflito por conta de diferenças ideológicas, mas que na verdade se tratou de um ataque do MST ao MBL que apanhou de costas sem revidar nenhuma vez.

Na sequência, as imagens mostram pessoas vestidas de camiseta vermelha, exaltadas, agredindo fisicamente homens que estavam de camisa e gravata (membros do MBL) que tentavam passar por um corredor formado por seguranças que estavam bloqueando os ataques.

Dando continuidade, as imagens voltam a exibir Kataguiri que diz “a gente acredita que ideias se debatem com argumentos e não com pauladas, não com rojão, não com soco, fica o recado para a imprensa antes de nos rotular como fascistas, antes de nos chamarem de intolerantes, olhem pra quem vocês defendem”. As imagens voltam a exibir o homem sendo segurado no chão por um indivíduo e outro homem chutando a cabeça do rapaz que estava sendo segurado. Ao fundo a voz de Kataguiri “Quantos jovens mais, iguais a esse aí no vídeo, vão ter que ser torturados” o enquadramento retorna para a imagem do líder do MBL, que finaliza o vídeo dizendo “até que vocês larguem a militância política e comecem a fazer jornalismo de verdade”.

O MBL tenta associar a violência ocorrida durante o protesto ao Movimento Passe Livre numa tentativa de deslegitimá-lo, e logo depois amplia associando a todos os movimentos da esquerda, chegando a comparar a esquerda no Brasil com as brigadas bolivarianas na Venezuela. Percebemos aqui, que o “antipetismo” se transforma num sentimento “anti-esquerda”.

Outra crítica do MBL no vídeo se refere à mídia que o MBL acusa de omissão por não intervir no acontecimento e por não noticiar da forma que o MBL entende que seria o correto. Kataguiri segue criticando a imprensa dizendo que embora diante de tamanha violência a mídia tenha agido com falta de caráter e omissão, ela ainda assim acusa o MBL de ser intolerante, fascista e violento. Neste ponto do vídeo, o MBL passa a valorizar suas manifestações de caráter pacífico, sem notificações de violência, mostrando que o único incidente foi causado pela própria mídia. Vale ressaltar que Kim Kataguiri se apresenta em frente a uma estante de livros o que passa a ideia de uma pessoa civilizada e como ele mesmo diz durante a narrativa que debate com argumentos e não com violência.

5.2.2 O treino acabou, a guerra começa agora! Retrospectiva 2018 (Publicado em 29 de novembro de 2018)[28]

O vídeo inicia com o enquadramento em uma porta com a iluminação escura, esta porta é aberta por um jovem de cabelos compridos com aparência cansada e rosto com desânimo, o mesmo veste uma camiseta com a logo do MBL, uma voz ao fundo diz "você está exausto, você tinha a responsabilidade de continuar a luta que iniciou, mas começava se sentir sozinho".

Na sequência este jovem caminha e para em frente a outro homem que está sentado numa poltrona, a voz no fundo continua dizendo "você é atacado, processado e perseguido", enquanto isso surge na tela uma matéria do site UOL com a seguinte manchete "Caetano Veloso processa MBL por acusação de pedofilia e vira assunto mundial".

O enquadramento seguinte exibe uma avenida com uma multidão de manifestantes de verde e amarelo com cartazes "Lula bandido, corrupto, vagabundo" e a voz ao fundo continua "mas permanece combatendo, discutindo, batalhando".

Na sequência o quadro exibe um homem no meio da rua, trajado com uma camiseta verde do MBL e com uma toalha sobre o ombro, seu rosto aparenta estar suado, a filmagem é de baixo para cima dando um aspecto de grandiosidade e a narração ao fundo continua "quando o STF preparava mais um de seus golpes, saímos novamente as ruas" enquanto o narrador diz sobre o STF é exibida uma matéria do G1 na tela com a manchete "Supremo Tribunal Federal julga habeas corpus e decide futuro de Lula".

O quadro seguinte mostra o ex-presidente Lula discursando em um trio elétrico com seus apoiadores e simultaneamente no fundo a narração diz "a jararaca haveria de ser presa". Associando Lula a serpente venenosa que é responsável por altas taxas de mortalidade na região da América Central e Sul. As imagens retornam para os manifestantes nas ruas e para os membros do MBL discursando no trio elétrico com a voz ao fundo dizendo que já são tantas lutas que é até difícil identificar quem é o real inimigo.

Dando continuidade, o vídeo exibe o enterro de Marielle Franco e o narrador diz que sob o caixão da vereadora à imprensa ergueu seu palanque para atacar o MBL, simultaneamente é exibida uma matéria do El País com a seguinte manchete "MBL e deputado propagam mentiras contra Marielle Franco em campanha difamatória".

---

[28] As citações e os exemplos neste item foram extraídos do site:
<https://www.youtube.com/watch?v=46kLDlius5M> Acesso em 29 de abr. de 2020 as 16h55min.

O narrador continua dizendo que o MBL foi acusado de disseminar notícias falsas “éramos supostamente desmascarados pelos jornalistas da Globo em parceria com os executivos do Facebook e veio à censura, como um golpe calculado buscaram calar nossa voz às vésperas das eleições” diz a voz ao fundo. No quadro seguinte aparece o jornalista Rodolfo Gamberini dando a notícia que o MBL recorreria à decisão do Facebook, com som dramático o vídeo segue com o narrador dizendo “cortavam nossa garganta enquanto nos acusavam em praça pública” ao mesmo tempo o vídeo exibe uma matéria da Veja com a manchete” MBL, fake news e as 196 páginas e os 87 perfis deletados pelo Facebook”.

O enquadramento retorna ao rapaz de cabelos compridos, com camiseta do MBL do início do vídeo, que ainda se encontra cabisbaixo em frente ao homem misterioso sentado na poltrona dentro de uma sala com iluminação escura. À narração segue “foram tempos difíceis”.

Na sequência o vídeo recebe uma iluminação clara, no som de fundo temos uma melodia alegre, é exibido o líder do MBL Kim Kataguiri de camisa e gravata andando na rua, concomitantemente à voz ao fundo diz “precisamos encontrar forças dentro de nós mesmos para reagir, um de nossos fundadores retorna ao posto de que lhe é de direito, enquanto nossos irmãos vem no socorro para continuarmos lutando”. Neste momento o quadro exibe membros do MBL organizando manifestações fixando faixas.

Segue o narrador “Enfrentamos o Facebook, marcamos posição contra seus burocratas sem rosto, começamos enfrentá-los num terreno onde não estão acostumados o terreno da democracia”, enquanto isso o vídeo exibe membros do MBL segurando cartazes “MBL vai à luta!”, “eu existo não sou fake”.

O vídeo passa então a exibir o crescimento das redes do MBL passando à ideia de que não estão sós. “Líderes do MBL em todo país ergueram a cabeça e descobrimos o quanto são brilhantes, corajosos e criativos” o vídeo exibe um jovem branco, um homem mais velho branco, e um homem negro em cima de um trio elétrico todos discursando em ações do MBL.

Adiante o vídeo mostra um homem fazendo abdominal, lendo um livro e segurando uma câmera ao mesmo tempo, à narração diz “reagimos em todas as esferas, ganhamos força e no momento estávamos prontos para grande batalha de 2018”. Na sequência, são exibidos os líderes do MBL e o narrador conta que os líderes do MBL se lançavam candidatos nas eleições de 2018 e que fizeram campanha com pouco dinheiro, usando as redes que não foram “caladas” e os amigos que se juntavam.

Segue o narrador, “mesmo quando o racismo e o coronelismo tentavam ganhar força” neste momento é exibida uma matéria do O Globo com a manchete “Ciro Gomes chama vereador de SP ligado ao MBL de ‘capitãozinho do mato[29]’”. Logo é exibido o vídeo de Ciro Gomes chamando Holiday de ‘capitãozinho do mato’.

O vídeo apresenta que o MBL foram os primeiros a tentar impedir a candidatura de Lula e diz também que forças do velho poder tentavam se organizar com suas candidaturas já condenadas. Neste momento são exibidas conversas entre o cantor Caetano Veloso com o candidato Ciro Gomes, o rapper Mano Brown em um comício do candidato Haddad.

O enquadramento passa para o acontecimento onde o candidato Jair Bolsonaro recebe uma facada, simultaneamente o narrador diz “até que veio o baque” som de suspense ao fundo. O vídeo segue dizendo que o MBL nunca ficou em cima do muro “quando o inimigo espreita com ódio e violência nosso caminho já está traçado” às imagens exibem o MBL em passeatas em apoio à Jair Bolsonaro.

O MBL também apresenta que seus principais líderes Kim Kataguiri e Mamãe Falei foram eleitos deputados federais entre os mais votados de SP. Também é apresentada a mobilização do MBL no nordeste a fim de impedir que o candidato Haddad do PT ganhasse o segundo turno das eleições presidenciais, “Invadimos sua praia, nosso exército no nordeste eram os mais fortes do Brasil, lutaram como leões contra o verbo e a verba dos antagonistas” diz o narrador enquanto exibe às mobilizações do grupo realizada no nordeste.

“Lutamos até o último voto, até o último minuto, o Brasil verde e amarelo, o Brasil que derrubou o PT, o Brasil que prendeu o Presidente, até que o nosso Brasil elegesse o Presidente” durante esta narração temos à imagem de Kim Kataguiri entregando panfletos, de moradores do nordeste dizendo enfaticamente “eles de novo não” e pessoas fazendo o gesto de arma com as mãos, gesto que se tornou característico da campanha de Jair Bolsonaro.

Por fim, o vídeo apresenta que o MBL está em todos os cantos do Brasil e que conquistou os jovens “ávidos por liberdade” e os mais velhos “dispostos à não errar mais”. Exibindo às ruas cheias de pessoas vestidas de verde e amarelo o narrador finaliza “é hora de reconstruir o país que retomamos dos seus predadores, juntos em todas as cidades, em todas as batalhas, desde 2014 construindo liberdade, MBL sempre que precisar estaremos lá”. O

---

[29] “Imagina, esse Fernando Holiday aqui. O capitãozinho do mato, porque é a pior coisa que tem é um negro que é usado pelo preconceito para estigmatizar, que era o capitão do mato do passado’, declarou o ex-governador do Ceará em entrevista à Rádio Jovem Pan em junho de 2018. A fala foi feita após ele ser questionado sobre uma aliança com o DEM em torno da sua então candidatura ao Planalto.” Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/ciro-e-condenado-a-indenizar-vereador-que-chamou-de-capitaozinho-do-mato-9ds48hphl8hx0f0z0vt7wtckp/ Acesso em: 09 mar. 2020,

vídeo retorna ao jovem de cabelos compridos do início do vídeo que agora apresenta estar alegre e confiante e sai correndo em direção à porta.

O vídeo apresenta o grupo MBL como vítima de ataques da imprensa, de grandes empresas como o Facebook e também da oposição, mas que mesmo diante dos ataques o grupo resistiu e lutou até conseguir evitar que o PT fosse eleito novamente, até que Lula fosse preso, até que Dilma sofresse o impeachment, e até eleger seus líderes a cargos políticos.

Percebemos que neste vídeo o MBL trabalha com valores como democracia, quando diz que o MBL trabalha em um terreno desconhecido pela oposição e que esse terreno é à democracia através das redes e das ruas. O grupo também ressalta a liberdade de expressão como valor quando acusa o Facebook de censura. Reverbera o sentimento "antipetismo" e "antiesquerda". Tenta reverter às acusações de racistas sobre o grupo exibindo um ato de racismo praticado pela oposição quando Ciro Gomes chama Holiday de 'capitãozinho do mato'. O MBL se apresenta como o grupo que se preparou para a luta, um grupo versátil que agrega jovens e mais velhos e que está disposto a reconstruir o país.

5.2.3 Considerações sobre os valores postos em ação pelo Grupo Movimento Brasil Livre

O MBL desde o início em 2015 tem como um dos principais objetivos à deslegitimação da esquerda no Brasil, em especial ao Partido dos Trabalhadores que estava no poder na época. Para isso eles apresentam como valor a honestidade, o combate à corrupção quando repudia o PT acusando-o de roubos, fraudes e negligências. Percebemos que este é um valor e um objetivo que reverbera em todos os vídeos do grupo de 2015 até 2018.

O grupo também se apropria de pautas dos direitos civis e sociais como respeito a diversidades, combate ao racismo, mas trata este assunto de modo diferente. O grupo não expõe as desigualdades e o que precisa ser melhorado para que exista igualdade, eles simplesmente culpabilizam a esquerda de criar divisões entre negros e brancos, ricos e pobres negligenciando todo o processo histórico do país que fez com que ocorressem desigualdades entre raças e classes econômicas. Durante o vídeo do ano de 2015, esta fala sobre racismo é feita por Fernando Holiday, um dos líderes do MBL que é um dos poucos negros do grupo, numa tentativa de dar legitimidade à fala.

Outro valor defendido pelo grupo é a liberdade de mercado, o grupo defende menor intervenção do Estado e maior participação do mercado nos serviços. O MBL tem como valor

também a pacificidade exalta sempre suas manifestações e atos pacíficos sem uso de violência e faz questão de associar as violências ocorridas durante os protestos a grupos e movimentos da esquerda numa tentativa de deslegitimar reforçando o sentimento "anti-esquerda".

Além dos grupos da esquerda o MBL apresenta alguns inimigos durante sua narrativa, entre eles a imprensa como a rede Globo e o El País, a empresa Facebook chegando acusá-los de censura e o cantor Caetano Veloso que processou o grupo por receber acusações de pedofilia.

Quadro 11 – Valores postos em ação grupo MBL

GRUPO MBL (MOVIMENTO BRASIL LIVRE)	
Matiz ideológico:	Direita
2015	
Valores e Interpelação:	Inicialmente o MBL apresenta como valor a **honestidade**, o **combate à corrupção** quando repudia o PT acusando-o de corrupto. No decorrer da narrativa percebemos também a **exaltação do sentimento "antipetismo"**, quando o MBL passa a acusar o partido de ser o responsável por divisões raciais e sociais, negligenciando todo o processo histórico do país que fez com que ocorressem desigualdades entre raças e classes econômicas. Outro valor defendido pelo grupo é a **liberdade de mercado**, a exemplo, quando exibe a faixa "Menos Estado, menos impostos". O grupo também **se apresenta como a "oposição de verdade"** através da fala de Kataguiri valorizando e exaltando o MBL como o único grupo que tem a coragem e a disposição para liderar a população nas ruas contra o governo do Partido dos Trabalhadores caracterizado como corrupto pelo grupo.
Eixos da Performance	O MBL da enfase nos discursos de seus líderes como: Kim Katguiri e Fernando Holiday no alto de um trio eletrico falando para uma multidão. O enquadramento do vídeo também reforça um sentimento nacionalista e de uma multidão contra a corrupção e o Partido dos Trabalhadores. O vídeo inicia ao som de um coração pulsando com a câmera passando em meio às pessoas presentes nas manifestações todas trajadas de verde e amarelo, desta forma é transmitido à ideia de multidão. Aos poucos o som da pulsação de um coração vai sumindo e dando lugar ao coro "O PT rodou". Cortes em sequência que exibem as ruas cheias de

	manifestantes com cartazes pedindo “FORA PT”, “PARTIDO DO TRAMBIQUE”, “FORA DILMA”, “POBRES E RICOS PEDEM IMPEACHMENT”.
2016	
Valores e Interpelação:	No ano de 2016 o MBL ressalta a **pacificidade** como um valor e também o **respeito a integridade humana**, quando expõe suas criticas através da fala de Kim Kataguiri a violência praticada durante uma manifestação do Movimento Passe Livre (grupo de esquerda). O grupo também estende suas criticas a imprensa e aos jornalistas que presenciaram o ato violento e não interviram na ação. O MBL passa a valorizar **suas manifestações de caráter pacífico**, sem notificações de violência. Observamos também a reverberação do sentimento “**antipetismo**” que neste momento se tranforma em “**anti-esquerda”**.
Eixos da Performance	A montagem do vídeo consiste no revezamento dos quadros que exibem Kim Kataguiri, líder do MBL, em frente a uma estante de livros o que passa a ideia de uma pessoa civilizada e como ele mesmo diz durante a narrativa que debate com argumentos e não com violência. E quadros que exibem violência e conflitos durante as manifestações de grupos de esquerda.
2018	
Valores e Interpelação:	Em 2018 o MBL trabalha com valores como **democracia**, quando diz que o MBL trabalha em um terreno desconhecido pela oposição e que esse terreno é a democracia através das redes e das ruas. O grupo também ressalta a **liberdade de expressão** como valor quando acusa o Facebook de censura. Reverbera o sentimento “**antipetismo**” e “**antiesquerda**” com ataques ao ex-presidente Lula. Também reverbera o valor de **pacificidade** e **respeito a integridade humana** quando o MBL em sua narrativa repudia o ataque ao candidato Jair Bolsonaro associando a grupos e partidos de esquerda.
Eixos da Performance	O vídeo narra toda trajetória do grupo MBL expondo os obstaculos, os inimigos e as conquistas do grupo. Os enquadramentos se revezam entre manifestações nas ruas, recortes de noticias sobre o cenario politico e a

	encenação de um jovem com a camiseta do MBL e uma voz da consciencia. Os efeitos sonoros estão presentes em toda montagem com trilha de suspense quando apresenta a oposição e uma trilha contagiante e energica quando é apresentado os feitos do grupo MBL.

5.3 VÍDEO EXPLICATIVO! (Publicado em 04 de agosto de 2013)[30]

Com a trilha sonora de um punk rock, o vídeo inicia com uma tela de fundo preto com várias palavras brancas pequenas em inglês no fundo, em seguida aparece a logo do *Black Bloc* Rio de Janeiro que depois dá lugar a uma contagem regressiva que revela um indivíduo com uma máscara branca e uma roupa preta, cuja voz não é possível ser identificada devido aos efeitos de edição de áudio utilizado, preservando o anonimato do sujeito. O fundo do vídeo possui iluminação branca e instável com vários riscos passando pela tela deixando à imagem do vídeo trêmula, assim como uma televisão com mau contato.

O mascarado inicia o vídeo com saudação "saudações vândalos, baderneiros, pacifistas, P2, acomodados, cães do governo, os famosos cumpridores de ordem do governo e a você também cidadão brasileiro que estiver assistindo este vídeo neste momento". Após as saudações o indivíduo começa dizendo que não é o líder do *Black Bloc* e nem nada do tipo, pois segundo o sujeito o *Black Bloc* é um grupo horizontal, sem fins lucrativos ou patrocinadores, e que seu objetivo com o vídeo é apenas contar às pessoas o que não contam os jornais.

Com crítica à mídia, o sujeito mascarado diz que "a grande mídia tem tentado manchar a qualquer custo à imagem dos guerreiros que estão resistindo bravamente a todos os excessos da polícia militar comandada pelo nosso governador", simultaneamente são exibidas imagens do prédio da Rede Globo, uma manchete do jornal O Globo que diz "Black Blocs e à baderna premeditada na Zona Sul", imagens dos *Black Blocs* nas ruas, na sequência a imagem de um policial jogando spray de pimenta no rosto de um homem branco vestido de social, e logo em seguida à imagem do governador Sérgio Cabral Filho com chifres na cabeça, símbolo satânico na testa, representando um demônio.

[30] As citações e os exemplos neste item foram extraídos do site: <https://www.facebook.com/BlackBlocRJ/videos/554494614598706/?v=554494614598706> Acesso em 02 de dez. de 2019 as 16h58min.

O enquadramento retorna para o mascarado que faz crítica à polícia dizendo que durante os protestos houve forte repressão da polícia militar, e por isso surgiram alguns grupos para resistir e proteger à população já que quem deveria fazer isso está batendo e espancando os manifestantes sem ao menos se questionar. As imagens exibem um caos, policiais espancando mulheres, jogando spray de pimenta e atirando nos manifestantes. O vídeo retorna para o mascarado que explica que alguns desses grupos que surgiram para resistir e proteger à população utilizam a estratégia *Black Bloc* na qual,

> Constitui-se em mascarados vestindo preto que reúnem-se com objetivo de protestar nas manifestações de cunho anti-globalização ou anti-capitalista, a cor da roupa que dá nome à estratégia é utilizada para dificultar ou mesmo impedir qualquer tipo de identificação pelas autoridades, além de se desejar que pareça uma única e imensa massa promovendo solidariedade entre seus participantes e criando uma clara presença revolucionária. No Brasil, nossa participação está indo além disso lutamos por um país igualitário pelo fim da corrupção. Temos feito cordões de isolamento para proteger as pessoas e barricadas para que elas possam conseguir fugir a tempo dos abusos policiais e também para proteger o direito constitucional à livre manifestação. Os blocos não são criminosos, nem baderneiros como a Grande Mídia adora nos chamar. Não somos a favor do vandalismo deliberado, principalmente quando se trata de um pequeno estabelecimento, pois estes trabalhadores estão na luta pelo pão de cada dia como cada um que se faz presente nas manifestações, e sim, pelo contrário somos à favor de conter esse tipo de atitude, estamos nas ruas apenas para defesa e contra atacar somente em últimos casos (Black Bloc RJ, 2013, ONLINE).

Na sequência, o mascarado faz crítica à mídia com imagens como do jornalista Arnaldo Jabor com um retângulo preto sobre sua boca censurando, um carro da emissora SBT pichado de vermelho escrito "é mentira", um prédio da Rede Globo depredado por manifestantes e à imagem de um jornalista que abre a boca e com edição de vídeo eles fazem sair fezes da boca do jornalista. Enquanto essas imagens são exibidas temos ao fundo a fala do mascarado que diz:

> Todos nós sabemos que à mídia e o governo tem interesse em comum, manipulação em troca de dívidas perdoadas e como o Black Bloc incomoda o governo pelo fato de promover a resistência e ser contra esse ideal cleptocrata do governo, à mídia faz exatamente o que o governo quer sendo totalmente manipuladora e prejudicando não só nós, mas também os demais manifestantes distorcendo a imagem do grupo de todas as formas possíveis. Juntos [governo e mídia] conseguem fazer à população ser contra ela mesma (Black Bloc RJ, 2013, ONLINE).

O *Black Bloc* segue com sua crítica à mídia dizendo que esta faz com que a morte e o desaparecimento de pessoas pareçam insignificantes perto de vidraças de banco quebradas. Neste momento do vídeo são exibidas pessoas no Cristo Redentor com uma grande faixa preta escrito "Cadê o Amarildo?" e várias matérias de jornais falando sobre o lucro dos bancos.

O grupo se apresenta como defensor da população até mesmo daqueles que não possuem o mesmo ideal do *Black Bloc*. Por fim, o mascarado convida para unir-se a eles aqueles que estão cansados de trabalhar cinco meses do ano para sustentar "os verdadeiros vândalos", neste momento são exibidas imagens de políticos como Geraldo Alckmin.

O vídeo finaliza com uma forte crítica do grupo à polícia militar denominando estes de traidores da nação, e com a imagem de um homem negro, cabelo afro com a seguinte legenda "31/07/2013 Em memória a Fernando Silva morto em decorrência de "armas não letais" pela PM do ditador Sérgio Cabral. (fato omitido pela Globo!)".

O *Black Bloc* apresenta como valor à livre manifestação, segundo o sujeito do vídeo o grupo se posiciona como defensor do povo para que este possa exercer seu direito de se manifestar, já que o Estado não garante este direito, pelo contrário reprime a população através da violência policial.

Outro valor apresentado durante o vídeo é a defesa a vida e integridade humana quando durante a narrativa são feitas críticas severas a violência da polícia e do Estado, no qual, também é questionado o desaparecimento de Amarildo e no final do vídeo a morte de Fernando Silva pela PM. A segurança dos manifestantes é um valor para o *Black Bloc*.

O grupo também tenta se defender das acusações da mídia durante todo o vídeo, relacionando o tratamento que a mídia dá aos *Black Blocs* com os interesses que esta possui em relação ao governo.

5.3.1 Nem Dilma, nem Aécio! Abaixo a farsa eleitoral! (Publicado em 24 de outubro de 2014)[31]

O vídeo é produzido pelo jornal *A Nova Democracia* e não exibe a performance do grupo *Black Bloc*, no entanto, o grupo se apropria do vídeo repostando em sua página de *Facebook Black Bloc RJ* compartilhando, desta forma, os valores postos.

---

[31] As citações e os exemplos neste item foram extraídos do site: <https://www.facebook.com/BlackBlocRJ/videos/554494614598706/?v=554494614598706> Acesso em 29 de abr. de 2020 as 17h02min.

A narrativa inicia com o depoimento de uma mulher de pele parda no meio da rua durante uma manifestação que pede pelo “Não vote!”, segundo ela a eleição é uma farsa que não acrescenta em nada ao trabalhador servindo apenas para eleger uma nova pessoa para usar o dinheiro do povo a fim de prejudicar à própria população. Em seguida o vídeo exibe uma faixa com a seguinte mensagem “Não vote! Lute pela revolução!” com coro ao fundo dos manifestantes “Não vai ter voto”.

Na sequência temos à fala de uma representante da Comissão de pais e familiares dos presos políticos que pede “Abaixo à farsa eleitoral”, pela liberdade de todos os presos políticos e pelo fim dos processos contra os jovens que lutam em oposição ao Estado.

O enquadramento passa novamente para a faixa “Não vote! Lute pela revolução!”, onde um pequeno grupo de manifestantes canta em coro “Eleição é farsa, confunda nada não. O povo organizado vai fazer revolução”. Na sequência, temos a fala de um estudante homem, branco e que usa óculos de grau que diz que no dia das eleições teremos novamente aquela falsa sensação de democracia, onde vamos escolher entre dois gerentes do Estado Burguês e independente de quem vencer quem vai perder será o povo trabalhador. “Os banqueiros, os latifundiários e os empresários vão continuar lucrando independente de quem ganhe, e o povo continuará sendo reprimido nas favelas e nos campos”.

O vídeo apresenta também à fala de um jornalista que está presente na manifestação que diz:

> Enquanto Aécio representa a direita, Dilma e o PT travestido de esquerda, de popular engana o povo, aplica política de repressão contra os pobres, assassina camponeses, assassina indígenas. O fator novo dessa eleição foi o boicote, o povo brasileiro no primeiro turno deu um grande não, foram 38 milhões de pessoas que se abstiveram, votaram em branco (GOMES, 2014).

O vídeo encerra com a imagem de uma favela em preto e branco e com uma voz ao fundo com sotaque carioca, carregada de gíria que diz “O bagulho é geral acessar e postar no Face, postar no Twitter, para espalhar ‘mermo’, pra espalhar”.

Com este vídeo o *Black Bloc* reforça seu ideal de uma reforma política, pois como já dissemos o grupo não acredita em representações e luta para que seja criada uma nova forma de organização da sociedade.

Neste vídeo o *Black Bloc* compartilha o valor de coletividade quando pede que todos os brasileiros se unam e votem em branco nas eleições. Também há uma valorização da classe trabalhadora, em detrimento da elite, quando o vídeo expõe que é preciso mudar o sistema

para que a população operária não continue sendo reprimida, enquanto os grandes empresários lucram e detém grande parte da riqueza.

E por fim percebemos uma valorização também dos novos meios de comunicação, como as redes sociais quando o vídeo é encerrado com a voz de fundo pedindo para "postar no Face, postar no Twitter, para espalhar" afinal como foi dito o grupo possui um conflito com a mídia tradicional que os nomeia de baderneiros e vândalos.

5.3.2 Papo Reto!!! (Publicado em 19 de outubro de 2018)[32]

O vídeo não se trata de uma produção do *Black Bloc*, mas o grupo publica em sua página com o título "Papo reto!!!" compartilhando dos valores do vídeo. A narrativa inicia com trilha sonora de um rap ao fundo, e em frente a uma estante de livros está o cantor de Rap Emicida filmado em plano fechado *close-up*. O cantor conta sobre a origem do rap e hip-hop dizendo que estes nasceram de imigrantes jamaicanos radicados no Bronx em meio a chineses, latinos e afrodescendentes.

O enquadramento passa para o cantor de rap Rael que em frente a uma parede segura a câmera gravando o vídeo dando continuidade à história da cultura do rap e hip-hop "essa cultura se transformou na principal ferramenta de comunicação, expressão e resistência dos nossos". Na sequência, temos Rubia do grupo *RPW*[33] que também em plano fechado da continuidade "mais do que música e entretenimento o hip-hop é instrumento de transformação interna do jovem".

O vídeo continua com o rapper Guigo do grupo *Quebrada Queer*, um grupo de rap *LGBTQI+*, dizendo que o rap "expõe à violência do racismo, do autoritarismo e da repressão". O enquadramento passa para o rapper Mano Brown que diz "No Brasil, o hip-hop desenvolveu cultura própria e uma vocação natural". Na sequência temos o rapper Djonga que conta que a cultura hip-hop vem "abrindo mentes e corações, e direcionando pessoas antes excluídas pela sociedade a um lugar e espaço de liberdade e pertencimento".

Seguindo a mesma linha vários rappers aparecem no vídeo falando sobre o papel da cultura hip-hop, entre eles o rapper Dexter dizendo que o hip-hop sempre teve lado. Após essa

---

[32] As citações e os exemplos neste item foram extraídos do site: <https://www.facebook.com/BlackBlocRJ/videos/554494614598706/?v=554494614598706>Acesso em 29 de abr de 2020 as 17h03min.

[33] Foi um grupo de rap brasileiro formado na cidade de São Paulo em 1991, é considerado o primeiro grupo nacional a introduzir o Stage diving em shows de rap no Brasil.

fala os rappers entram no assunto sobre liberdade de expressão e a censura no período da Ditadura Militar no Brasil. Com a fala do rapper Ogi o vídeo inicia o assunto sobre as eleições presidenciais no Brasil em 2018 “E nessa eleição, um candidato idolatra descaradamente esse período sombrio, e nós não queremos andar para trás”.

O enquadramento passa para Baco Exu do Blues que continua “entre muitas outras atrocidades, ele defende que policiais tenham carta branca para matar sem prestar contas à sociedade”. A partir desta fala, os rappers seguem o vídeo informando que o Brasil é um dos países que mais matam inocentes no mundo e que às vítimas são em sua maioria negras e da periferia.

Os rappers questionam durante o vídeo se este é o país que o brasileiro deseja morar e alerta para o perigo de votar em branco ou nulo devido à rejeição a um partido. O vídeo então passa para o rapper Marcelo D2 que diz “Não viemos aqui pra fazer campanha, nem passar pano para a corrupção. Não se trata disso”.

Os músicos seguem dizendo que estas eleições dizem muito a respeito dos valores básicos da nossa democracia e que desejam poder cobrar postura do governo eleito, mas para isso é necessário que exista democracia e que votar em branco ou nulo é correr o risco de não ter o direito de votar nunca mais. “É abrir caminho para o autoritarismo” diz o rapper Don L.

Na sequência DJ Vivian Marques, uma mulher negra de cabelo afro, diz “Por isso, o voto em 2018 é o mais importante da nossa história”. Segundo o rapper Rashid temos poucas semanas para o segundo turno e só uma opção. Para que não reste dúvida a quem assiste, o rapper Filipe Ret diz com todas as letras citando o nome do candidato que oferece risco à democracia segundo a narrativa do vídeo “As ideias de Bolsonaro são irresponsáveis e ferem nosso senso crítico e nossa inteligência”.

Segundo Batoré do grupo Cone Crew as ideias de Bolsonaro criam um clima de instabilidade que vai afetar nossa vida pessoal e os nossos negócios. “Esse cramulhão aí, que não tem nada, nada à ver com Deus, não tá do seu lado, não tá do meu lado, não tá do nosso lado” diz o rapper Bnegão. Através do depoimento de vários rappers eles convocam aqueles que se sentem pertencentes ao hip-hop a não eleger o “candidato que quer voltar no tempo”.

O *Black Bloc* compartilha dos valores do vídeo, pois conforme analisamos anteriormente o grupo sempre fez oposição à repressão policial e à violência do Estado, sendo assim, não compartilha das ideias de Bolsonaro que defende maior repressão.

Outro valor enaltecido pelo *Black Bloc* através deste vídeo é a diversidade onde temos depoimentos de negros, mulheres e LGBTs que contribuem para a formação crítica e política

dos jovens através da música, e, no entanto, estas pessoas são alvo de críticas e ofensas por parte do candidato Jair Bolsonaro, o que torna o candidato um antagonista para o *Black Bloc*.

Vale ressaltar também que a escolha pelo gênero musical rap é um valor, pois o rap é tido como um gênero de protesto, consumido pelo público jovem e sua concepção é quase de um discurso falado, rimado, e com um princípio, meio e fim e assim como os próprios artistas no vídeo disseram o rap é entendido como uma ferramenta de comunicação, expressão e resistência que expõe à violência do racismo, do autoritarismo e da repressão.

Outro ponto crucial deste vídeo é a mudança de valor do grupo *Black Bloc* em relação ao voto nas eleições, se em 2014 o grupo fazia campanha para o voto nulo e para o boicote às eleições, em 2018 o grupo alerta para os riscos do voto nulo e a importância de tomar um lado devido ao contexto sociocultural, no qual haveria hipoteticamente o risco de retrocesso e perda da democracia, logo a democracia também é um valor para o *Black Bloc*.

5.3.3 Considerações sobre os valores postos em ação pelo Grupo *Black Bloc*

No ano de 2013 o grupo *Black Bloc* apresentou como valores à livre manifestação, defesa à vida e integridade humana, fez inúmeras críticas a repressão do Estado e à violência policial e se defendeu das acusações da mídia alegando não se tratar de um grupo violento, mas sim de um grupo que defende os manifestantes dos abusos policiais. O grupo também apontou os problemas de desigualdade social no país, exaltando a classe trabalhadora, dizendo que seu foco nunca foi atacar pequenas empresas, pois estes pertencem ao mesmo grupo que os manifestantes que precisam trabalhar para manter o pão de cada dia.

Em 2014 o grupo valoriza a ideia de uma reforma política com o boicote às eleições, pedindo ao público união para o voto nulo. Reverbera a valorização da classe trabalhadora com crítica aos lucros dos bancários, latifundiários e grandes empresários. O grupo também valoriza os novos meios de comunicação como as redes sociais e continua crítico à mídia tradicional.

Já em 2018 há uma mudança de valor a respeito do voto nulo, se antes o grupo lutava por uma reforma política através do boicote às eleições, diante do contexto sociocultural de 2018, o grupo enxerga o voto nulo como um risco à democracia. Afinal votos em branco poderia levar à eleição do candidato Jair Bolsonaro que defende maior repressão policial, faz

críticas a grupos do movimento negro, feminista e LGBTs ferindo valores defendidos pelo *Black Bloc* como a diversidade, o respeito à integridade humana e à liberdade de expressão.

Quadro 12 – Valores postos em ação grupo Black Bloc RJ

GRUPO BLACK BLOC RJ	
Matiz ideológico:	Esquerda
2013	
Valores e Interpelação:	O Black Bloc apresenta como valor à **livre manifestação**, segundo o sujeito do vídeo o grupo se posiciona como defensor do povo para que este possa exercer seu direito de se manifestar, já que o Estado não garante este direito, pelo contrário reprime a população através da violência policial. Outro valor apresentado durante o vídeo é a **defesa a vida** e **integridade humana** quando durante a narrativa são feitas críticas severas a violência da polícia e do Estado, no qual, também é questionado o desaparecimento de Amarildo e no final do vídeo a morte de Fernando Silva pela PM. A **segurança dos manifestantes** é um valor para o Black Bloc. O grupo também tenta se defender das acusações da mídia durante todo o vídeo, relacionando o tratamento que a mídia dá aos Black Blocs com os interesses que esta possui em relação ao governo.
Eixos da Performance	Os quadros se revezam entre a performance do Black Bloc nas ruas, a violência praticada pela policia nos protestos e o sujeito mascarado que explica o que é e como funciona a tática Black Bloc. A trilha sonora do vídeo consiste em um punk rock que dá ritmo as cenas performáticas do black bloc.
2014	
Valores e Interpelação:	Em 2014 o Black Bloc compartilha o valor de **coletividade** quando pede que todos os brasileiros se unam e votem em branco nas eleições. Também há uma **valorização da classe trabalhadora**, em detrimento da elite, quando o vídeo expõe que é preciso mudar o sistema para que a população operária não continue sendo reprimida, enquanto os grandes empresários lucram e detém grande parte da riqueza. Há também neste momento uma **valorização do voto nulo**, pois seria um ato de protesto ao sistema. E por fim percebemos uma valorização também dos **novos meios de**

	comunicação, como as redes sociais quando o vídeo é encerrado com a voz de fundo pedindo para "postar no Face, postar no Twitter, para espalhar" afinal o grupo possui um conflito com a mídia tradicional que os nomeia de baderneiros e vândalos.
Eixos da Performance	O vídeo é produzido pelo jornal A Nova Democracia e não exibe a performance do grupo Black Bloc, no entanto, o grupo se apropria do vídeo repostando em sua página de Facebook Black Bloc RJ compartilhando, desta forma, os valores postos. A montagem consiste na fala de diferentes pessoas como uma mulher negra, uma representante da Comissão de pais e familiares dos presos políticos, um estudante branco,manifestntes e um jornalista que pedem o boicote as eleições para que se de inicio a uma revolução. Os enquadramentos exibem faixas com o pedido "Não vote", "Lute pela revolução!" e um grupo de jovens que cantam em favor do voto nulo.
2018	
Valores e Interpelação:	O vídeo não se trata de uma produção do Black Bloc, mas o grupo publica em sua página com o título "Papo reto!!!" compartilhando dos valores do vídeo. Um dos valores enaltecidos pelo Black Bloc através deste vídeo é a **diversidade** onde temos depoimentos de negros, mulheres e LGBTs que contribuem para a formação crítica e política dos jovens através da música, e, no entanto, estas pessoas são alvo de críticas e ofensas por parte do candidato Jair Bolsonaro, o que torna o candidato um antagonista para o Black Bloc. A escolha pelo **gênero musical rap** é um valor, pois o rap é tido como um gênero de protesto, consumido pelo público jovem e sua concepção é quase de um discurso falado, rimado, e com um princípio, meio e fim e assim como os próprios artistas no vídeo disseram o rap é entendido como uma ferramenta de comunicação, expressão e resistência que expõe à violência do racismo, do autoritarismo e da repressão. Percebemos também a reverberação do valor **respeito a integridade humana** quando um dos rappers do vídeo expõe a violência praticada pela policia no Brasil como algo negativo. Outro valor trazido na montagem é a **democracia** quando os

	individuos pedem a população que se posicionem e não votem nulo, pois a possivel vitória do candidato Bolsonaro representria um risco a democracia.
Eixos da Performance	A montagem da enfase no depoimento de diversas personalidades do rap homens, mulheres, negros e LGBTs, apresentando uma diversidade de pessoas que falam em defesa da democracia e contra o candidato Jair Bolsonaro. Observamos também uma mudança na performance do grupo Black Bloc, em 2018 há uma **mudança de valor** a respeito do voto nulo, se antes o grupo lutava por uma reforma política através do boicote às eleições, diante do contexto sociocultural de 2018, o grupo enxerga o voto nulo como um risco à democracia. Afinal votos em branco poderia levar à eleição do candidato Jair Bolsonaro que defende maior repressão policial, faz críticas a grupos do movimento negro, feminista e LGBTs ferindo valores defendidos pelo Black Bloc como a diversidade, o respeito à integridade humana e à liberdade de expressão.

6. DISTINÇÕES E APROXIMAÇÕES NAS PERFORMANCES MIDIÁTICAS DOS GRUPOS

Ainda que não seja o objetivo do trabalho, incorporamos um segmento de análise das performances em comparação. Acreditamos que esse gesto de comparar contribui para vermos mais e melhor as franjas da reverberação dos acontecimentos movidas pelos grupos que selecionamos. O olhar, aqui, portanto, é a comparação entre eles. A visada comparativa a partir dos seus respectivos vídeos que sustentam a comunicação com seus públicos. Alguns dos pontos observados aqui na comparação podem ter aparecido antes na análise individual. A diferença é que agora são abordados em distinções e aproximações entre eles.

Comparando os vídeos do ano de 2013 do *Mídia Ninja* e *Black Bloc* e o vídeo referente ao ano de 2015 do MBL, ou seja, os primeiros vídeos de cada grupo, observamos que os três – *Mídia Ninja*, MBL e *Black Bloc* – fazem críticas a governantes em seus vídeos. O Mídia Ninja critica o governador de São Paulo Geraldo Alckmin (PSDB), o *Black Bloc RJ* também critica o governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral (PMDB) e o MBL critica a Presidenta Dilma (PT).

O *Mídia Ninja* e o *Black Bloc RJ* fazem críticas negativas à mídia tradicional, acusando os grandes veículos pelo que denunciam como coberturas tendenciosas dos protestos e sobre os ativistas em ação. Ambos também denunciam a violência policial como forma de repressão dos manifestantes. Já o MBL e o *Black Bloc* apresentam uma postura em comum de crítica à corrupção do Estado.

Os três grupos se promovem em suas performances. O MBL se apresenta como "à oposição de verdade". O *Black Bloc RJ* se descreve como "promotor de resistência" e o Mídia Ninja se intitula como o "jornalismo independente". O MBL e o *Black Bloc RJ* possuem a honestidade (combate a corrupção) como um valor em comum. Já o *Mídia Ninja* e o *Black Bloc* defendem como valores democráticos e humanistas: o direito à manifestação e o respeito à integridade humana.

Entre as diferenças identificamos que o MBL ao contrário dos demais não faz menções às atitudes da Polícia Militar, e o *Black Bloc RJ* não possui lideranças/representantes como os demais, característica própria da tática Black Bloc.

Passando para os vídeos dos anos seguintes, do *Mídia Ninja* e MBL referentes ao ano de 2016 (após impeachment de Dilma) e do *Black Bloc* referente ao ano de 2014, identificamos que o grupo Mídia Ninja e o MBL em suas performances ambos fazem críticas

à violência, no entanto de modos diferentes. Enquanto o Mídia Ninja crítica a violência do Estado com uso de repressão policial. O MBL critica a violência praticada pelos grupos de esquerda durante seus atos. Em contraste a estes grupos temos o *Black Bloc RJ* que defende o uso da violência como performance, de acordo com o agrupamento é o único meio de despertar a atenção do Estado para as reivindicações.

Observamos também que em 2016 o MBL assim como os demais grupos faz críticas à Grande Mídia, mas seus argumentos são diferentes. A crítica do grupo se refere à omissão dos jornalistas em relação à violência praticada pelos grupos de esquerda durante seus protestos. Na performance midiática do MBL também notamos que o sentimento que antes era "anti-PT", em 2016 (após impeachment de Dilma) se transforma em um sentimento "anti-esquerda". Em sua performance também surgem novos valores como: a exaltação de manifestações pacíficas, com uso de diálogo em detrimento do uso da violência, citando o próprio MBL como exemplo.

O *Black Bloc RJ* em sua narrativa referente ao ano de 2014, reverbera alguns valores de "coletividade/união" enquanto meios para que seja alcançado um fim, que, no caso, seria a reforma política através do boicote às eleições presidenciais, e reverbera também a valorização da classe trabalhadora em detrimento da elite.

Na performance midiática do *Mídia Ninja* referente ao ano de 2016, também observamos que reverberaram valores como: liberdade de expressão; direito à manifestação e o respeito à integridade humana. No entanto, o que muda é o modo como o grupo articula a memória da gestão de Dilma (PT) durante as manifestações de 2013. O grupo exalta as tentativas de diálogo da gestão com os manifestantes, omitindo a repressão que ocorreu durante os protestos e compara com a gestão de Temer em 2016 que não se esforça em dialogar com a população e faz uso da violência policial para coibir as manifestações.

Passando para as performances midiáticas dos três grupos no ano de 2018, percebemos que os grupos *Mídia Ninja* e *Black Bloc RJ* apresentam um tom de preocupação em suas narrativas, isto porque os valores que os grupos compartilham encontram-se em risco diante da possível vitória do candidato Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais. Já o MBL ao contrário dos demais apresenta em sua performance midiática um tom otimista em relação às mudanças já conquistadas e as que estão para acontecer no país. O grupo também declara seu apoio ao candidato Bolsonaro em oposição ao candidato Haddad do PT.

Neste embate de valores os grupos *Mídia Ninja* e *Black Bloc RJ* tentam deslegitimar o candidato Jair Bolsonaro com diferentes estratégias comunicativas. Enquanto o *Mídia Ninja*

se propõe a dialogar com o outro (religioso/conservador) utilizando-se do campo imagético do outro, aproximando seus valores dos valores do Evangelho. O *Black Bloc RJ* busca conversar com os jovens, com os grupos minoritários e a periferia através do Rap. Ambos apresentam o candidato como intolerante, agressivo, preconceituoso, apoiador do uso da violência e da tortura e que suas atitudes não condizem com valores propagados pelo cristianismo, indo também contra os valores propagados pelos grupos durante suas performances como: democracia, liberdade de expressão, direito à manifestação, e respeito à integridade humana.

Em contraponto, o MBL se propõe a deslegitimar a oposição à esquerda, apresentando o ataque sofrido por Jair Bolsonaro – a facada recebida durante uma passeata, associando tal fato à esquerda. O grupo também relembra insultos racistas proferidos por Ciro Gomes (PDT) contra membros do MBL[34].

O MBL fala com seus próprios seguidores e apoiadores, ou seja, a classe média os mais conservadores, defensores da moral e do bom costume. O diálogo é para dentro (nós) e não o outro. O oposto do *Mídia Ninja* e do *Black Bloc RJ* que a partir do ano de 2018 partem para uma estratégia comunicativa onde tentam conquistar o outro para compartilharem de seus valores, numa tentativa de impedir que o candidato Jair Bolsonaro vença as eleições. Isso porque os grupos de direita encontravam-se em ascensão no país. O *Mídia Ninja* então se apropria da figura de um pastor e de valores do evangelho para tentar atingir os religiosos e conservadores. Já o *Black Bloc* tenta estabelecer dialogo através do rap com os diferentes grupos minoritários da sociedade, negros, LGBT's, mulheres e moradores da periferia.

DISTINÇÕES E APROXIMAÇÕES NAS PERFORMANCES MIDIÁTICAS DOS GRUPOS	
Matiz ideológico:	O grupo Mídia Ninja de esquerda defende a inclusão através de politicas públicas a fim de sanar desigualdades existenstes no país. Já o MBL grupo de direita irá defender menor participação do Estado e maior liberdade para o mercado a fim de impulsionar a economia e o progresso do país, o grupo não é adepto da ideia de politicas públicas e prefere adotar a lógica da meritocracia. Enquanto o grupo Black Bloc classificado como de esquerda, no entanto com viés anarquista defende uma revolução e uma mudança no sistema de governo.
Valores e apreensões:	Os três grupos defendem e reverberam valores como: **democracia, direito à manifestação, liberdade de expressão, respeito à**

[34] Vide nota de rodapé na página 80.

	integridade humana. No entanto, o que difere e o que faz com que estes grupos entrem em conflito são as formas como eles interpretam estes valores e os seus fins. Por exemplo, embora todos tenham liberdade de expressão como um valor, a interpretação que se faz desse valor difere de um grupo para outro e este mesmo valor é empregado para fins diferentes. O Mídia Ninja valoriza a liberdade de expressão na medida em que presencia seus colegas de profissão sendo censurados, impedidos de transmitir às manifestações, ou seja, quando seu fim/objetivo é impedido. Já o MBL vai valorizar a liberdade de expressão quando tem sua página do Facebook bloqueada, ou seja, seu intuito de divulgar seus ideais e objetivos para seu público é impossibilitado. Enquanto o Black Bloc vai valorizar a liberdade de expressão, interpretando que isto dá o direito do ativista se expressar nas ruas seja por meio de violência ou ocupações. Outro exemplo, o Mídia Ninja e o Black Bloc defendem o respeito a integridade humana ao presenciarem atos de violência da policia contra os manifestantes, já o MBL irá defender o respeito a integridade humana quando vê um individuo sofrendo agressões de grupos da esquerda como o caso durante a manifestação do Movimento Passe Livre e os ataques do MST a membros do MBL.
Franjas da Reverberação/Indicadores:	Identificamos que os grupos **Black Bloc e Mídia Ninja no ano de 2018 fazem uma revisão de seus juízos de valores**, modificando certas ações, como por exemplo, o **Black Bloc muda seu olhar a respeito do voto nulo**, pois em 2018 o voto nulo para o grupo poderia colaborar para possível vitória do candidato Jair Bolsonaro, fato visto como um problema para o Black Bloc. Já o **Mídia Ninja em 2018 muda sua estratégia comunicativa** e passa a tentar falar com o Outro, pois percebe que é preciso convencer outros grupos da sociedade de seus valores para que consiga alcançar seu fim. Dentre os três grupos percebemos que o **MBL é o único que permanece firme aos seus juízos de valores**, isto porque dos três grupos analisados do período de 2013 até 2018, **o MBL é o que mais conseguiu atingir seus objetivos**, obteve

	sucesso no impeachment de Dilma a quem o grupo fez forte oposição, conquistaram muitos seguidores e apoiadores, conseguiram eleger seus líderes a cargos políticos e **agora estudam a possibilidade de passar de um grupo ativista para um partido político**.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho observamos que os valores postos em ação pelos grupos ativistas selecionados são muito parecidos. Os três grupos defendem e reverberam valores como: democracia, direito à manifestação, liberdade de expressão, respeito à integridade humana. No entanto, o que difere e o que faz com que estes grupos entrem em conflito são as formas como eles interpretam estes valores e os seus fins.

Assim como vimos nas discussões de Dewey, o indivíduo passa a valorizar algo na medida em que lhe atribui um uso, ou seja, no momento em que ele utiliza este "algo" como um meio para um fim.

Por exemplo, embora todos tenham liberdade de expressão como um valor, a interpretação que se faz desse valor difere de um grupo para outro e este mesmo valor é empregado para fins diferentes. O *Mídia Ninja* valoriza a liberdade de expressão na medida em que presencia seus colegas de profissão sendo censurados, impedidos de transmitir às manifestações, ou seja, quando seu fim/objetivo é impedido. Já o MBL vai valorizar a liberdade de expressão quando tem sua página do *Facebook* bloqueada, ou seja, seu intuito de divulgar seus ideais e objetivos para seu público é impossibilitado. Enquanto o *Black Bloc* vai valorizar a liberdade de expressão, interpretando que isto dá o direito do ativista se expressar nas ruas seja por meio de violência ou ocupações.

Os juízos de valor têm como função guiar a conduta no sentido de fornecer a melhor solução ao problema com um fim em vista. Identificamos que os grupos *Black Bloc* e Mídia Ninja no ano de 2018 fazem uma revisão de seus juízos de valores, modificando certas ações, como por exemplo, o *Black Bloc* muda seu olhar a respeito do voto nulo, pois em 2018 o voto nulo para o grupo poderia colaborar para possível vitória do candidato Jair Bolsonaro, fato visto como um problema para o *Black Bloc*. Já o *Mídia Ninja* em 2018 muda sua estratégia comunicativa e passa a tentar falar com o Outro, pois percebe que é preciso convencer outros grupos da sociedade de seus valores para que consiga alcançar seu fim.

Dentre os três grupos percebemos que o MBL é o único que permanece firme aos seus juízos de valores, sem revisões e mudanças em suas ações, isto porque dos três grupos analisados do período de 2013 até 2018, o MBL é o que mais conseguiu atingir seus objetivos, obteve sucesso no impeachment de Dilma a quem o grupo fez forte oposição,

conquistaram muitos seguidores e apoiadores, conseguiram eleger seus líderes a cargos políticos e agora estudam a possibilidade de passar de um grupo ativista para um partido político.

Enquanto o *Mídia Ninja* embora tenha obtido muito sucesso e visibilidade durante as manifestações de 2013, logo depois sofreu muitos ataques da imprensa e de grupos de direita por sua ligação com o Coletivo *Fora do Eixo* e a proximidade de seus fundadores com partidos de esquerda, o que enfraqueceu o propósito do grupo de um "jornalismo independente".

Já o *Black Bloc RJ* que viu nas manifestações de 2013 uma oportunidade para uma reforma política, e no ano seguinte 2014 uma oportunidade para o boicote às eleições a fim de propor um novo sistema, não obteve êxito em suas ações tendo que se adaptar ao modelo padrão de eleição com objetivo de impedir uma ascensão da direita que também não obteve sucesso.

As franjas da reverberação do Junho de 2013 para 2018 foram movidas de maneiras distintas pelos grupos. A visibilidade do MBL foi dada pela continuidade da experiência das manifestações nas ruas para um ativismo mais tradicional, quase que como um partido político, lançando candidatos a cargos eletivos.

O *Mídia Ninja* e o *Black Bloc* tem uma visibilidade dependente dos próprios acontecimentos. Aparecem mais à medida que os acontecimentos irrompem, sem uma continuidade, pelo menos visível nas mídias especializadas, de ação. Dependem do acontecimento e dependem da performance no acontecimento.

O acontecimento do Junho de 2013 apresenta uma concorrência de narrativas para explicar sua origem e impacto nas relações de poder e no cotidiano das pessoas. Nosso trabalho não pretendeu dar uma resposta geral, única, por certo impossível, sobre as causas e consequências desse acontecimento. Buscamos refletir o singular, e o singular em comparação: como alguns grupos de ativismo construíram suas performances, quais estratégias comunicativas acionaram e, em especial, quais valores foram postos em ação. As franjas da reverberação certamente não tiveram a mesma dimensão para cada um dos grupos e estas variantes puderam ser apreendidas a partir das suas escrituras audiovisuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, Beatriz. Movimento Hippie: entenda tudo sobre a contracultura de 1960!. **Stoodi**. 13 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.stoodi.com.br/blog/2018/08/13/movimento-hippie/>. Acesso em: 04 fev. 2020.

ANDRADE, Antonio Augusto Braighi. **Análise do discurso midiativista:** uma abordagem às transmissões simultâneas do Mídia Ninja, Belo Horizonte - MG, 2016.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. Após eleger uma 'bancada', MBL rediscute atuação e cogita partido. **Folha de São Paulo**, 21 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/apos-eleger-uma-bancada-mbl-rediscute-atuacao-e-cogita-partido.shtml>. Acesso em: 04 de nov. 2019.

BASTOS, Fernanda Vieira; SILVA, Ellis Regina Araújo da. Identidades do jornalismo cidadão: uma análise da cultura organizacional da Mídia Ninja**.** In: **Anais** - 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 2018, Joinville - SC, Anais (on-line), São Paulo: Intercom, 2018. Disponível em: http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-2151-1.pdf Acesso em: 09 mar. 2020.

BENITES, Marcello Riella. **O jornalismo e as narrativas midiáticas independentes / mídia ninja**: Discurso dos jornalistas diante dos desafios das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, Campos dos Goytacazes – RJ, 2016.

BRASIL, Lauriberto. Em 2018, MBL começou articulação para criar um partido e ganhou braço estudantil. **Poder 360**, 25 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/partidos-politicos/mbl-em-2018-quer-fundar-1-partido-e-ganhou-braco-estudantil/>. Acesso em: 04 de novembro de 2019.

CANCIAN, Renato. Movimento estudantil – O foco da resistência ao regime militar no Brasil. **Uol**. 09 de março de 2014. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/movimento-estudantil-o-foco-da-resistencia-ao-regime-militar-no-brasil.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 04 fev. 2020.

CHAUFEN, Alejandro. A nova roupa da direita. [Entrevista concedida a] Marina Amaral. **Pública** – Agência de Jornalismo Investigativo. São Paulo, 2015. Disponível em: https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>. Acesso em: 10 mar. 2020.

CARDOSO, Irene. **A geração dos anos de 1960**: o peso de uma herança. Tempo soc., São Paulo, v. 17, n. 2, p. 93-107, Nov. 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702005000200005>. Acesso em: 13 feb. 2020.

DEWEY, John. **A valoração nas ciências humanas**. In: CUNHA, Marcus Vinicius da; CIANFLONE, Ana Raquel Lucato e ANDRADE, Erika Natacha Fernandes de (trad. e orgs). Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

DIANA, Daniela. Contracultura. **Toda Matéria**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/contracultura/>. Acesso em: 04 fev. 2020.

DUPUIS-DÉRI, Francis. Um perfil histórico dos Black Blocs. **Folha de São Paulo**, 09 de março de 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2014/03/1422098-um-perfil-historico-dos-black-blocs.shtml>. Acesso em: 04 de nov. de 2019.

FERNANDES, Victor José Alves. **Fragmentos de revolta**: apontamentos sobre a insurgência de black blocs em Belo Horizonte, Belo Horizonte - MG, 2016.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. **Paradigmas da comunicação:** conhecer o quê?. C-legenda - Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense (ONLINE), Rio de Janeiro - RJ, 2001. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/issue/view/1927/showToc> Acesso em: 29 de abr. de 2020.

_____. **O acontecimento e a mídia.** Galáxia (São Paulo, Online), n. 24, p. 10-21, dez. 2012a.

_____. **O acontecimento para além do acontecimento:** uma ferramenta heurística. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de. Acontecimento: Reverberações. Autêntica Editora: Belo Horizonte – MG, p. 39-54, 2012b.

_____. A TV e a dança dos valores: roteiro analítico para tratar da relação entre televisão e sociedade. In: FRANÇA, Vera; CORRÊA, Laura (Orgs.). **Mídia, instituições e valores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012c, p. 37-43.

GARCIA, Cecília. Como era a participação social e as lutas identitárias na ditadura militar. **Uol**. 17 de outubro de 2018. Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2018/10/17/como-eram-a-participacao-social-e-as-lutas-identitarias-na-ditadura-militar/>. Acesso em 04 fev. 2020.

GOFFMAN, Erving. **Quadros da experiência social:** Uma perspectiva de análise. Petrópolis, Editora Vozes, 2012.

GOMES, Daniel Fróes Vieira. **Do sentido à ação:** uma análise sobre percepção e efetivação das affordances comunicativas do smartphone na Mídia Ninja, Mariana - MG, 2018.

GRACIANO, Jane Erny de Castro. **O conceito de valor na ética de John Dewey**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/179809-Faculdade-jesuita-de-filosofia-e-teologia-o-conceito-de-valor-na-etica-de-john-dewey-jane-erny-de-castro-graciano.html>. Acesso em: 10 mar. 2020.

GROTE, Florian. **'VIOLENTO É O ESTADO!'**: violência política nas práticas anarquistas contemporâneas. 2018. 95f. Dissertação (mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/13205/1/Arquivototal.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

HANGAI, Luis Antonio. A framing analysis de Goffman e sua aplicação nos estudos em comunicação. In: **Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura.**, [S.l.], out. 2012. ISSN 2238-0701. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/28658>. Acesso em: 04 nov. 2019.

JUDT, Tony. **Pós-Guerra**: Uma história da Europa desde 1945. Editora Objetiva, Rio de Janeiro – RJ, 2007.

KATAGURI. Kim. O MBL é um partido político, admite Kim Kataguiri. [Entrevista concedida a] **Gazeta do Povo**, 16 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/o-mbl-e-um-partido-politico-admite-kim-kataguiri-07rbcpdkjkemdy6pklw83416z/>. Acesso em: 04 nov. 2019.

KOBERSTEIN, Evandro Léo. **Do cidadão ao cibercidadão**: estudo das estratégias de comunicação no Facebook do Movimento Brasil Livre e da Mídia Ninja no impeachment de Dilma Rousseff. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2018. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/handle/tede/2476#preview-link0>. Acesso em: 10 mar. 2020.

KRÜGER, Cauê. Impressões de 1968: contracultura e identidades. In: **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, vol. 32, n. 2, 2010, pp. 139-145. Universidade Estadual de Maringá, 2010.

LAGE, Leandro Rodrigues; SALGADO, Tiago Barcelos Pereira. Por uma abordagem pragmatista dos acontecimentos. Entrevista com Louis Quéré**.** In: **Revista ECO PÓS (UFRJ)**, vol 14 n.02,2011.

LAHORGUE, Josiele Bené. **Tecendo Redes entre Comunicação e Democracia**: pelas tramas da Mídia Ninja. Tese (doutorado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/193433/PPSI0795-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 mar. 2020.

LANA, Lígia Campos de Cerqueira; FRANÇA, Renné Oliveira. Do cotidiano ao acontecimento, do acontecimento ao cotidiano. In: **E-compós**, Brasília, vol 11, n. 3, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.303>. Acesso em: 10 mar. 2020.

LORENZOTTI, Elizabeth. POSTV, de pós-jornalistas para pós-telespectadores. **Observatório da Imprensa**, 25 de junho de 2013. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/postv_de_pos_jornalistas_para_pos_telespectadores/>. Acesso em: 04 nov. 2019.

MARTINS JUNIOR, Leandro Augusto. Manifestações Culturais. **Globo**. Disponível em: <http://educacao.globo.com/historia/assunto/ditadura-militar/manifestacoes-culturais.html>. Acesso em: 04 fev. 2020.

MENDONÇA, Marcela Prado. **As jornadas de junho de 2013 e as estratégias de ação da Mídia Ninja no campo do jornalismo**. 2016. 130 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2016. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4020/1/MARCELA_PRADO_MENDONCA.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

MENDONCA, Ricardo Fabrino; SIMOES, Paula Guimarães. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. In: **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo , v. 27, n. 79, p. 187-201, June 2012 . Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092012000200012>. Acesso em: 04 nov. 2019

MONTEIRO, Paulo Cezar. Black Bloc: “Fazemos o que os outros não têm coragem de fazer”. **Fórum**, 20 de agosto de 2013. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/black-bloc-fazemos-o-que-os-outros-nao-tem-coragem-de-fazer/>. Acesso em 04 de novembro de 2019.

OLIVEIRA, Diego Batista Rodrigues de. **Vem Pra Rua e o Movimento Brasil Livre:** uma análise marxista dos "movimentos de classe média" sob os governos de Dilma Rousseff (2015-2016) e Michel Temer (2016-2018), Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Londrina, 2018.

PABLO Capilé: “Não vamos parar de crescer”. **GAÚCHAZH,** 01 de fevereiro de 2014. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2014/02/pablo-capile-nao-vamos-parar-de-crescer-4405916.html>. Acesso em: 04 nov. 2019.

PENNINI, Anice Bezri. **Fronteiras evanescentes:** críticas sobre a mídia, na página Ninja do Facebook, durante as manifestações de 2013. 2015, 183f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Comunicacao_PenniniAB_1.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

PINTO, Tales dos Santos. "Tática black bloc e suas origens"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/tatica-black-bloc-suas-origens.htm>. Acesso em 04 nov.2019.

QUERÉ, Louis. A dupla vida do acontecimento**:** por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de. In: **Acontecimento:** Reverberações. Autêntica Editora: Belo Horizonte – MG, p. 21-38, 2012.

RIBAS, Rafael Malvar. **Contracultura musical brasileira**: movimentos e particularidades. 2016, 115f. Dissertação (mestrado em Educação e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo -SP, 2016. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/2953/5/Rafael%20Malvar%20Ribas.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SCHECHNER, Richard. “What is a performance?”. In: **Performance Studies:** an introduccion, second edition. New York & London: Routledge, 2006, p. 28-51.

SCHUSTER, Ana Noredi. RADO, Sonia Cristina. Contracultura no Brasil da Ditadura. In: **Revista Maiêutica, Indaial**, v. 5, n. 01, p. 19-30, 2017. Disponível em: <https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/HID_EaD/article/view/1778/874>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SILVA, Ricardo Duarte Gomes da. MAZETTI, Henrique Moreira. MÉDICE, Deborah. Ativismo antiGlobo na web: explorando o campo discursivo. In: VI Colóquio Semiótica das Mídias. **Anais eletrônico**. Alagoas, setembro de 2017. Disponível em: https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=https://document.onl/google-reader?url%3D757543beabfd0dcc26b345e5d438c73e9ea6ca807859ccf02b9fc3fe96ff7867efcfde8401fe44bce8b728dade7f428d07512190fa594858ab0937fd0ebc1dd42sAPEngvcwN6KK4S3je9QETZ/stDn4OwBkGCipbRPkib6klgimftfzzRZY3pHvQGXFHYBBIdD5KAJiFcQ9viVWMgiyN-luuXGfdxe5CbIdsVn/cdE5auvkARqZQzsWpSYPZxNaicqGHWhs2RUMfD3OA%3D%3D>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SOLANO, G. Esther. MANSO, Bruno Paes; NOVAES, Willian. **Mascarados**: a verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

TORRES, Juliano. A nova roupa da direita. [Entrevista concedida a] Marina Amaral. **Pública** – Agência de Jornalismo Investigativo. São Paulo, 2015. Disponível em: < http://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/ >. Acesso em 08 ago. 2019.

TORTURRA, Bruno. Olho da rua. **Piauí,** Edição 87, dezembro de 2013. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/olho-da-rua/>. Acesso em 04 nov. 2019.

VASCONCELOS, Marco Antônio. **Os (Des)Mascarados**: referenciação, ideologia e crítica na construção Discursivo-Identitária do *Black Bloc* na mídia brasileira. 2016. 146 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=83081>. Acesso em: 10 de março de 2020.

Meio Eletrônico – Internet

A história dos ativistas Black Bloc no Brasil e no Mundo. **Pragmatismo Político**, 22 de agosto de 2013. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/08/a-historia-do-black-bloc-no-brasil-e-no-mundo.html>. Acesso em: 04 de nov. 2019.

BLACK Bloc: movimento ou tática?. **Mundo Educação**. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/black-bloc-movimento-ou-tatica.htm>. Acesso em: 04 de nov. 2019.

BRASIL – A Ditadura Militar – Resistências". **Passei Web**. Disponível em: <https://www.passeiweb.com/estudos/sala_de_aula/historia/ditadura_militar_resistencias>. Acesso em: 04 fev. 2020.

CARAS Pintadas. **InfoEscola**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/caras-pintadas/>. Acesso em: 04 fev. 2020.

CARAS Pintadas. **Toda Matéria**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/caras-pintadas/>. Acesso em: 04 fev. 2020.

CONHEÇA o Fora do Eixo. **Portal Transparência Fora do Eixo**, 01 de agosto de 2013. Disponível em: <http://foradoeixo.org.br/2013/08/01/conheca-o-fora-do-eixo/>. Acesso em: 04 nov. 2019.

CONTRACULTURA e a juventude brasileira. **Brasil Escola**. Disponível em <https://brasilescola.uol.com.br/historiab/contracultura-juventude-brasileira.htm>. Acesso em: 04 fev. 2020.

ESTUDANTES. **Memórias da ditadura**. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/estudantes/>. Acesso em: 04 fev. 2020.

FACEBOOK. Disponível em: < https://www.facebook.com >. Acesso em: 10 mar. 2020.

FESTIVAL de Rock Woodstock. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/datas-comemorativas/woodstock-maior-dos-festivais.htm**>**. Acesso em: 04 fev. 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: 10 mar. 2020.

MBL. Movimento Brasil Liberal. Disponível em: <https://mbl.org.br/>. Acesso em: 10 mar. 2020.

MEMÓRIAS DA DITADURA. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br>. Acesso em: 03 fev. 2020.

MÍDIA NINJA. Disponível em: < https://midianinja.org/ >. Acesso em: 10 mar. 2020.

O que foi o movimento dos Caras Pintadas. **Vestibular**. Disponível em: <https://www.vestibular.com.br/dica/o-que-foi-o-movimento-dos-caras-pintadas/>. Acesso em: 04 fev. 2020.

UOL. Disponível em: <https://www.uol.com.br/>. Acesso em: 10 mar. 2020.

VEJA. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/>. Acesso em: 10 mar. 2020.

WIKIPEDIA. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org>. Acesso em: 29 ago. 2019.

Vídeos

15 de março - A maior manifestação da história do Brasil. **MBL**, 18 de março de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qem_0OGZEjk>. Acesso em: 04 de nov. 2019.

2013 e 2016 - Um pequeno comparativo. **Mídia Ninja**, 08 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=drPeQp1Nr6I>. Acesso em: 04 de nov. 2019.

A tortura em um protesto do Passe Livre. **MBL**, 12 de janeiro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3vXqDGN3_pA>. Acesso em: 04 de nov. 2019.
NEM Dilma, nem Aécio! Abaixo a farsa eleitoral!. **Black Bloc RJ**, 24 de outubro de 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/BlackBlocRJ/videos/755001617881337/?v=755001617881337>. Acesso em 04 nov. 2019.

ENTREVISTA COM MÍDIA NINJA. **Roda Viva**. São Paulo: TV Cultura. 05 de agosto de 2013. Programa de TV. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=kmvgDn-lpNQ >. Acesso em: 10 mar. 2020.

NINJA RUAS. **Mídia Ninja**, 17 de julho de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pMu8vF5X4sI>. Acesso em 04 nov. 2019.

O treino acabou, a guerra começa agora! Retrospectiva 2018. **MBL**, 29 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=46kLDlius5M>. Acesso em 04 de novembro de 2019.

VIEIRA, Henrique. Porque não votar em Bolsonaro. **Mídia Ninja**, 31 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3jIZVadlMYk>. Acesso em 04 de novembro de 2019.

PAPO reto. **Black Bloc RJ**, 19 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/BlackBlocRJ/videos/566028390487278/?v=566028390487278>. Acesso em 04 nov. 2019.

VÍDEO explicativo!. **Black Bloc RJ**, 04 de agosto de 2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/BlackBlocRJ/videos/554494614598706/?v=554494614598706>. Acesso em 04 de novembro de 2019.